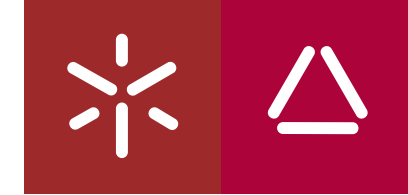


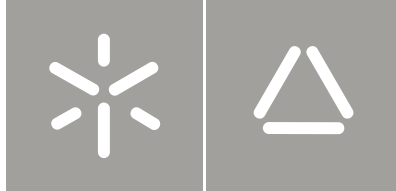


Joana Rita Pereira Inocêncio

Contextos e Práticas Funerárias Calcolíticas
no Baixo Alentejo Interior (Sudeste Alentejano)

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais





Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Joana Rita Pereira Inocêncio

Contextos e Práticas Funerárias Calcolíticas
no Baixo Alentejo Interior (Sudeste Alentejano)

Tese de Mestrado
Arqueologia

Trabalho efectuado sob a orientação do
Professora Doutora Ana Maria dos Santos Bettencourt

Outubro de 2013

DECLARAÇÃO

Nome: Joana Rita Pereira Inocêncio

Endereço electrónico: joanaa.arqueol@gmail.com

Telefone: 925802024

Número do Bilhete de Identidade: 13787966

Título dissertação:

Contextos e práticas funerárias calcolíticas do Baixo Alentejo interior

Orientadora:

Ana Maria dos Santos Bettencourt

Ano de conclusão: 2013

Ramo de Conhecimento: Arqueologia

DE ACORDO COM A LEGISLAÇÃO EM VIGOR, NÃO É PERMITIDA A REPRODUÇÃO DE QUALQUER PARTE DESTA DISSERTAÇÃO.

Universidade do Minho, ____/____/2013

Assinatura:_____

“...e não haver gestos novos nem palavras novas”

Florbela Espanca, *in* “Diário do Último Ano”, p.61

Aos meus pais, aos meus avós e ao Carlos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à minha orientadora a Professora Doutora Ana Maria dos Santos Bettencourt sem a qual este trabalho não teria sido possível. Juntas seguimos este caminho longo, como o que se faz do Norte ao Baixo Alentejo e, entre solavancos, fomos avançando. Estou grata por todas as recomendações e correções, por me ter permitido alargar os meus horizontes. Consigo aprendi a “pensar” com os sentidos, esses que são o que temos mais em comum com todos aqueles que viveram antes de nós.

Em segundo lugar, agradeço às empresas *Palimpsesto Lda.*; *Archeo’Estudos - Investigação Arqueológica Lda.*; *Emerita - Empresa Portuguesa de Arqueologia, Unipessoal Lda.* e *Neoépica Lda.* por terem disponibilizado os dados que tornaram este trabalho possível. Faço um agradecimento especial ao arqueólogo Eduardo Porfírio da *Palimpsesto Lda.*, e à arqueóloga Raquel Santos da *Neoépica Lda.*, por terem estado sempre disponíveis para responder às minhas dúvidas e por todas as sugestões.

Agradeço a Fernando J. Robles Henriques que cedeu as informações relativas ao monumento da Centirã 2. Ao Filipe Pereira, pela ajuda na realização dos mapas de localização das diferentes estações. À doutora Ana Maria Silva, do Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, agradeço pelo esclarecimento de alguns conceitos antropológicos.

No âmbito do estudo dos materiais cabe-me agradecer à Directora do Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa, a doutora Isabel Cunha e Silva, que disponibilizou uma sala com condições para a análise dos mesmos. À Clara Lobo, pela ajuda prestada e ao Manuel Santos, que tirou as fotografias dos materiais que se encontram no anexo.

À doutora Carla Martins, manifesto a profunda gratidão por se disponibilizado para fazer os desenhos e a tintagem dos materiais cerâmicos.

Aos meus amigos Vítor Silva e Catarina Braga por todas as vezes em que me deram o “empurrão” de que precisava para seguir em frente. Deixo também uma palavra de agradecimento ao colega Márcio Lourenço por todos os seus esclarecimentos.

Ao Carlos Bilreiro, agradeço todo o seu amor, a compreensão e o incentivo.

Por último, e também aqui se prova que os últimos são sempre os primeiros, agradeço aos meus pais pelo apoio incondicional, não apenas durante estes dois anos de trabalho mas durante todo o meu percurso. Agradeço o esforço que fizeram para que eu conseguisse alcançar este sonho. Reconheço agora as vossas palavras como a única verdade que nunca devia ter sido capaz de questionar.

Em suma, reconheço aqui o mérito de todas as pessoas que me acompanharam, direta ou indiretamente. Guiaram-me nesta etapa da minha vida e, como estrelas, mostraram como me manter no caminho certo sem perder a esperança, sem desistir do futuro mesmo quando o futuro se mostrava um deserto de oportunidades, um horizonte de incertezas que me metia medo e me fazia ter saudades de ser pequenina.

CONTEXTOS E PRÁTICAS FUNERÁRIAS CALCOLÍTICAS DO BAIXO ALENTEJO INTERIOR (SUDESTE ALENTEJANO)

Resumo

A presente dissertação tem como objetivo apresentar alguns dados e algumas considerações sobre o mundo funerário calcolítico do Baixo Alentejo interior através da análise comparativa de alguns casos de estudo encontrados nos sítios arqueológicos do Alto de Brinches 3 (São Salvador, Serpa, Beja), da Torre Velha 3 (São Salvador, Serpa, Beja) e de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo, Beja).

Nestes contextos foram analisadas treze estruturas funerárias tendo em conta os seguintes *ítems*: aspetos arquitetónicos, características do enterramento, género e idade dos indivíduos, paleopatologias e oferendas.

Os enterramentos foram realizados dentro dos povoados de Alto de Brinches 3 e Torre Velha 3 e no interior do recinto de Porto Torrão. Em termos arquitetónicos foram efetuados totalmente no interior de fossas escavadas no substrato rochoso, porém registámos três formas distintas de deposição dos corpos. Quanto aos ritos verificámos a prática de inumações individuais e duplas, maioritariamente primárias, apesar de terem surgido alguns casos de deposições secundárias, manifestadas através de ossários, reduções e ossos soltos. A orientação dos enterramentos era diversificada, porém o sentido oeste/este registou o maior número de casos. Os cadáveres foram enterrados essencialmente em decúbito lateral, com variações entre eles. As oferendas eram raras e muito diversificadas. Para os casos em que foi possível aferir o género, a maioria dos indivíduos correspondia a mulheres. A análise das paleopatologias não possibilitou a identificação de doenças que pudessem ser consideradas como a causa da morte dos indivíduos, sendo a maior parte o resultado das atividades praticadas no quotidiano, dos hábitos alimentares e da idade.

As características dos enterramentos sugerem que vivos e alguns mortos coabitariam no mesmo espaço, não se verificando uma separação física e ideológica entre os dois mundos. Parece existir um tratamento diferencial dos mortos no interior dos povoados e dos recintos, revelado na fraca ocorrência de contextos funerários e na desigualdade dos géneros e idades representados nos enterramentos. Os tipos de arquiteturas funerárias identificadas na região sugerem diversidade nos contextos funerários. Do mesmo modo também as práticas funerárias parecem caracterizar-se por alguma pluralidade. As orientações de enterramento parecem revelar conhecimento e relevância dos ciclos solares. A grande manipulação e circulação dos ossos humanos podem expressar a vinculação física e simbólica entre os diferentes lugares ocupados pelas comunidades. Os restos de fauna associados a enterramentos primários sugerem oferendas cárneas e a prática de ritos de comensalidade. Também a associação num mesmo contexto de um enterramento humano a um esqueleto completo de canídeo poderá revelar paridade entre homem-animal.

Palavras-chave: Contextos e práticas funerárias, Calcolítico, Baixo Alentejo interior

CONTEXTOS E PRÁTICAS FUNERÁRIAS CALCOLÍTICAS DO BAIXO ALENTEJO INTERIOR (SUDESTE ALENTEJANO)

Abstract

This dissertation aims to present some data and some considerations about the Chalcolithic funerary practices of Baixo Alentejo interior through the comparative analysis of some cases of study found in archaeological sites found in archaeological sites from Alto de Brinches 3 (São Salvador, Serpa, Beja), Torre Velha 3 (São Salvador, Serpa, Beja) and Porto Torrão (Ferreira do Alentejo, Beja).

In these contexts were analyzed thirteen funerary structures taking into account the following items: architectural aspects, characteristics of burial, age and gender of the individuals, paleopathologies and offerings.

The burials were conducted in the settlements of Alto de Brinches 3 and Torre Velha 3 and within the enclosure of Porto Torrão. In architectural terms were made entirely within the pits dug in the bedrock, but we noted three distinct forms of deposition of the bodies. As for the practice of rites we noticed single and double burials, mostly primary, although some cases have arisen secondary deposition, expressed through ossuaries, reductions and loose bones. The orientation of the burials was diverse, but the West/East direction recorded the highest number of cases. The corpses were buried mainly in lateral decubitus, with variations between them. The offerings were rare and diverse. For cases in which it was possible to determine gender, most individuals corresponded to women. The analysis of paleopathologies not enabled the identification of diseases that could be regarded as the cause of death of individuals, being largely the result of the activities practiced in everyday life, food habits and age.

The characteristics of the burials suggest that living and some dead cohabited in the same space and there were no ideological and physical separation between the two worlds. There appears to be differential treatment of the dead within the settlements and enclosures, revealed by the occurrence of few funerary contexts and inequality of gender and ages represented in burials. The types of funerary architectures identified in the region suggest diversity in funerary contexts. Likewise, also the burial practices seem to be characterized by some plurality. The orientation of the burials seems to reveal knowledge and relevance of solar cycles. The manipulation and circulation of human bones can express the physical and symbolic link between the different places occupied by the communities. The remains of fauna associated with primary burials suggest meat offerings and practice of commensal rites. The association in the same context of a human burial with a complete skeleton of canid may disclose parity between human-animal.

Keywords: Contexts and burial practices, Chalcolithic, Baixo Alentejo interior

ÍNDICE

DEDICATÓRIA	iii
AGRADECIMENTOS	iv
RESUMO	v
ABSTRACT	vi
ÍNDICE	vii
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	xi
LISTA DE FIGURAS	xii
LISTA DE QUADROS	xvi

I. INTRODUÇÃO

1.1. Estrutura do trabalho	1
1.2. Contextos e práticas funerárias do Alentejo durante o Calcolítico. O quadro dos conhecimentos	1
1.3. Objetivos	3

II. O BAIXO ALENTEJO INTERIOR: LOCALIZAÇÃO ADMINISTRATIVA E CARACTERÍSTICAS FÍSICAS

III. METODOLOGIA

3.1. Aspetos teóricos	9
3.1.1. Estudo dos contextos e das práticas funerárias pelos diferentes paradigmas	9
3.1.2. Conceitos e premissas teóricas adotadas	11
3.2. Aspetos práticos	12
3.2.1. Trabalho inicial de gabinete	12
3.2.2. Trabalho de laboratório	19
3.2.3. Trabalho avançado de gabinete	19

IV. CONTEXTOS E PRÁTICAS FUNERÁRIAS: OS DADOS

4.1. <i>Alto de Brinches 3</i>	21
4.1.1. Localização administrativa, contexto físico e ambiental	21
4.1.2. Breve historial dos trabalhos e caracterização arqueológica do sítio	22
4.1.3. Contextos e práticas funerárias	23
4.1.3.1. Contexto funerário 1 [UE 54]	23
4.1.3.1.1. Características arquitetónicas e estratigrafia	23
4.1.3.1.2. Características do enterramento	24
4.1.3.1.2.1. Os corpos	24
4.1.3.1.2.2. Os objetos	24
4.1.3.1.2.3. Outros depósitos associados	24
4.1.3.1.3. Paleopatologia	25
4.1.3.1.4. Outro espólio e cronologia	25
4.1.3.2. Contexto funerário 2 [UE 654]	27
4.1.3.2.1. Características arquitetónicas e estratigrafia	27

4.1.3.2.2. Características do enterramento	28
4.1.3.2.2.1. Os corpos	28
4.1.3.2.2.2. Os objetos	28
4.1.3.2.3. Outro espólio e cronologia	29
4.1.3.3. Contexto funerário 3 [UE 691]	30
4.1.3.3.1. Características arquitetônicas e estratigrafia	30
4.1.3.3.1.1. Características do enterramento	31
4.1.3.3.1.2. Os corpos	31
4.1.3.3.1.3. Os objetos	34
4.1.3.3.2. Outros depósitos	34
4.1.3.3.3. Paleopatologia	34
4.1.3.3.4. Outro espólio e cronologia	34
4.1.4. Discussão dos resultados	37
4.2. <i>Torre Velha 3</i>	41
4.2.1. Localização administrativa e contexto físico e ambiental	41
4.2.2. Breve historial dos trabalhos e caracterização arqueológica do sítio	42
4.2.3. Contextos e práticas funerárias	43
4.2.3.1. Contexto funerário 1 [2205]	43
4.2.3.1.1. Características arquitetônicas e estratigrafia	43
4.2.3.1.2. Características do enterramento	44
4.2.3.1.2.1. Os corpos	44
4.2.3.1.2.2. Os objetos	44
4.2.3.1.3. Outro espólio e cronologia	45
4.2.3.2. Contexto funerário 2 [2273]	47
4.2.3.2.1. Características arquitetônicas e estratigrafia	47
4.2.3.2.2. Características do enterramento	48
4.2.3.2.2.1. Os corpos	48
4.2.3.2.3. Outro espólio e cronologia	48
4.2.4. Discussão dos resultados	51
4.3. <i>Porto Torrão</i>	53
4.3.1. Localização administrativa e contexto físico e ambiental	53
4.3.2. Breve historial dos trabalhos e caracterização arqueológica do sítio	55
4.3.3. Contextos e práticas funerárias	64
4.3.3.1. Sector 3 – “Oeste” (1ª Fase)	64
4.3.3.1.1. Contexto funerário 1 (Sondagem VII)	64
4.3.3.1.1.1. Características arquitetônicas e estratigrafia	64
4.3.3.1.1.2. Características do enterramento	64
4.3.3.1.1.2.1. Os corpos	64
4.3.3.1.1.2.2. Os objetos	65

4.3.3.1.1.3. Paleopatologia	65
4.3.3.1.1.4. Estruturas associadas	66
4.3.3.1.2. Contexto funerário 2 (Sondagem XI)	66
4.3.3.1.2.1. Características arquitetônicas e estratigrafia	66
4.3.3.1.2.2. Características do enterramento	66
4.3.3.1.2.2.1. Os corpos	66
4.3.3.1.2.2.2. Os objetos	66
4.3.3.1.2.3. Paleopatologia	67
4.3.3.1.3. Contexto funerário 3 (Sondagem XI)	67
4.3.3.1.3.1. Características arquitetônicas e estratigráficas	67
4.3.3.1.3.2. Características do enterramento	67
4.3.3.1.3.2.1. Os corpos	67
4.3.3.1.3.2.2. Os objetos	68
4.3.3.1.3.3. Paleopatologia	68
4.3.3.2. Sector 1 (2ª fase)	68
4.3.3.2.1. Contexto funerário 4 (Área I)	68
4.3.3.2.1.1. Características arquitetônicas e estratigrafia	68
4.3.3.2.1.2. Características do enterramento	68
4.3.3.2.1.2.1. Os corpos	68
4.3.3.2.1.2.2. Os objetos	69
4.3.3.2.1.3. Paleopatologia	69
4.3.3.3. Sector 3 – “Oeste” (2ª Fase)	69
4.3.3.3.1. Contexto funerário 5 (Área A, UE 0043a=0043b)	69
4.3.3.3.1.1. Características arquitetônicas e estratigrafia	69
4.3.3.3.1.2. Características do enterramento	70
4.3.3.3.1.2.1. Os corpos	70
4.3.3.3.1.2.2. Os objetos	70
4.3.3.3.1.3. Paleopatologia	70
4.3.3.3.2. Contexto funerário 6 (Área D)	70
4.3.3.3.2.1. Características arquitetônicas e estratigráficas	70
4.3.3.3.2.2. Características do enterramento	71
4.3.3.3.2.2.1. Os corpos	71
4.3.3.3.2.2.2. Os objetos	72
4.3.3.3.2.2.3. Paleopatologia	72
4.3.3.3.3. Contexto funerário 7 (Área D)	73
4.3.3.3.3.1. Características arquitetônicas e estratigráficas	73
4.3.3.3.3.2. Características do enterramento	73
4.3.3.3.3.2.1. Os corpos	74
4.3.3.3.3.2.2. Os objetos	74
4.3.3.3.3.3. Paleopatologia	74

4.3.3.3.4. Contexto funerário 8 (Área E)	74
4.3.3.3.4.1. Características arquitectónicas e estratigráficas	74
4.3.3.3.4.2. Características do enterramento	75
4.3.3.3.4.2.1. Os corpos	75
4.3.3.3.4.2.2. Os objetos	75
4.3.3.3.4.3. Paleopatologia	75
4.3.3.3.5. Contexto funerário 9 (Área E)	75
4.3.3.3.5.1. Características arquitectónicas e estratigráficas	75
4.3.3.3.5.2. Características do enterramento	76
4.3.3.3.5.2.1. Os corpos	76
4.3.3.3.5.2.2. Os objetos	76
4.3.3.3.5.3. Paleopatologia	76
4.3.4. Discussão de dados	76
V. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E INTERPRETAÇÕES	79
5.1. Discussão dos resultados	79
5.1.1. Contextos culturais dos achados	79
5.1.2. Características arquitectónicas	80
5.1.3. Características de enterramento: as práticas funerárias	81
5.1.4. Os corpos	86
5.1.5. Paleopatologia	87
5.1.6. A questão cronológica	88
5.2. Interpretações	92
VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
BIBLIOGRAFIA	99
Bibliografia geral	99
Relatórios de escavação	103
Cartografia	104
Webgrafia	104
ANEXOS	105
ANEXO I. Inventário de contextos funerários	107
ANEXO II. Registo fotográfico de materiais cerâmicos e líticos	117
ANEXO III. Desenho arqueológico dos materiais cerâmicos	125
ANEXO IV. Tabelas de descrição dos materiais cerâmicos	129

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AB3 – Alto de Brinches 3

AC – Antes de Cristo

CM – Centímetro

E.N.P – Elementos não plásticos

EN – Estrutura Negativa

ESP. – Espessamento

IND – Indeterminado

INV – Inventário

M – Metro

NMI – Número mínimo de indivíduos

PTO – Porto Torrão

TRAT. – Tratamento

TV3 – Torre Velha 3

UE – Unidade Estratigráfica

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização dos sítios de Alto de Brinches 3, Torre Velha 3 e Porto Torrão no Baixo Alentejo.	4
Figura 2 – Tabela morfológica utilizada no estudo dos recipientes de Perdigões.	14
Figura 3 – Tabela morfológica utilizada no estudo dos recipientes de Perdigões (continuação).	15
Figura 4 – Tabela morfológica dos recipientes cerâmicos dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve.	16
Figura 5 – Localização de Alto de Brinches 3 na Carta Militar de Portugal, Folha nº 522, 1997.	21
Figura 6 – Localização de Alto de Brinches 3 no Google Maps.	22
Figura 7 – Visibilidade da envolvente a partir do sítio de Alto de Brinches 3-	23
Figura 8 – Enterramento em fossa do indivíduo [505].	23
Figura 9 – Pormenor do enterramento do esqueleto [505].	24
Figura 10 – Enterramento do canídeo, ao centro da fossa.	24
Figura 11 – Desenho de perfil da [fossa 586], com a representação do esqueleto [505] (vermelho) e das UE'S 54 (azul) e 547 (verde) cujos materiais foram alvo de estudo.	25
Figura 12 – Percentagem de fragmentos por UE'S.	25
Figura 13 – Classificação dos fragmentos da UE 54.	26
Figura 14 – Tratamento de superfície dos fragmentos por UE.	26
Figura 15 – Tipo de cozedura dos fragmentos por UE.	26
Figura 16 – Tipologia dos fragmentos cerâmicos da UE 54.	27
Figura 17 – Fossa [691]. Depósito sedimentar (U.E. 690) onde foi aberta a sepultura plana [689] assinalada pelo círculo a vermelho.	27
Figura 18 – Pormenores do enterramento [661] em sepultura plana.	28
Figura 19 – Objeto em osso polido depositado junto ao crânio do indivíduo [661].	29
Figura 21 – Tratamento de superfície dos fragmentos da UE 687.	29
Figura 20 – Classificação dos fragmentos da UE 687.	29
Figura 22 – Tipo de cozedura dos fragmentos da UE 687.	30
Figura 23 – Tipologia dos materiais cerâmicos da UE 687.	30
Figura 24 – Parte do crânio do esqueleto 1 [639] coberto pela (U.E. 638), correspondente aos blocos pétreos.	32
Figura 25 – Pormenor do crânio do esqueleto 1 da fossa 691 [639].	32
Figura 26 -Enterramento do indivíduo 2, na fossa 691.	32
Figura 27 – Ossário 1 [453], na fossa 691.	33
Figura 28 – Ossário 2 [637], na fossa 691.	33
Figura 29 – Redução [469], fossa 691.	34

Figura 30 – Desenho do perfil N-S da [fossa 691], com tintagem de Rui Clemente, realizado no âmbito da intervenção em AB3. Representação das UE'S 262 (laranja), 577 (vermelho), 628 (cinzento), 638 (verde) e 690 (azul) cujos materiais foram alvo de estudo.	35
Figura 31 – Percentagem de fragmentos cerâmicos por UE'S.	35
Figura 32 – Classificação dos tipos de fragmentos por UE'S da fossa 691.	35
Figura 33 – Tratamento de superfície dos fragmentos por UE'S.	36
Figura 34 – Tipo de cozedura dos fragmentos por UE'S.	36
Figura 35 – Formas cerâmicas identificadas por UE'S.	37
Figura 36 – Representatividade das formas cerâmicas na Fossa 691.	37
Figura 37 – Representatividade dos fragmentos, por tipo, nos três enterramentos de AB3.	40
Figura 38 – Tipologia dos materiais cerâmicos recuperados dos enterramentos de AB3.	40
Figura 39 – Objetos líticos encontrados nos contextos funerários de AB3.	40
Figura 40 – Matérias-primas utilizadas no fabrico dos objetos líticos.	41
Figura 41 – Localização da Torre Velha 3 na Carta Militar de Portugal, Folha 523, 1997.	41
Figura 42 – Localização do sítio de Torre Velha 3 no Google Maps.	42
Figura 43 – Vista parcial do sítio da Torre Velha 3.	42
Figura 44 – Vista parcial das estruturas identificadas na Torre Velha 3.	43
Figura 45 – Fossa [2205], vista do “anel pétreo” [U.E. 2082] e relação com o esqueleto.	44
Figura 47 – Desenho do perfil O-E da [fossa 2205], com tintagem de Carolina Grilo, realizado no âmbito da intervenção em TV3. Representação das UE'S 2025 (azul), 2082 (verde), 2194 (amarelo) cujos materiais foram alvo de estudo e localização do esqueleto (vermelho).	45
Figura 46 – Enterramento de um indivíduo [1998]=[2155] na fossa [2205].	44
Figura 48 – Percentagem de fragmentos por UE'S.	45
Figura 49 – Classificação dos tipos de fragmentos por UE'S.	45
Figura 50 – Tratamento de superfície dos fragmentos por UE'S.	46
Figura 51 – Tipo de cozedura dos fragmentos por UE'S.	46
Figura 52 – Tipologia dos materiais cerâmicos por UE'S.	47
Figura 53 – Vista do “anel pétreo” [U.E. 2014] e relação com o esqueleto.	48
Figura 54 – Pormenor do enterramento do indivíduo [2155].	48
Figura 55 – Desenho do perfil N-S da fossa 2273, com tintagem de Rui Clemente, realizado no âmbito da intervenção em TV3. Representação das UE'S 898 (laranja), 2014 (vermelho), 2199 (azul) cujos materiais foram alvo de estudo e localização do esqueleto [2015] (verde).	49
Figura 56 – Percentagem de fragmentos por UE'S.	49
Figura 57 – Classificação dos tipos de fragmentos por UE'S.	49
Figura 58 – Tratamento de superfície dos fragmentos por UE.	50
Figura 59 – Tipo de cozedura por UE.	50

Figura 60 – Tipologia dos materiais cerâmicos por UE'S.	50
Figura 61 – Representatividade dos fragmentos, por tipo, nos dois enterramentos de TV3.	52
Figura 62 – Tipologia dos materiais cerâmicos dos contextos funerários de TV3.	52
Figura 63 – Objetos líticos identificados nos contextos funerários de TV3.	52
Figura 64 – Matérias-primas utilizadas no fabrico dos objetos líticos.	53
Figura 65 – Localização do Porto Torrão na Carta Militar de Portugal, Folha nº 509, 1997.	53
Figura 66 – Localização de Porto Torrão com a representação do alinhamento possível das diversas linhas de fosso detetadas no decurso da intervenção arqueológica, bem como através da intervenção da empresa <i>ERA</i> , em 2002.	54
Figura 67 – Vista sobre a área antes da intervenção.	54
Figura 68 – Localização dos diferentes sectores na área intervencionada em Porto Torrão. Área da intervenção arqueológica (a vermelho). Alinhamento possível das diversas linhas de fosso detetadas no decurso da intervenção, bem como através da intervenção da <i>Era</i> , em 2002.	58
Figura 69 – Vestígios detetados no Sector 1.	58
Figura 70 – Vestígios detetados no Sector 2.	59
Figura 71 – Vestígios detetados no Sector 3 - "Oeste".	60
Figura 72 – Vestígios detetados no Sector 3 - "Este".	61
Figura 73 – Enterramento do indivíduo [3114] na fossa [3107].	65
Figura 74 – Pormenor dos blocos pétreos depositados sobre os pés do indivíduo [3114].	65
Figura 75 – Enterramento do indivíduo [3164] na fossa [3168].	66
Figura 76 – Deposição secundária de uma calote craniana.	67
Figura 77 – Pormenor da calote craniana humana.	67
Figura 78 – Enterramento do indivíduo [1289] na fossa [1250].	68
Figura 79 – Material recuperado da fossa [1250], em associação com o indivíduo [1289].	69
Figura 80 – Enterramento do indivíduo [0054].	70
Figura 81 – a) Camada com vestígios de fauna mamalógica; b) camada com vestígios de combustão; c) fragmentos de um vaso campaniforme recolhidos em diferentes depósitos do enchimento da fossa.	70
Figura 82 - Enterramento duplo dos indivíduos (0063e) e (0063f).	71
Figura 83 - Pormenor da deposição do recipiente cerâmico sobre o indivíduo e fotografia do vaso.	72
Figura 84 – Enterramento do indivíduo [0077b].	74
Figura 85 – Deposição secundária de um crânio [1512b].	75
Figura 86 – Pormenor do desgaste dentário.	75
Figura 87 – Pormenor da área onde se registou o aparecimento dos enterramentos.	76
Figura 88 – Enterramentos primários na fossa 691.	80

Figura 89 – Formas de deposição dos corpos no interior de fossas.	80
Figura 92 – Características morfológicas das fossas em relação ao contorno e ao perfil, respetivamente.	81
Figura 93 - Dimensões das fossas.	81
Figura 90 – Plano final da fossa 3107	81
Figura 91 – Plano final da fossa [2205] de TV3	81
Figura 94 – Posição dos enterramentos primários.	83
Figura 95 – Posição de enterramento segundo o género e a idade à época da morte.	83
Figura 96 – Orientação dos enterramentos primários.	83
Figura 97 – Relação da idade e do género com a orientação espacial das inumações primárias.	84
Figura 98 – Partes do esqueleto representadas nas deposições secundárias.	84
Figura 99 – Género dos indivíduos recuperados dos contextos funerários.	86
Figura 100 – Idade à época da morte.	86
Figura 101 – Número de indivíduos representados segundo o género e a idade à época da morte.	87
Figura 102 – Total de fragmentos, por tipo, dos contextos funerários de AB3 e TV3.	89
Figura 103 – Representatividade das formas cerâmicas identificadas.	90
Figura 104 – Tipos cerâmicos representados nos contextos funerários segundo	90
Figura 105 – Subtipos cerâmicos representados nos contextos funerários segundo a tabela morfológica de M. Lago <i>et al.</i> (1998).	91

LISTA DE QUADROS

Quadro I. Tipos de fossas onde se registaram deposições funerárias	38
Quadro II. Características de fossas sepulcrais	51
Quadro III. Datas de Radiocarbono de Porto Torrão	56
Quadro IV. Características dos tipos de fossas sepulcrais	77
Quadro V. Tipo e número de deposições por sítio	82
Quadro VI. Características de enterramento dos indivíduos com oferendas	85
Quadro VII. Tipo de enterramento e idade dos não-adultos	86
Quadro VIII. Paleopatologias encontradas	88

I. INTRODUÇÃO

1.1. Estrutura do trabalho

Este trabalho foi dividido em seis capítulos.

O capítulo I corresponde à parte introdutória do trabalho onde se apresenta o estado da arte do mundo funerário do Calcolítico no Alentejo, assim como os objetivos que conduziram à realização desta dissertação.

No capítulo II é feita a caracterização administrativa e física do Baixo Alentejo interior. Em termos físicos analisámos, de forma sucinta, a geologia, a litologia, o relevo, a hidrografia, as características dos solos e a ocorrência de minérios metálicos na região.

A metodologia deste trabalho é apresentada no capítulo III. No âmbito dos aspetos teóricos são expostos os conceitos e as premissas teóricas adotadas. No mesmo capítulo é explicitado o trabalho inicial de gabinete, o trabalho de laboratório e o trabalho avançado de gabinete.

O ponto IV corresponde à descrição dos dados. Em cada sítio arqueológico apareceu mais do que um contexto funerário. Deste modo, optámos por fazer, para cada sítio, uma descrição das particularidades de cada um dos seus contextos. Terminada a descrição individual foi feita uma discussão dos dados onde sistematizámos as características da utilização funerária do sítio arqueológico.

A construção do capítulo V fez-se através da análise dos dados expostos no capítulo anterior. É apresentada a discussão dos resultados com base na comparação dos contextos entre si e destes com outros que se conhecem para a região em estudo. Procurámos ainda alargar o nosso conhecimento do mundo funerário Calcolítico, através da comparação destes contextos com alguns que se conhecem para outras regiões, nomeadamente, no Alto Alentejo, no Algarve, na Meseta Norte e na Estremadura Espanhola. Desta articulação resultaram as interpretações que também integram este momento do trabalho.

O último momento corresponde às considerações finais onde, de forma breve, explicamos algumas limitações e deixamos perguntas em aberto que poderão servir como ponto de partida para a realização de novos trabalhos.

1.2. Contextos e práticas funerárias do Alentejo durante o Calcolítico. O quadro dos conhecimentos

Apesar deste trabalho incidir apenas sobre os contextos funerários da região do Baixo Alentejo interior, entendemos necessária a sintetização dos conhecimentos existentes sobre as práticas e os contextos funerários do Alentejo, durante o Calcolítico, de forma a tornar possível a inserção dos dados aqui estudados, numa escala mais ampla de análise.

Durante décadas, as expressões funerárias conhecidas, associadas às comunidades calcolíticas que ocuparam este território foram: os monumentos megalíticos, construídos em época anterior, e os *tholoi* ou monumentos de falsa cúpula (Cardoso, 2002; Calado, 2006; Silva e Soares, 2006).

Os primeiros trabalhos sobre os *tholoi*, para a região do Baixo Alentejo, foram realizados por Abel Viana, Rui Freire de Andrade, António Serralheiro e Octávio da Veiga Ferreira, na segunda metade do século XX (Viana, 1959; Viana *et al.*, 1959; Silva e Soares, 1976/1977). Segundo A.

Viana e R. Freire de Andrade, citados em J. L. Cardoso (2002) e M. Calado (2006), os *tholoi* teriam uma origem meridional, tendo-se expandido para norte a partir da Andaluzia. Estes, de arquitectura menos monumental que os monumentos megalíticos teriam requerido um menor esforço por parte das comunidades na sua construção, ainda que tivessem algum destaque no meio devido aos seus montículos artificiais (Cardoso, 2002).

As alterações registadas nos modos de construir e utilizar os monumentos funerários indicam mudanças ao nível da mentalidade e da visão cosmogónica das comunidades calcolíticas, embora num processo de mudança em continuidade.

Ainda que os significados anteriores não se percam, estes podem ser “usados” à imagem de um novo pensamento com o intuito de se criar uma nova memória ou se dar um novo sentido aos antigos lugares. É, neste âmbito, que se devem analisar os monumentos do tipo *tholoi* construídos de forma anexa ao dólmen do Olival da Pega, na região de Reguengos de Monsaraz (Cardoso, 2002). Neste contexto, a associação entre o monumento megalítico e dois *tholoi* evidencia inexistência de uma rutura cultural efetiva entre as comunidades calcolíticas e os seus antepassados neolíticos (Calado, 2006) atestada também, pela manutenção de certos aspetos do rito funerário (Cardoso, 2002).

A continuidade verificada, indica partilha de aspetos simbólicos com as comunidades anteriores e terá tornado menos visíveis as possíveis influências produzidas pelas relações extra-regionais (Calado, 2006).

A partir dos meados do III milénio AC, dá-se uma alteração dos rituais funerários associada ao campaniforme. As comunidades calcolíticas apesar de continuarem a ocupar espaços funerários de carácter coletivo, distinguem-se agora por praticarem enterramentos mais individualizados, tumulando poucos indivíduos aos quais associam espólios compostos por objetos de estilo campaniforme (Cardoso, 2002; Calado, 2006; Silva e Soares, 2006).

De uma forma geral podemos considerar que o Alentejo se caracterizou, durante várias décadas, por ser um espaço com fraca ocorrência de vestígios arqueológicos calcolíticos, aspeto relacionado com o reduzido investimento em trabalhos de prospeção e de escavação neste âmbito.

Com o advento do projeto da Barragem do Alqueva esta situação alterou-se. Os projetos e as obras que decorreram entre 1984 e 2010, foram alvo de acompanhamentos arqueológicos. Para alguns sítios houve necessidade de se proceder à escavação arqueológica da área que viria a ser afetada. Estes trabalhos permitiram recuperar informações que colocaram em evidência uma ocupação bastante significativa deste espaço, nomeadamente, no que ao Calcolítico diz respeito em termos de recintos ou povoados monumentais (Valera e Filipe, 2004; Valera *et al.*, 2010; Valera e Filipe, 2010; Valera *et al.* no prelo a; Valera *et al.* no prelo b), em termos de povoados (Alves *et al.*, 2009; 2010) e em termos de alguns contextos funerários.

Em 2006, trabalhos arqueológicos permitiram a identificação dos primeiros contextos funerários do tipo hipogeu no Alentejo interior, designadamente a necrópole de hipogeus da Sobreira de Cima, Vidigueira, cujos monumentos terão sido construídos na 2ª metade do IV milénio AC, tendo um deles sido, possivelmente, reutilizado na 1ª metade do III milénio AC (Valera, 2012a; Valera *et al.*, no prelo b). Posteriormente, descobriram-se hipogeus construídos pelas comunidades do Calcolítico, como é o caso de Monte de Cortes 2, Serpa (Valera *et al.*, 2010b), e de Monte do Carrascal 2, Ferreira do Alentejo (Valera *et al.*, no prelo a).

Para além dos hipogeus, nos últimos anos outro tipo de arquitetura funerária calcolítica tem vindo a ser encontrada no Alentejo. Referimo-nos às fossas abertas no solo ou no substrato

rochoso. Estas foram registadas nos recintos dos Perdigões, Reguengos de Monsaraz, de Porto Torrão, Ferreira do Alentejo, do Outeiro Alto 2, Serpa; nos sítios da Ribeira de Pias 2, Serpa, na Ribeira de São Domingos 1, Serpa, e no Monte das Covas 3, Beja (Valera, 2012a); assim como nos povoados de Alto de Brinches 3 e da Torre Velha 3 (Alves *et al.*, 2009; 2010).

Tal como ocorre para os hipogeus, também estas estruturas parecem ter sido construídas durante um período considerável, pelo menos, desde o Neolítico Final, Calcolítico e Idade do Bronze. Nestas têm sido encontradas deposições humanas primárias e secundárias, por vezes com associações a fauna mamalógica e malacológica durante o Calcolítico (Inocêncio e Bettencourt, no prelo; Valera, 2012a).

Mais recente é a descoberta de deposições humanas no interior de fossos (Valera e Godinho 2010; Valera, 2012a). Estes vestígios foram identificados nos Perdigões, estando datados do Calcolítico (Valera e Silva, 2011; Valera, 2012a) e em Porto Torrão (Valera, 2012a).

Quanto às práticas funerárias, em trabalhos publicados recentemente (Valera e Silva, 2011; Valera, 2012a; Valera *et al.* no prelo a) dá-se a conhecer uma nova realidade no que às deposições secundárias diz respeito. Foram identificadas deposições secundárias compostas por ossos humanos cremados no hipogeu do Monte do Carrascal 2 e no recinto dos Perdigões. No primeiro caso, estes restos apareceram no interior do fosso que dava acesso ao conjunto de hipogeus. A análise dos ossos permitiu concluir a presença de um mínimo de 5 indivíduos. Nos Perdigões, este tipo de deposição foi registada no interior de duas estruturas do tipo fossa. Numa delas, datada por radiocarbono de meados do 3º milénio AC (Valera, 2012a), apareceram associados a ossos cremados, fragmentos de cerâmica, de pontas de seta e de ídolos em marfim (*idem*). Segundo a mesma fonte, a análise dos restos ósseos evidenciou uma cremação realizada ao ar livre.

As intervenções e as publicações permitiram dar a conhecer um conjunto de vestígios importantes no âmbito dos contextos e práticas funerárias para a respetiva região. Estes trabalhos alteraram aquilo que se considerava ser a realidade das práticas funerárias do Alentejo, provocando aquilo que Valera *et al.* (2008), considera uma “revolução empírica”. Deixámos de ter um estudo da morte baseado, apenas, nos enterramentos em dólmenes, cistas e *tholoi*, para nos depararmos com uma diversidade de contextos, ritos e práticas funerárias, cujas publicações se têm, em parte, efetuado no âmbito do projecto “*Práticas funerárias da Pré-História Recente no Baixo Alentejo e retorno sócio-económico de programas de salvamento patrimonial*” de que António Carlos Valera é o investigador responsável.

No entanto, escasseiam os trabalhos monográficos e as sínteses sobre este período concreto, nomeadamente no que aos contextos em fossa diz respeito. Pareceu-nos pertinente a realização de uma análise dos dados obtidos para alguns sítios arqueológicos do Baixo Alentejo interior, contribuindo, deste modo, para o conhecimento dos contextos e práticas funerárias calcolíticas desta área geográfica.

1.3. Objetivos

O trabalho que aqui se apresenta é o resultado de um projeto de mestrado apresentado à Universidade do Minho, que se intitula “*Contextos e práticas funerárias calcolíticas do Baixo Alentejo interior (Sudeste Alentejano)*” e que visa a obtenção do grau de Mestre em Arqueologia. Este projeto nasceu da vontade de contribuir para a produção de conhecimento no âmbito da Arqueologia da Morte e para o aumento do conhecimento do mundo funerário do Baixo Alentejo, sendo objeto de estudo os contextos e as práticas funerárias calcolíticas de um conjunto de sítios

inéditos ou parcialmente publicados do Baixo Alentejo interior a saber: Alto de Brinches 3 e Torre Velha 3, ambos no concelho de Serpa e Porto Torrão, no concelho de Ferreira do Alentejo (Fig. 1).

Os objetivos estabelecidos conduziram-nos a um estudo dos respetivos contextos tendo em conta a sua localização espacial e arqueológica, os seus aspetos arquitetónicos, as características do(s) enterramento(s), as oferendas, e o género e a faixa etária dos cadáveres, sempre que tal foi possível. Considerámos, ainda, algumas paleopatologias, nomeadamente, aquelas que nos podiam conceder informações quanto ao tipo de dieta dos indivíduos ou da sua atividade. A análise destes aspetos teve em vista a realização de um estudo comparativo entre os diferentes lugares, atentando às suas particularidades e regularidades de modo a percebermos se existia uma simbologia comum entre as comunidades de diferentes locais ou se estávamos perante visões cosmogónicas distintas.

Posteriormente dados inéditos e trabalhados nesta dissertação foram integrados no quadro dos conhecimentos para esta área geográfica, com vista a uma síntese mais global e à elaboração de um quadro de questões.

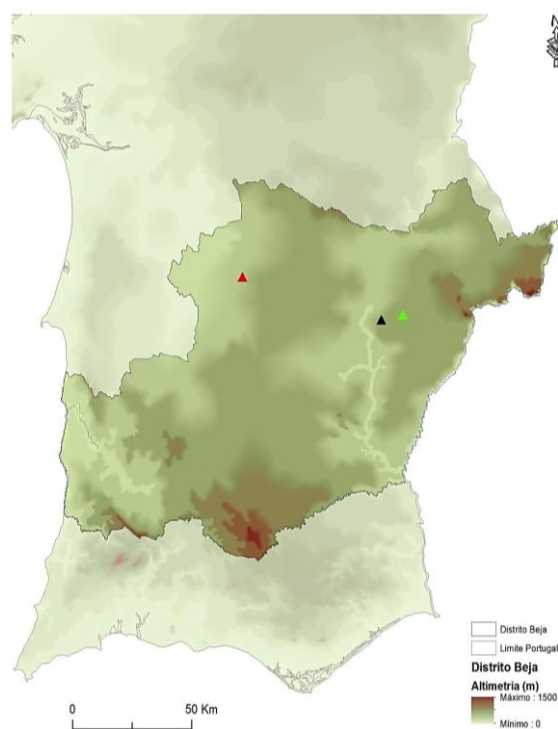


Figura 1 – Localização dos sítios de Alto de Brinches 3 ▲, Torre Velha 3 ▲ e Porto Torrão ▲ no Baixo Alentejo (seg. Filipe Pereira).

II. O BAIXO ALENTEJO INTERIOR: LOCALIZAÇÃO ADMINISTRATIVA E CARACTERÍSTICAS FÍSICAS

Administrativamente, o Baixo Alentejo integra a região do Alentejo e é limitado a norte pelo distrito de Évora, a leste por Espanha e a sul pelo distrito de Faro. Do Baixo Alentejo Interior fazem parte as cidades de Barrancos, Moura, Serpa e Mértola que fazem fronteira com Espanha, e Almodôvar, Castro Verde, Ourique, Aljustrel, Ferreira do Alentejo, Alvito, Cuba, Vidigueira e Beja sendo esta última a capital de distrito.

A peneplanície é a unidade fundamental do relevo do Alentejo, caracterizando-se no Baixo Alentejo interior pela presença de altitudes pouco significativas que conferem à paisagem uma aplanção quase perfeita. Esta peneplanície é interrompida por alguma ondulação residual da superfície originada *pelo “rejuvenescimento quaternário em função do encaixe do rio Guadiana e dos seus afluentes”* (Rebelo, 1994:21).

Quanto à hidrografia, o rio Guadiana é a principal linha de água da região. Corre no sentido N-S e é um rio de regime torrencial, com grandes cheias na época das chuvas. Tem vários afluentes e subafluentes em ambas as margens, destacando-se na área em estudo a ribeira do Enxoe e a ribeira do Vale do Ouro, esta última que cruza o sítio arqueológico de Porto Torrão. As características desta linha de água propiciaram a construção da Barragem do Alqueva e do respetivo sistema de rega.

A área em questão ocupa a grande unidade geoestrutural designada por Maciço Hespérico. O Maciço Hespérico, embora seja constituído por terrenos precâmbrios e paleozóicos, podem ocorrer situações de recobertura por depósitos modernos (Teixeira, 1981). Caracteriza-se *“por superfícies de erosão fracturadas ou balanceadas e levantadas a cotas variadas, com alguns relevos residuais (devidos a uma maior resistência ou à posição)”* (Araújo, 1995:39) onde predominam as rochas graníticas e xistosas, existindo também os quartzitos e rochas metamórficas (Rebelo, 1994).

Esta região ocupa duas unidades tectono-estratigráficas, a Zona de Ossa-Morena e a Zona Sul-Portuguesa (Ribeiro *et al.*, 1987). A primeira corresponde a uma Zona Interna, com maior representação do Precâmbrio e Paleozóico inferior resultando em deformação mais intensa e onde *“o magmatismo e metamorfismo sinorogénicos são mais acentuados”* (Ferreira, 2000:37); já na Zona Sul-Portuguesa, uma Zona Externa com maior representatividade do Paleozóico superior, ocorre o oposto (Ferreira, 2000).

A Zona de Ossa-Morena *“pode interpretar-se como um testemunho de crosta continental atenuada, situada entre um domínio oceânico representado pelos ofiólitos de Beja-Acebuches, a SW, e a crosta continental normal, a NE, correspondente à Zona Centro-Ibérica”* (Araújo, 1995:46). Aqui ocorrem, a nível estrutural, as rochas intrusivas hercínicas, nomeadamente os granitóides, gabros e dioritos, assim como os pórfiros de Baleizão; no Maciço de Beja, os basaltos e tufos básicos, e os gabros e dioritos; no complexo vulcano sedimentar de Moura os xistos de Moura e metavulcanitos ácidos e básicos associados; e as Antiformas de Ficalho, Serpa e S. Brissos compostas por séries metamórficas com cobertura carbonada e vulcano detrítica discordante (Oliveira *et al.*, 1992).

No Maciço de Beja ocorrem formações do Paleozóico, mais concretamente do Carbónico e do Devónico, nomeadamente, os granitos, os *Pórfiros de Baleizão* (pórfiros rio-dacíticos, granófiros), o *Complexo gabro-diorítico de Cuba* (gabros, dioritos, quartzo-dioritos e granófiros), os *Dioritos de*

Monte Novo (dioritos e granidioritos), os *Xistos de Alfândão* (xistos ardosíferos e xistos grauvacóides), os *Dioritos de Casa Branca*, os *Gabros de Beja* (gabros e anortositos cumulados), o *Complexo básico de Odivelas* (calcários, tufos, cineritos, brejas, basaltos e diabases), e o *Complexo máfico-ultramáfico de Beja-Acebuches* (anfíbolitos, granulitos, “flaser” gabros, serpentinitos e anfíbolitos) (*idem*).

Nas Antiformas de Ficalho, Serpa e S. Brissos ocorrem as formações do Paleozóico e do Precâmbrico. Ao Silúrico corresponde o *Complexo vulcano-sedimentar de Moura-Santo Aleixo* (metavulcanitos básicos, xistos sericito-cloríticos com quartzo de exsudação, metavulcanitos ácidos, líditos e chertes negros). Do Ordovícico, é o *Complexo vulcano-sedimentar de Ficalho* com metavulcanitos básicos, metavulcanitos ácidos, mármore e calcários dolomíticos; do Proterozóico, são as rochas quartzo feldspáticas, a *Série Negra*, os micaxistos, os gnaisses biotíticos, os quartzitos negros, os anfíbolitos e os gnaisses anfíbólicos; e ao Câmbrio correspondem os dolomitos e mármore com forsterite (*idem*).

Da Zona de Ossa-Morena faz ainda parte o Sector de Barrancos com formações Paleozóicas do Carbónico, Devónico, Silúrico, Ordovícico e Câmbrio, que compõem o *Sinclinal de Terena* (*idem*).

Já a Zona Sul-Portuguesa é constituída por rochas mais recentes do que as que afloram nas zonas centrais, “as rochas mais antigas são do Devónico médio. A conhecida faixa piritosa, que se localiza perto do contacto entre a Zona de Ossa-Morena e a Sul-Portuguesa e onde existem as maiores reservas do mundo de pirites, fica a dever-se a processos sedimentares submarinos relacionados com o vulcanismo desenvolvido num processo de distensão crustal posterior ao choque entre aquelas duas zonas” (Araújo, 1995:46). A nível estrutural, encontra-se aqui o grupo do Flysch do Baixo Alentejo, o complexo vulcano-sedimentar e formação filito-quartzítica indiferenciados, da Faixa Piritosa, para além da Antiforma do Pulo do Lobo com a formação do Polo do Lobo e unidades detriticas suprajacentes e os metabasaltos (Oliveira *et al.*, 1992).

A Faixa Piritosa subdivide-se entre o Sub-Sector Pomarão-Castro Verde e o Sub-Sector Mértola-Albernoa. No primeiro, com formações do Carbónico, o Grupo do Flysch do Baixo Alentejo está presente na *Formação de Mira* (turbiditos) e na *Formação de Mértola* (turbiditos e conglomerados); o *Complexo vulcano-sedimentar* divide-se em xistos, jaspes, chertes, pelitos, siltitos, arenitos impuros com nódulos de Fe/Mn, espilitos, andesitos, diabases indiferenciados, tuvos e lavas rio-dacíticas; e a *Formação Filito-Quartzítica*, composta por filitos, siltitos, arenitos impuros e ortoquartzitos (*idem*). No Sub-Sector Mértola-Albernoa ocorre a *Formação de Mértola*, a *Formação de Freixial* com pelitos siltitos e grauvaques subordinados; o *Complexo vulcano-sedimentar* e a *Formação Filito-Quartzítica*, já descritos; para além da *Formação de Barranco do Homem* (filitos, siltitos e quartzovaques) (*idem*).

Ainda na Faixa Piritosa, no Sector Norte, encontram-se as formações da Antiforma do Pulo do Lobo. A *Formação de Gafo* com turbiditos, xistos roxos, metavulcanitos ácidos e intermédio-básicos); a *Formação de Horta da Torre* (arenitos, siltitos, pelitos e xistos negros), a *Formação de Santa Iria* com turbiditos, a *Formação de Ribeira de Limas* (quartzovaques, filitos e raros tufitos), a *Formação de Atalaia* (quartzovaques, arenitos e filitos) e a *Formação de Pulo do Lobo* com filitos e quartzitos com quartzo de exsudação, raros metavulcanitos ácidos e metabasaltos (*idem*).

Litologicamente, o Baixo Alentejo Interior é composto essencialmente por rochas sedimentares, existindo áreas com presença de rochas sedimentares e vulcânicas, assim como formações sedimentares detriticas (Ferreira, 2000). As últimas têm incidência, essencialmente na zona de afloramentos devónicos entre Ferreira do Alentejo e Ficalho.

Quanto às ocorrências minerais na região, o principal minério é o *Cu*, estando menos representados o *Fe-Mn*, o *Pb*, o *Zn* e o *Au-Ag* (Ferreira, 2000).

No tipo de solo existe predomínio dos litossolos, ocorrendo também os *rankers* e os luvissolos. Nesta área, os solos são predominantemente ácidos, excepcionalmente encontram-se solos alcalinos e neutros (Ferreira, 2000).

III. METODOLOGIA

3.1. Aspetos teóricos

3.1.1. Estudo dos contextos e das práticas funerárias pelos diferentes paradigmas

No contexto deste trabalho considerámos importante conhecer de que forma é que as diferentes escolas teóricas da arqueologia abordaram a temática da morte, principalmente a Nova Arqueologia e as Arqueologias Pós-processuais.

A Nova Arqueologia aparece com Joseph Caldwell, nos anos 60, porém, é com Binford que se vai definir e afirmar, devendo-se a este autor a designada “Teoria de Médio Alcance” ou, no seu nome original, “*Middle Range Theory*” (Pearson, 1999).

Entre outros aspetos da vida diária, esta teoria vai ser utilizada para desenvolver a Arqueologia da Morte, que tem como objetivo primordial conhecer a complexidade social das comunidades através dos contextos e das práticas funerárias, além de aspetos demográficos, patológicos, etc. (Pearson, 1999).

Nos anos 70, os partidários da Nova Arqueologia, introduzem o pressuposto de que os enterramentos seriam reflexo do estatuto social que o indivíduo enterrado teria tido em vida. Deste modo, os ritos e as práticas funerárias adotadas teriam uma relação direta com as condições sociais e pessoais do indivíduo no seio da comunidade (Pearson, 1999). Neste âmbito, através de L. Binford (1971:19-20), é apresentado o conceito de “*social persona*”, segundo o qual as práticas funerárias seriam determinadas pelas representações dos papéis sociais do indivíduo, assim como pelo reconhecimento e significado que esses mesmos papéis tinham para a restante comunidade (Budja, 2010:43). As representações simbólicas destes papéis sociais seriam transpostos para as práticas funerárias, nas formas de tratamento do corpo, nos aspetos arquitetónicos e nas oferendas.

As variações encontradas ao nível das práticas funerárias eram entendidas como indicadores da complexidade social. Partindo do princípio de que as comunidades agrícolas, sedentárias e mais complexas teriam práticas funerárias também elas mais complexas e elaboradas do que as realizadas pelas comunidades com menor grau de sedentarismo (Binford, 1971; Pearson, 1999; Budja, 2010).

Esta premissa foi criticada pelos estudiosos das Arqueologias Pós-Processuais que, ocupando um lugar oposto ao da Nova Arqueologia, estudam as práticas e os ritos funerários enquanto cenários de representação onde o aspeto simbólico tem um papel preponderante (Pearson, 1999).

Defenderam que os ritos e as práticas funerárias adotadas constituiriam uma representação da vida do indivíduo enterrado que podia não corresponder, de forma exata, à realidade social do mesmo (Pearson, 1999). Os elementos da comunidade podiam optar por manipular, exagerar ou deturpar, através do contexto ou das práticas fúnebres, a verdadeira identidade social, ao nível do poder e das relações do morto (Pearson, 1982; 1999). Estes atos de manipulação não estariam restritos à cerimónia fúnebre mas também à própria cultura material que a integrava, funcionando esta como agente ativo no desenrolar das ações (*idem*).

Do mesmo modo, I. Hodder (1982), argumenta que o ritual funerário não seria uma reflexão passiva dos aspetos da vida mas antes um ato encenado em que o morto era passível de ser transformado, fazendo-o corresponder a algo que não era em vida. O mesmo autor, defende a

importância do contexto cultural para o entendimento destas representações sociais, argumentando que *“when individuals act socially, and represent their action to others, they necessarily do so within a framework of meaning, and this framework is relative and historically constructed”* (Hodder, 1984:53; Budja, 2010).

Nos trabalhos de R. Hertz (1960) e A. Van Gennep (1960), citados em Budja (2010), os autores valorizam as representações coletivas em detrimento do ser individual. Utilizam o conceito de *ritos de passagem*, para identificar os rituais de transição que transformariam o estatuto social do indivíduo. Esta modificação, consequência da alteração física do corpo, ver-se-ia refletida na importância do indivíduo para com a comunidade, ou seja, à medida que o corpo sofria as alterações consequentes do processo de decomposição, as responsabilidades do cadáver e o seu significado para a comunidade, ir-se-iam modificando também.

No que diz respeito aos enterramentos secundários, relacionam-nos com a manipulação física do esqueleto condicionada pelas crenças da comunidade e pela memória ativa dos ancestrais mortos. R. Hertz (2004), também citado em Budja (2010), sugere a existência de uma correlação entre as crenças em relação à decomposição do corpo, à alma e à posição social dos indivíduos mais próximos do morto.

As obras destes investigadores são uma referência teórica para o estudo da morte, utilizados no âmbito de ambas as Arqueologias, processual e pós-processuais, assim como na sociologia e na antropologia.

A propósito dos enterramentos secundários em que aparecem associados ossos humanos e objetos cerâmicos, J. Thomas (2002), defende que o corpo seria entendido como uma combinação de substâncias passível de ser dividido e partilhado. Para J. Chapman (2000), os ossos humanos seriam mediadores das relações entre os vivos, os mortos e os ancestrais constituindo, a par dos artefatos fragmentados, processos de ligação e acumulação (Budja, 2010).

Os ossos humanos, detentores de propriedades, manipulados e circulando entre diversos espaços, seriam o elo entre o morto e os membros do grupo e permitiriam que este continuasse a fazer parte da comunidade. Assim perpetuavam-se as relações sociais, mantidas para além da morte.

Do mesmo modo são entendidas as associações de corpos com animais ou artefatos. Whitley (2002), em Budja (2010:51), defende que artefatos e corpos *“were governed by the principles of the agency of partibility and circulation”*, enquanto J. Brück (2006) diz que esta circulação *“facilitated biological, social, and material reproduction through sequences of fragmentation, mixing and amalgamation”*.

A alteração da identidade do indivíduo após a sua morte correlaciona-se, segundo R. Hertz (2004), com o tipo de enterramento. Assim, nos enterramentos primários a identidade do indivíduo perde o estatuto que detinha em vida; nos secundários, o indivíduo é capacitado de uma nova identidade de acordo com a esfera dos ancestrais (Hertz, 2004; Budja, 2010). A fase de transição completa-se após a decomposição do corpo, quando restam apenas os ossos, momento em que a alteração da identidade do indivíduo se completa e este atinge o estado semelhante ao dos antepassados (*idem*).

Os ritos de cremação são entendidos como *“extreme forms of funerary rites”* (Budja, 2010:47) uma forma rápida e imediata de lidar com o corpo.

Por último, mas não menos importante, enquanto os métodos de análise e os objetivos da Nova Arqueologia procuram conhecer o que é que as comunidades construíram em termos dos contextos funerários e que tipos de ritos efetuaram, os Pós-processuais têm como objetivo os significados das ações, ou seja, as motivações das comunidades, os significados dos gestos e o simbolismo dos atos (Pearson, 1999:32).

Debruçarmo-nos sobre as motivações das ações é não deixar espaço para vazios. É olhar para os dados com que temos de trabalhar e equacionar um conjunto de questões que procuram “respostas” para além das próprias materialidades.

3.1.2. Conceitos e premissas teóricas adotadas

Aqueles que se debruçam sobre o estudo do mundo funerário devem ter em conta que, neste âmbito, todos os vestígios materiais assumem uma grande importância. Todos os dados que se recuperam são fontes potenciais de interpretação, capazes de possibilitar um conjunto alargado de considerações. Neste sentido, o estudo destes vestígios deve ser feito de forma crítica e rigorosa. Devem ser adotados métodos e critérios de análise que permitam colocar questões pertinentes, cujas respostas nos conduzam à obtenção de hipóteses verosímeis acerca do modo como as comunidades do passado encararam a trataram a morte, o seu significado e o que quiseram transmitir.

Tendo em conta o que afirmámos adotámos neste trabalho algumas premissas. Em primeiro lugar, considerámos o corpo como um elemento altamente simbólico pois trata-se de um elemento físico passível de ser alterado e transformado com o intuito de funcionar como uma representação de aspetos relacionados com o pensamento e com a cosmogonia comunitária. Através do corpo vivenciam-se experiências e relações com o meio, com os outros e com o mundo, importantes para o arqueólogo. Estas premissas devem ser consideradas também no plano da morte, onde o corpo, o meio mais direto que os vivos têm de contato com a morte, seria alterado e transformado, com vista a funcionar como uma representação (Pearson, 1999).

Em segundo lugar, valorizámos a quantidade de elementos enterrados pois são fulcrais para interpretarmos as relações das comunidades com os mortos. Sabe-se que as comunidades teriam diferentes formas de lidar com os seus mortos. Podiam adotar modos de sepultar que tinham a intenção de favorecer o esquecimento ou, pelo contrário, podiam realizar cerimónias cujo objetivo seria a perpetuação da identidade do indivíduo, a preservação da sua memória ou a sua incorporação no quotidiano (Pearson, 1999).

Em terceiro lugar partimos do princípio de que, apenas uma parte da população seria sepultada ou, pelo menos, apenas uma parte era sepultada recorrendo a práticas que, para além da preservação do esqueleto, deixavam vestígios materiais. Isto significa que, para muitos membros das comunidades as cerimónias fúnebres poderão não ter deixado vestígios ou foram realizadas em condições que não permitiram que estes se preservassem. Ainda deve ser considerada outra opção, a de que, em alguns casos, as comunidades podem ter procurado a eliminação intencional de todos os traços físicos relacionados com o morto, privilegiando-se o esquecimento da morte, em vez da perpetuação da sua memória ou da sua incorporação simbólica no mundo dos vivos (Pearson, 1999).

Usámos, no âmbito das deposições secundárias, os conceitos de ossário e redução. O primeiro implica manipulação dos ossos e alteração do espaço inicial de deposição, enquanto que a

redução acontece quando há manipulação de uma deposição primária sem que os ossos sejam retirados do seu espaço inicial¹.

3.2. Aspetos práticos

3.2.1. Trabalho inicial de gabinete

Para além da consulta de bibliografia teórica-metodológica relacionada com estudos sobre a morte (Binford, 1971; Pearson, 1982; Hodder, 1982; Hodder, 1984; Pearson, 1999; Whitley, 2002; Thomas, 2002; Hertz, 2004; Brück, 2006) e de bibliografia geral sobre contextos e práticas funerárias para o Alentejo (Cardoso, 2002; Calado, 2006; Lago *et al.*, 1998; Henriques *et al.*, no prelo; Silva e Soares, 1976/1977, 2006; Tomé *et al.* no prelo; Valera e Godinho, 2009; Valera e Filipe, 2004, 2010, 2012; Valera, 2010; Valera *et al.*, no prelo a; Valera *et al.*, no prelo b; Valera, 2012a) este trabalho foi o resultado de um processo de recolha possibilitada pela análise dos relatórios das intervenções arqueológicas e de antropologia, fornecidos pelos responsáveis das escavações (Alves *et al.*, 2009; Ferreira, 2009; Granja, 2009; Rebelo *et al.*, 2009; Alves *et al.*, 2010; Rebuge *et al.*, 2010; Rodrigues, 2010; Umbelino e Amorim, 2010).

Consultámos, igualmente, trabalhos relacionados com as características físicas do Baixo Alentejo interior, assim como cartografia relevante para o entendimento da área de estudo.

Nesta etapa foram também pensados os critérios de estudo dos contextos e práticas funerárias e os critérios para análise do acervo cerâmico e lítico a estudar.

Para o estudo dos contextos funerários analisámos um conjunto diverso de aspetos. Foram considerados os elementos que, em nosso entender, eram mais suscetíveis de proporcionar o melhor conhecimento do tratamento que as comunidades calcolíticas deram aos seus mortos.

Num primeiro momento cada um dos sítios é introduzido através de uma abordagem dos respetivos aspetos administrativos, físicos e ambientais. Esta descrição torna-se imprescindível para perceber quais as condições espaciais que foram privilegiadas por estas comunidades para receber os seus mortos. Seguidamente procede-se ao breve historial dos trabalhos onde se descrevem as características do sítio arqueológico onde se registaram contextos sepulcrais. Em terceiro lugar foram analisados os contextos funerários, subdivididos em dois pontos, um referente às características arquitetónicas da estrutura funerária e, um outro, relacionado com as características do enterramento, ou seja, com as práticas funerárias.

Para o primeiro ponto valorizámos o tipo de estrutura de enterramento, com o intuito de perceber o grau de investimento que a comunidade despendeu na sua construção. Aferimos as dimensões da estrutura, a sua morfologia, o tipo de materiais construtivos utilizados e a sua visibilidade. Tivemos em atenção se estávamos perante um monumento aberto ou fechado e se se tratava de um monumento reutilizado. Estes dois aspetos podem contribuir para a elaboração de importantes considerações acerca da relação entre os dois mundos, permitindo perceber a existência de uma maior ou menor proximidade entre vivos e mortos. Para além destes, considerámos ainda a orientação da estrutura e a sua possível utilização com uma função para além da funerária.

Para o segundo ponto tivemos em atenção as particularidades do indivíduo enterrado partindo do pressuposto de que o tratamento e deposição dos mortos, correspondem a processos que

¹ Informação concedida pela doutora Ana Maria Silva do Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, a quem agradecemos.

permitem a formulação de um importante conjunto de considerações acerca da forma como as comunidades assinalaram e manifestaram a inter-relação entre o espaço, os antepassados e os vivos. Considerámos o tipo de deposição (primária ou secundária), o tipo de enterramento (individual, duplo ou múltiplo), a posição e orientação do corpo, se o esqueleto estava representado na totalidade ou se foi verificada a remoção de alguma parte, o género e o grupo etário, as oferendas, o espaço que o indivíduo ocupava no interior da estrutura e, no caso de enterramentos duplos ou múltiplos, a inter-relação entre os diferentes indivíduos.

Nos casos em que tal foi possível, analisámos também as condições a que esteve sujeito o indivíduo após a morte, ou seja, se existiam sinais no esqueleto que permitissem perceber se o corpo tinha sido depositado no interior da estrutura logo após a morte ou se esteve ao ar livre algum tempo antes da deposição.

Para as deposições secundárias tivemos em atenção que partes do esqueleto as constituíam, se as peças ósseas mostravam sinais de seleção intencional e se existia maior representatividade de alguma parte do esqueleto humano.

No que diz respeito às paleopatologias, por não se tratar de um trabalho de carácter antropológico, optámos por dar maior ênfase às questões que nos podem conceder informações quanto ao tipo de dieta e do modo de vida dos indivíduos. Quando nos pareceu pertinente destacámos outras patologias, nomeadamente, nos enterramentos de indivíduos, cuja idade à época da morte era mais avançada.

Estivemos também atentos ao aparecimento de fauna mamalógica e malacológica nos contextos funerários, procurando saber as espécies que representavam, se os ossos evidenciavam vestígios de terem sido cozinhados, de corte, se correspondiam a animais inteiros ou apenas a partes específicas. Nestes casos analisámos qual a parte escolhida para averiguar a existência de preferências indicadoras de escolhas culturais concretas. Importou-nos perceber a relação da fauna com o enterramento e com a estrutura. Estivemos atentos aos casos em que a fauna mamalógica surgia em associação com vestígios de lareiras e recipientes cerâmicos, ponderando possíveis casos de ritos de comensalidade aquando das cerimónias de enterramento.

Os estudos dos materiais cerâmicos calcolíticos do Sul de Portugal não têm incidido apenas numa tabela tipologia. Os diferentes trabalhos existentes sobre estas cerâmicas não seguiram critérios únicos ao nível da descrição tecnológica e morfológica. Feita uma primeira consulta das tabelas de formas existentes e dos respetivos elementos descritivos, optámos por adotar para a classificação morfológica das cerâmicas, dada a realidade dos materiais arqueológicos em análise, a tabela utilizada aquando do estudo dos materiais de Perdigões por Miguel Lago *et al.* (1998) (Figs. 2 e 3), sentimos necessidade de recorrer, também, à tabela de formas criada por Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares (1976/1977) (Fig. 4), que resultou da análise da componente artefactual de um conjunto de 5 sítios do Baixo Alentejo e do Algarve. Mantivemos as formas propostas pelos autores referidos mas sentimos necessidade de adaptar alguns critérios descritivos que permitissem transmitir de forma mais realista as características dos fragmentos que estudámos.

Procedemos à realização de uma ficha para o estudo dos materiais onde foram sintetizadas as principais características dos mesmos (Tabela 1).

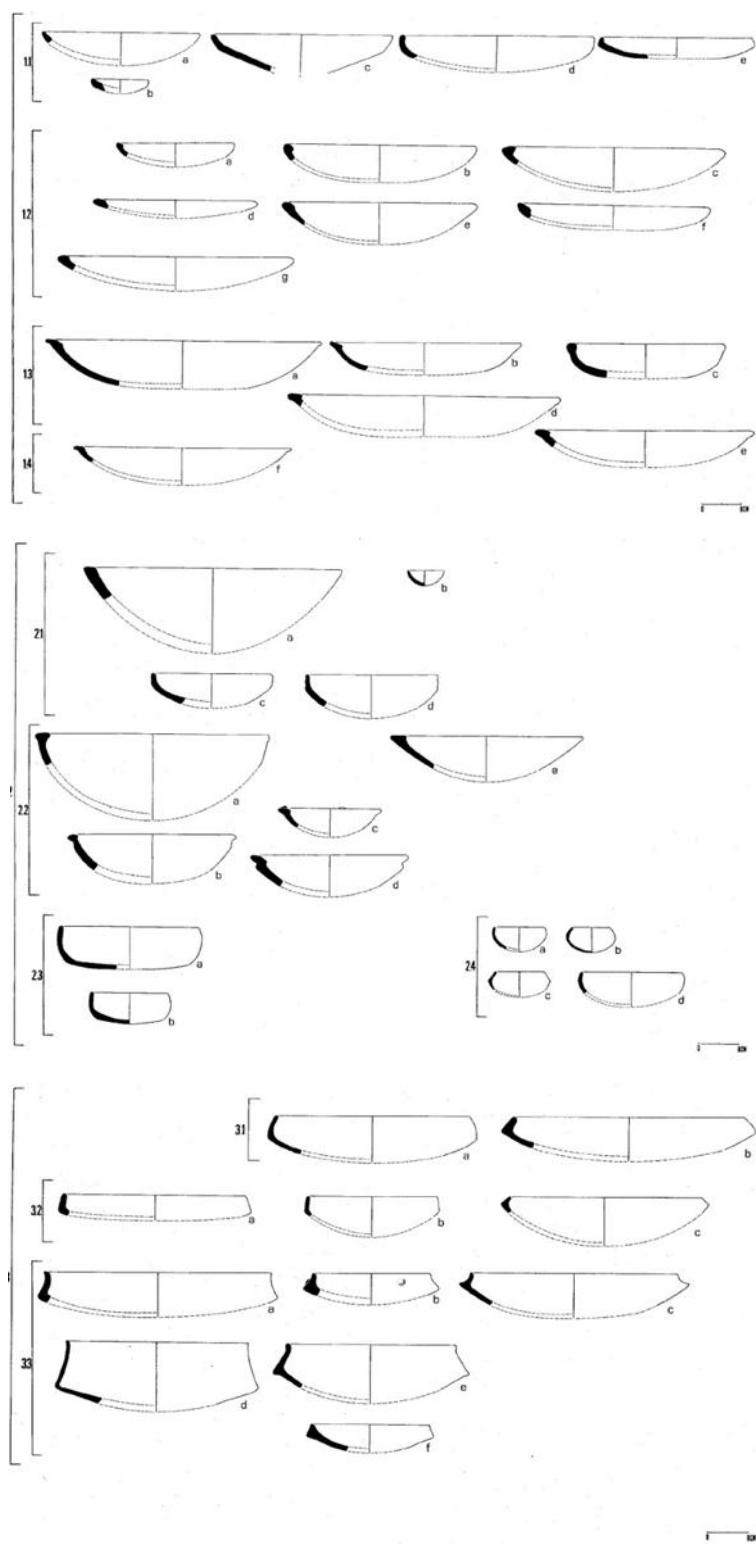


Figura 2 – Tabela morfológica utilizada no estudo dos recipientes de Perdigões (Lago *et al.*, 1998).

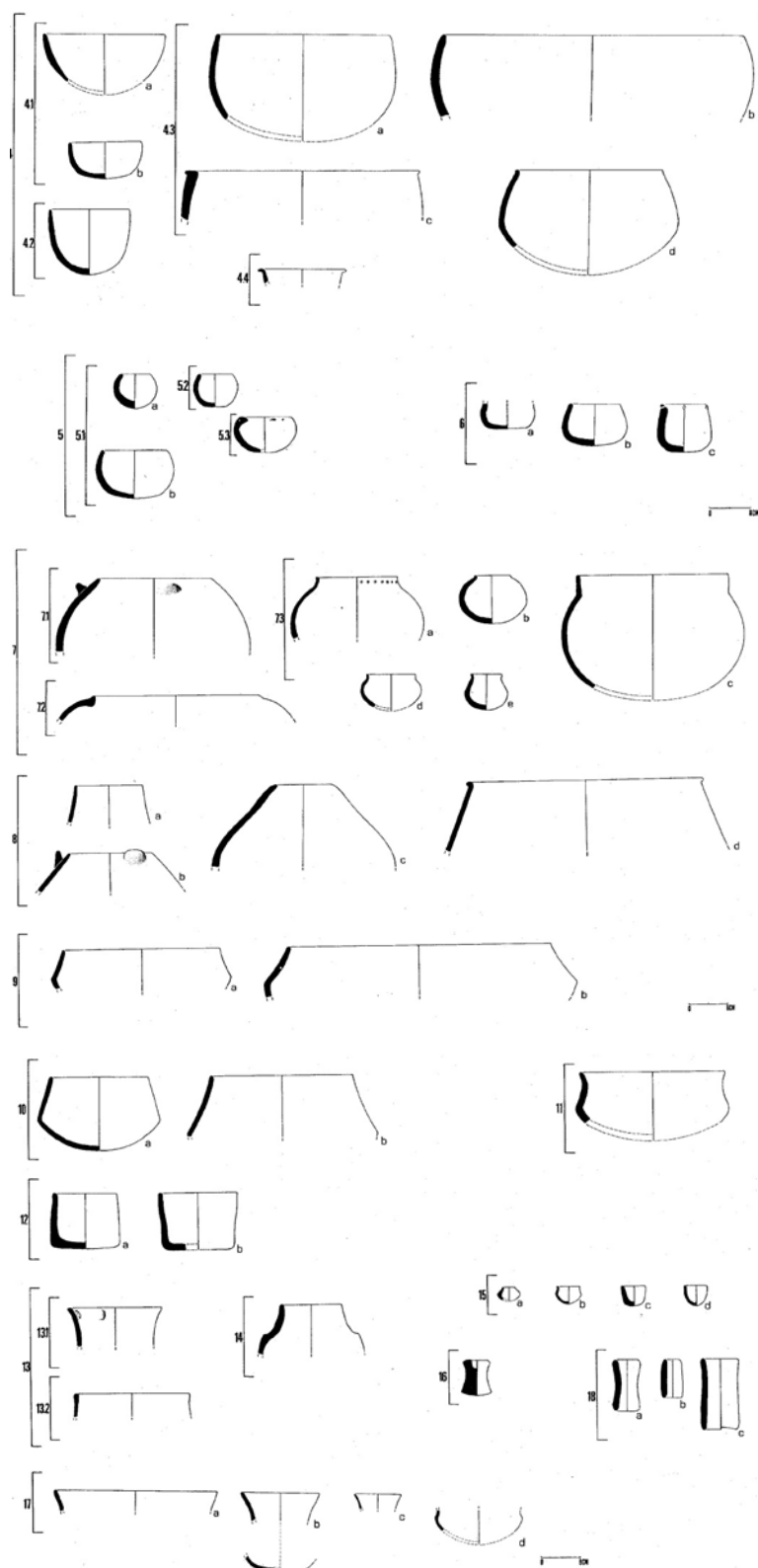


Figura 3 – Tabela morfológica utilizada no estudo dos recipientes de Perdigões (Lago *et al.*, 1998) (continuação).

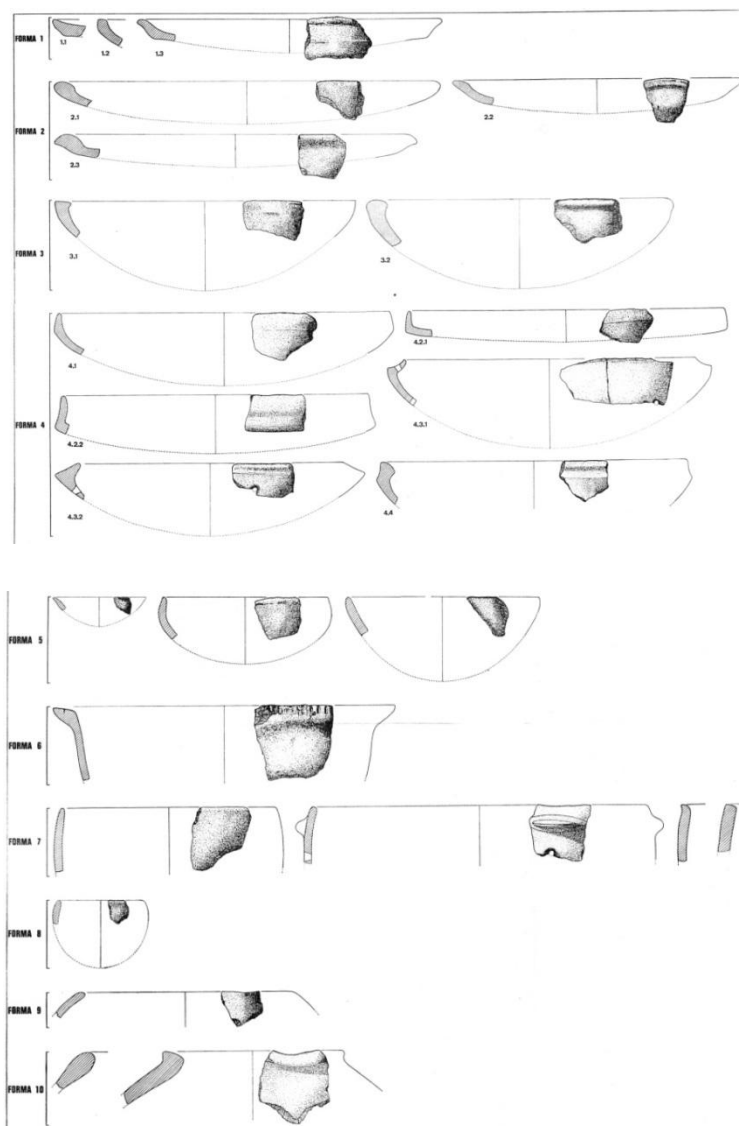


Figura 4 – Tabela morfológica dos recipientes cerâmicos dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve (Silva e Soares, 1976/1977).

Tabela 1 – Ficha descritiva dos materiais cerâmicos

Tabela 1 - Ficha descritiva dos materiais cerâmicos					
Acrónimo:	U.E.	Nº Inventário:	Nº Ficha		
Classificação do Fragmento	Tratamento de Superfície	Decoração			
Bordo	Alisada				
Bojo	Rugosa				
Fundo	Outras			Diâmetro Aproximado	Tipologia
Asa					
Arranque de Asa					
Carena					
Tipo de Bordo	Tipo de Cozedura	Observações:			
Com espessamento	Redutora				
Sem espessamento	Oxidante				
Tipo de Lábio	Cor das Paredes e do Cerne				
Aplanado	Parede interna				
Arredondado	Parede externa				
Plano	Cerne				
Convexo					
Outros					
Tipo de Carena	Tamanho do Fragmento				
Alta	Grande				
Média	Médio				
Baixa	Pequeno				

Com o intuito de estabelecer uma cronologia mais fina para os contextos em estudo, a partir da análise da componente artefactual recolhida, estivemos atentos ao que se tem descrito neste sentido. Pelas suas características demos especial atenção às formas taça carenada, prato e respetivas associações.

Durante algum tempo, no Sudoeste Peninsular, em particular, na bacia do Guadiana, a taça carenada, que tinha e continua a ter bastante representatividade, foi utilizada como elemento passível de datar contextos do Neolítico Final (Lago *et al.*, 1998). Este aspeto tornou-se tão recorrente que, investigadores como Enríquez Navascués (1990) e González Cordero (1993) defenderam a existência de um “*horizonte de taças carenadas*” (Lago *et al.*, 1998). Os estudos que Carlos Tavares e Joaquina Soares realizaram nos povoados da área de Sines, levaram estes investigadores a defender que as taças carenadas seriam objetos mais antigos que os pratos de bordo almendrado (Gonçalves, 2003). As taças carenadas fariam parte de um grupo de objetos cerâmicos que incluía os recipientes com mamilos, as taças de bordo espessado internamente e os pesos de tear retangulares (*idem*). Excluídos deste grupo e correspondendo à componente artefactual do conjunto seguinte, estavam os pratos de bordo espessado e os pesos de tear do tipo crescente (*idem*). As taças carenadas seriam, portanto, objetos utilizados pelas comunidades do Neolítico Final que, no início do Calcolítico, seriam substituídas pelos pratos almendrados. Porém, os trabalhos arqueológicos levados a cabo em diversos sítios vieram alterar estas interpretações. Começou a registar-se o aparecimento das duas formas, taças carenadas e pratos de bordo espessado, em associação num mesmo contexto. E nalguns casos a taça aparecia ainda em abundância, como na Sala N° 1 (Pedrógão) e em TESP-3 da Torre do

Esporão (Reguengos de Monsaraz) (Gonçalves, 2003). Estes aspetos conduziram a uma perda de validade das considerações que vinham a ser feitas, passando a análise desta problemática para o plano da *“representatividade relativa”* (Lago *et al.* 1998). Dos debates ocorridos acerca deste tema, V. Gonçalves (2003) resume as interpretações em dois modelos explicativos, o primeiro, de Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares, designado por “artefactualista” e o segundo, de Rui Parreira, designado por “culturalista”. Segundo o modelo 1, as taças carenadas corresponderiam a uma *“fase evolutiva das cerâmicas do Neolítico «final» ou do Calcolítico Inicial” e caracterizavam “as populações calcolíticas anteriores aos fabricantes e utilizadores de pratos de bordo espessado”* (Gonçalves, 2003:88). Enquanto no modelo 2 estes objetos seriam o resultado de *“uma manufatura específica de algumas populações calcolíticas, não tendo um particular significado cronológico”* (*idem*).

Considerámos o esquema descrito em Lago *et al.* (1998) no qual se procura traçar a evolução e sequência da distribuição da componente artefactual com base na representatividade da taça carenada e da associação desta a outras formas cerâmicas, nomeadamente, aos pratos. Este esquema teve como objetivo fazer a distinção entre os contextos do Neolítico Final e os do Calcolítico inicial. Segundo o mesmo, a taça carenada que aparece associada às formas esféricas e globulares mamilados indicará uma utilização no Neolítico Final; por outro lado, o aparecimento da taça carenada em número reduzido, num contexto em que aumenta a representatividade da forma pratos e onde surgem os bordos espessados, sugere um momento de utilização datado do Calcolítico inicial. Este mesmo período está relacionado, ainda com o aparecimento dos designados ídolos de cornos, ídolos-placa e cerâmica dita simbólica (Lago *et al.* 1998).

A coexistência das duas formas, taças carenadas e pratos, também foi entendida por González Cordero (1993) como a expressão de um *“horizonte de transição”* ou seja de um *“Calcolítico Inicial neolitizante”*, ou Calcolítico inicial, segundo Tavares da Silva (Lagos, *et al.* 1998).

Para o estudo dos materiais cerâmicos também foram tidos em conta alguns dos critérios defendidos e utilizados pelos especialistas em cerâmica pré-histórica Mark Knight (Garrow *et al.*, 2005) e Matt Brudenell (Brudenell e Cooper, 2008), muito úteis para contextos com cerâmica fragmentada. Estes autores agrupam os fragmentos por tamanho (pequeno, se maior que 3 cm; médio, se entre 3 cm e 7 cm e grande, se maior que 7 cm) (Brudenell e Cooper, 2008).

Para além do tamanho do fragmento tivemos em conta as características das fraturas e das paredes, que nos permitiu a realização de considerações acerca dos processos a que os fragmentos estiveram sujeitos desde o momento da quebra até à sua amortização final no interior do contexto. Por exemplo, um conjunto onde prevaleçam os fragmentos com fraturas frescas e pouco erodidas indicar-nos-á que entre o momento da fratura e a deposição dos fragmentos na estrutura decorreu um curto período de tempo (Brudenell e Cooper, 2008).

Este tipo de análise tem uma extrema importância na reconstituição dos processos a que a peça e os fragmentos podem ter estado sujeitos antes da sua amortização definitiva no interior dos contextos funerários. Mostrou-se interessante perceber que fragmentos encontrados num mesmo depósito sedimentar podem mostrar padrões de fratura diferentes o que revela que, possivelmente, terão estado sujeitos a condições distintas, pelo que podem também ter proveniências diferentes.

Esta análise é muito útil, também, para distinguirmos quais os eventuais fragmentos de vasos provenientes das terras que cobriam os enterramentos que poderiam constituir depósitos intencionais ou serem acidentais.

Tendo em conta a índole deste trabalho e a natureza dos materiais líticos polidos optámos apenas por descrevê-los quanto à sua tipologia, estado e matéria-prima.

3.2.2. Trabalho de laboratório

Quando tivemos dados para tal foi analisado o espólio existente nas unidades estratigráficas onde jaziam ossadas humanas, assim como nas subjacentes e sobrejacentes aos enterramentos com o objetivo de aferirmos cronologias ou outros depósitos intencionais, eventualmente relacionados com os mortos.

Este trabalho consistiu no estudo dos artefatos cerâmicos que se encontravam inéditos, nomeadamente os de Alto de Brinches e de Torre Velha 3. Este foi realizado nas instalações do Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa, em Braga, nos espaços destinados para o efeito.

Começámos por fazer a contagem dos fragmentos cerâmicos e a sua divisão relativamente à parte da peça a que correspondiam. Fizemos depois uma subdivisão dos fragmentos agrupando-os por tamanho, segundo critérios já especificados. Seguiu-se um processo de pesquisa dos materiais com o intuito de reconstituirmos os perfis dos recipientes cerâmicos. Para cada fragmento foi aberta uma ficha descritiva que teve em conta os seus aspetos morfológicos, tecnológicos e decorativos e que foram sistematizados nas tabelas, em Excel anexadas (Anexo III).

A colagem, desenho e fotografia das peças foi realizada apenas para aquelas que julgámos serem as mais representativas do conjunto e que considerámos pertinentes para determinar a cronologia relativa destes contextos.

3.2.3. Trabalho avançado de gabinete

Neste etapa cruzámos o conjunto de dados com vista à análise dos mesmos, à sua discussão e divulgação. Neste âmbito participámos com um “poster” no *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular, Villafranca de los Barros (Badajoz) 4 - 6 de Octubre de 2012* intitulado, *“Contextos e práticas funerárias calcolíticas do Baixo Alentejo interior (Sudeste Alentejano). Alguns resultados preliminares.”*; elaborámos um artigo para publicação nas respetivas atas (Inocêncio & Bettencourt, 2013) e escrevemos esta dissertação. Para a concretização destes trabalhos foram, ainda, elaborados gráficos e tratada a parte gráfica representativa dos resultados.

IV. CONTEXTOS E PRÁTICAS FUNERÁRIAS: OS DADOS

“Archaeology can range across space and time to excavate and understand the many paths we make but, immanent in the diversity of life, there is one universal – death. We are all ultimately going in the same direction.”

Mike Pearson (1999:197)

Neste capítulo apresentam-se os 3 casos de estudo que servem de base a este trabalho.

Os casos de estudo são: Alto de Brinches 3 e Torre Velha 3, na margem esquerda do Guadiana e Porto Torrão, na margem direita. Em cada um destes sítios arqueológicos foram detetados diversos contextos funerários que se analisarão um a um, segundo os critérios explicitados na metodologia.

Este momento descritivo é o ponto de partida para a elaboração de um texto que procura ir para além da apresentação dos dados, com o intuito de interpretarmos os contextos e as práticas funerárias calcolíticas do Baixo Alentejo interior.

4.1. Alto de Brinches 3

4.1.1. Localização administrativa, contexto físico e ambiental

Administrativamente, o sítio de Alto de Brinches 3, localiza-se na freguesia de São Salvador, concelho de Serpa, distrito de Beja, com a coordenada M 246826.32, P 110296.70 (Fig. 5).

Localiza-se no relevo suave, típico da peneplanície alentejana, tendo ocupado, possivelmente, uma pequena colina (Alves *et al.*, 2010). As ações antrópicas aqui ocorridas, quer pela proximidade com a cidade de Serpa, quer pela sua utilização como olival e seara, tê-lo-ão afectado significativamente. A alteração da topografia local deve-se, igualmente, aos trabalhos realizados no âmbito da execução do Reservatório de Serpa – Norte (*idem*) (Fig. 6).

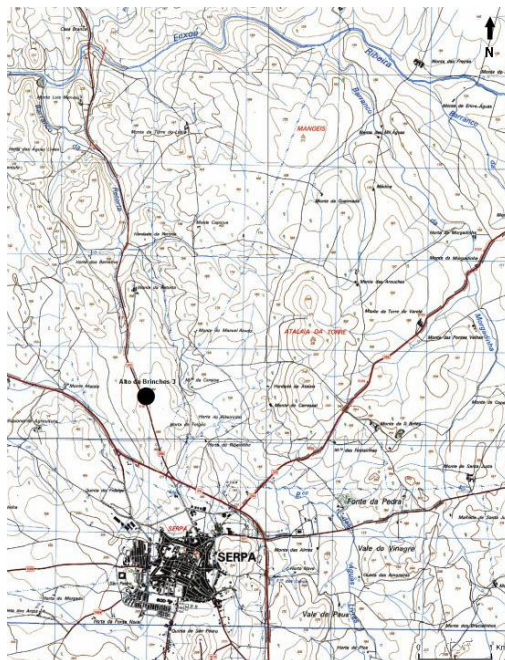


Figura 5 – Localização de Alto de Brinches 3 na Carta Militar de Portugal, Folha nº 522, 1997 (seg. Filipe Pereira).



Figura 6 – Localização de Alto de Brinches 3 no Google Maps (seg. Filipe Pereira).

Em termos hidrográficos existe uma proximidade com o Barranco da Retorta e com a ribeira do Enxoé, da qual o primeiro é subsidiário. A ribeira do Enxoé desagua na margem do rio Guadiana.

No que diz respeito às características geológicas do sítio, este implanta-se no maciço de Beja, no Complexo Grabro-Diorítico de Cuba, composto por gabros, dioritos, quartzodioritos e granófiros. São dominantes os Barros de Beja cobertos por argilas de aluvião.

4.1.2. Breve historial dos trabalhos e caracterização arqueológica do sítio

A primeira intervenção no sítio de Alto de Brinches 3 esteve ao cargo da empresa *Munis Lda.* tendo-se realizado no âmbito do acompanhamento arqueológico das obras de construção do Reservatório Serpa – Norte, em 2009. No decorrer destes trabalhos foram identificadas cerca de 170 estruturas escavadas no subsolo cuja cronologia e funcionalidade não foram apuradas (Alves *et al.*, 2010). Inicialmente pensou-se que este sítio teria tido uma ocupação centrada na Idade do Bronze porém, com a continuação dos trabalhos por parte da empresa *Palimpsesto Lda.*(Fig. 7), registou-se a “*presença de inúmeros fragmentos cerâmicos de formas como os pratos de bordo espessado ou os pesos – placa*” (Alves *et al.*, 2010:5), evidenciando que este sítio teria sido, também, ocupado no Calcolítico.

No total foram intervencionadas 233 estruturas em negativo. As suas características, associadas ao espólio, permitiram atribuir a este sítio um período de ocupação “*desde o Calcolítico até à Idade Moderna/Contemporânea*” (Alves *et al.* 2010:2).

Ao período Calcolítico foram atribuídas quarenta e três fossas, duas depressões e cinco estruturas negativas interpretadas como fundos de cabana, “*quer pela natureza dos seus enchimentos, quer pelas suas características tipológicas*” (Alves *et al.* 2010:29). Dos enterramentos aqui tratados três encontravam-se no interior das estruturas consideradas fundos de cabana e um em sepultura plana.

As características gerais das estruturas e do material encontrado permitiram admitir que aqui terá existido um povoado deste período no seio do qual se efetuaram quatro enterramentos individuais, de dois ossários, além de se terem encontrado ossos soltos (Alves *et al.*, 2010; Rodrigues, 2010).



Figura 7 – Visibilidade da envolvente a partir do sítio de Alto de Brinches 3 (Alves *et al.*, 2010).

4.1.3. Contextos e práticas funerárias

4.1.3.1. Contexto funerário 1 [UE 54]

4.1.3.1.1. Características arquitetónicas e estratigrafia

Trata-se de uma estrutura do tipo fossa escavada no substrato geológico. Apresentava contorno subcircular, secção sub-retangular, paredes retas, embora a parede Norte apresentasse alguma irregularidade, sobretudo ao nível da UE 547, aproximadamente a meio da estrutura. A base era aplanada. Media cerca de 2 m de comprimento por cerca de 1 m de profundidade.

Esta fossa continha 9 unidades estratigráficas, destas, 4 eram depósitos sedimentares. O único esqueleto encontrado [UE 505], estava aproximadamente a meio da estrutura sob a UE 54 e sobre a UE 547 (Fig. 8). A UE 54 caracterizava-se por um tipo de sedimento de coloração castanha, argiloso e compacto, contendo alguns líticos, como calhaus e cascalho grosseiro de granito. A UE 547 corresponde a um sedimento laranja esbranquiçado, algo compacto e areno-argiloso, apresentando grão médio a grosseiro.



Figura 8 – Enterramento em fossa do indivíduo [505] (Alves *et al.*, 2010).

4.1.3.1.2. Características do enterramento

Inumação primária individual associada a enterramento de canídeo.

4.1.3.1.2.1. Os corpos

O corpo estava orientado no sentido Oeste (cabeça) / Este (pés), estando a face virada para Norte. Encontrava-se depositado em decúbito lateral esquerdo, especificamente em posição fetal, com os membros fletidos (Rodrigues, 2010) (Fig. 9). O esqueleto apresentava um fraco estado de preservação que terá causado a remoção da posição anatômica dos ossos constituintes dos membros superiores. A informação antropológica revelou que segundo as características do crânio se tratava de um indivíduo do sexo feminino, adulto, de meia-idade a idoso.



Figura 9 – Pormenor do enterramento do esqueleto [505] (Alves *et al.*, 2010).

4.1.3.1.2.2. Os objetos

Junto à extremidade distal do rádio direito (base do polegar) apareceu um fragmento de cerâmica manual indeterminado.

4.1.3.1.2.3. Outros depósitos associados

Do mesmo contexto que a inumação, sob a UE 54 e sobre a UE 547, foi recuperado um esqueleto de canídeo [UE 481] que se encontrava associado a um conjunto de calhaus de granito, dispostos numa planta parcialmente circular, interpretada como a sua “estrutura sepulcral” (Alves *et al.*, 2010) (Fig. 10).



Figura 10 – Enterramento do canídeo, ao centro da fossa (Alves *et al.*, 2010).

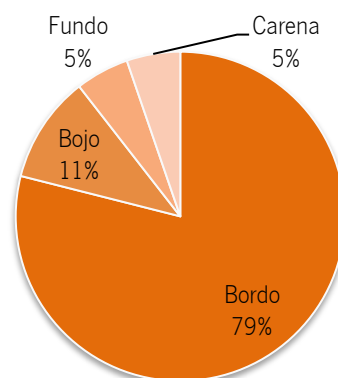


Figura 13 – Classificação dos fragmentos da UE 54.

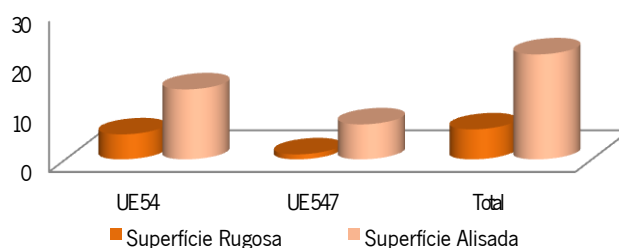


Figura 14 – Tratamento de superfície dos fragmentos por UE.

O tipo de cozedura (Fig. 15) mais representado nos fragmentos das UE'S é a redutora que se traduz nos tons escuros das superfícies e cerne dos materiais, variando estes entre o bege, o castanho, o cinzento-claro, o cinzento-escuro e o negro. Por sua vez, os fragmentos de cozedura oxidante, representados apenas por 2 casos da UE 54, apresentam superfícies e cerne de tonalidade cor-de-laranja.

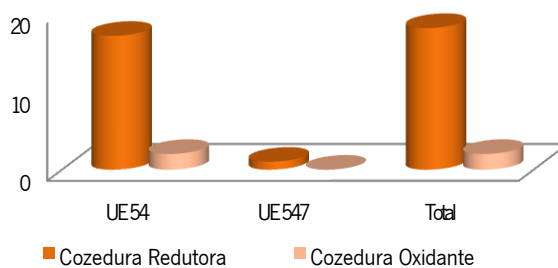


Figura 15 – Tipo de cozedura dos fragmentos por UE.

O estudo dos bordos permitiu-nos classificar e atribuir forma a alguns deles. Assim, predominavam, na UE 54, as formas de potes (3 casos), de pesos-placa (3 casos) e de taças (2 casos). Menos representadas estavam as formas de pratos, de taças carenadas e de globulares, cada uma com 1 exemplar (Fig. 16).

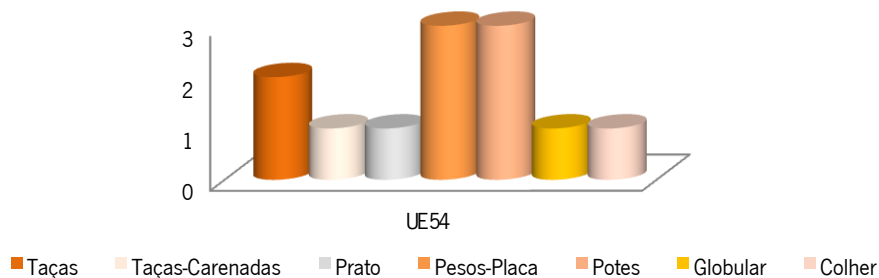


Figura 16 – Tipologia dos fragmentos cerâmicos da UE 54.

Os fragmentos apresentam pastas grosseiras, com e.n.p.'s constituídos por areias e mica, de diversos tamanhos que se distribuem de modo pouco homogêneo na peça.

Os materiais cerâmicos estudados apresentam características típicas da cerâmica do Calcolítico do Alentejo e Algarve, nomeadamente as formas de pratos de bordo espessado que aparecem com maior representatividade neste período cronológico, conforme Lago *et al.*, 1998. Este aspeto leva-nos a ponderar que o enterramento terá sido realizado durante este momento.

Foi identificado, na UE 54, um moinho movente inteiro em granito (Anexo II, Tabela 1 - b).

4.1.3.2. Contexto funerário 2 [UE 654]

4.1.3.2.1. Características arquitetónicas e estratigrafia

No interior de uma fossa [UE 691] de contorno sub-circular, perfil trapezoidal e base plana, com cerca de 2 m de diâmetro por cerca de 1 m de profundidade, foi aberta uma sepultura plana [UE 689] (Fig. 17). Esta foi obtida através do corte da UE 690, depositada na base da fossa no quadrante sul. A sepultura apresentava contorno oval, secção e base arredondada e estava orientada no sentido Noroeste / Sudeste. Media 1 m de comprimento por 42 cm de largura e 22 cm de profundidade (Alves *et al.*, 2010).

No interior da sepultura plana foram detetadas quatro unidades estratigráficas, apenas duas correspondentes a depósitos sedimentares. O esqueleto [UE 661] estava sob a UE 654 e sobre a UE 687. A UE 654 caracterizava-se por um sedimento acinzentado, solto e arenoso de grão pequeno. A UE 687 correspondia a depósito sedimentar acinzentado, solto e areno-siltoso de grão pequeno.

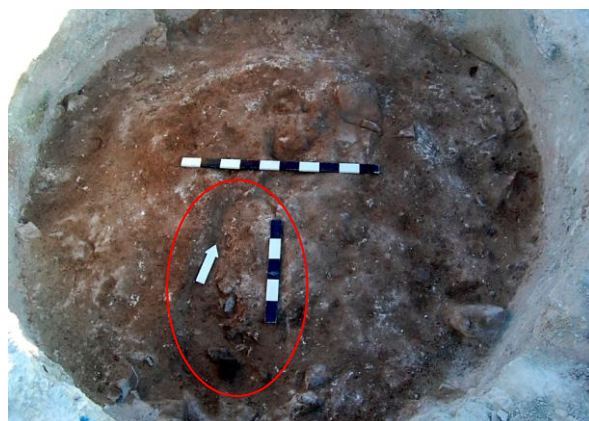


Figura 17 – Fossa [691]. Depósito sedimentar (U.E. 690) onde foi aberta a sepultura plana [689] assinalada pelo círculo a vermelho (Alves *et al.*, 2010).

4.1.3.2.2. Características do enterramento

Inumação primária, individual.

4.1.3.2.2.1. Os corpos

O corpo aqui enterrado estava orientado no sentido Sudeste (cabeça) / Noroeste (pés). Encontrava-se depositado em decúbito ventral “*com o crânio sobre o parietal e temporal direitos. Os membros inferiores apresentavam-se totalmente encolhidos sob a região do abdômen e da bacia. O membro superior esquerdo encontrava-se ligeiramente flectido, com o úmero sobre o antebraço direito e o cúbito e rádio sobre o íliaco esquerdo. O membro superior direito estava flectido num ângulo de aproximadamente 90° e sob a região do tórax*” (Rodrigues, 2010:18-19) (Fig. 18).



Figura 18 – Pormenores do enterramento [661] em sepultura plana (Alves *et al.*, 2010).

A posição dos membros superiores e inferiores do indivíduo sugere que estes estariam amarrados pois, segundo informação antropológica, apenas assim o corpo permaneceria naquela posição depois da decomposição dos tecidos moles (Alves *et al.*, 2010). O esqueleto apresentava um excelente estado de preservação. Tratava-se de um indivíduo do sexo feminino que, a avaliar pelo desgaste dentário moderado, seria um adulto jovem (Rodrigues, 2010).

4.1.3.2.2.2. Os objetos

Para além destes fragmentos cerâmicos, junto ao crânio do indivíduo foi encontrado um objeto em osso polido [UE 662], possivelmente um elemento de adorno (Alves *et al.*, 2010) (Fig. 19) e em torno da cervical do indivíduo, foram detetados vestígios de fauna malacológica (*idem*).

As características do material recolhido e a sua localização em relação ao esqueleto, leva-nos a considerar que o artefacto em osso polido terá sido o único depositado de forma intencional junto ao corpo em algum momento do ritual funerário, sendo interpretado por nós como a única oferenda do contexto.



Figura 19 – Objeto em osso polido depositado junto ao crânio do indivíduo [661] (Alves *et al.*, 2010).

4.1.3.2.3. Outro espólio e cronologia

Analisámos os materiais provenientes de 1 depósito sedimentar, correspondendo à UE 687. Estudámos um total de 3 fragmentos, todos classificáveis.

Os tipos de fragmentos cerâmicos representados na UE 687 eram bordos (2 casos) e bojos (1 caso) (Fig. 20).

Quanto ao tratamento de superfície (Fig. 21) todos os fragmentos apresentam uma superfície rugosa e a cozedura foi redutora nos três casos (Fig. 22).

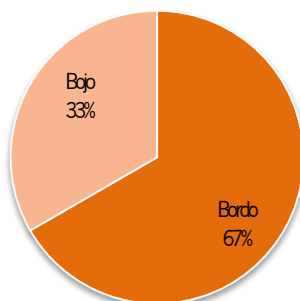


Figura 20 – Classificação dos fragmentos da UE 687.

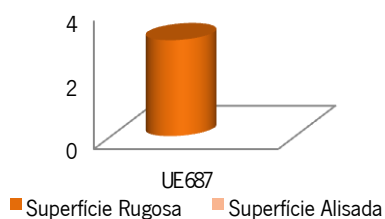


Figura 21 – Tratamento de superfície dos fragmentos da UE 687.

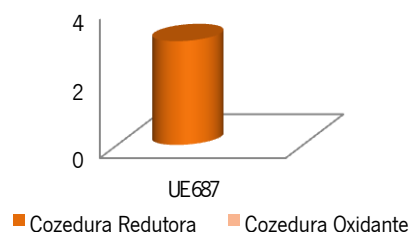


Figura 22 – Tipo de cozedura dos fragmentos da UE 687.

O estudo dos fragmentos permitiu-nos classificar e atribuir forma a todos eles. Assim, na UE 687, estão representadas as formas de taças, potes (Anexo II, Tabela 1 n) e pesos-placa (Anexo II, Tabela 1 o) (Fig. 23).

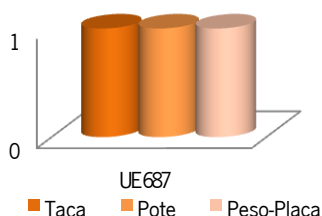


Figura 23 – Tipologia dos materiais cerâmicos da UE 687.

A amostra analisada foi reduzida, porém, as características dos materiais em associação aos aspetos do contexto funerário levaram-nos a considerar uma inserção Calcolítica para este enterramento.

4.1.3.3. Contexto funerário 3 [UE 691]

4.1.3.3.1. Características arquitetónicas e estratigrafia

Tratava-se de uma estrutura do tipo fossa, escavada no substrato geológico de contorno sub-circular, perfil trapezoidal e base plana. Media cerca de 2 m de diâmetro por cerca de 1 m de profundidade.

Esta estrutura continha 20 unidades estratigráficas das quais 9 eram depósitos sedimentares. Neste contexto foram detetados restos de vários esqueletos humanos organizados do seguinte modo: 2 enterramentos [UE's 639 e 656], aparentemente intencionais; 2 ossários UE's [453 e 637] e ossos soltos [UE's 469, 659, 668 e 675] alguns fazendo parte dos enterramentos (Porfírio, 2010; Rodrigues, 2010), que passarei a discriminar.

O esqueleto nº 1, [u.e 639] estava sob a UEs 628 e 638 e sobre as UEs 668 e 675. A UE 628 corresponde a um depósito sedimentar de coloração castanho claro acinzentado, compacto e areno-argiloso, de grão médio a grosseiro, contendo alguns vestígios de calhaus de granito e nódulos de calíço; a UE 638 é composta por um conjunto de calhaus de granito dispostos na horizontal e sub-horizontal, ocupando o limite sudoeste da fossa, sobre o crânio. As UE's 668 e 675 correspondem a restos osteológicos que podem pertencer ao indivíduo da UE 639.

O esqueleto nº 2 [UE 656] estava também sob a UE 628, a 1 m para Norte do anterior e sobre a UE 690. A UE 690 corresponde a um sedimento cinzento claro acastanhado, solto e areno-siltoso, de grão pequeno que continha alguns calhaus e blocos de granito.

O ossário 1 [UE 453] estava sob a UE 24 e sobre a UE 262. A u.e 24 corresponde a um sedimento castanho claro, compacto e argiloso, de grão médio com algum cascalho grosseiro de granito. A UE 262 é composta por um sedimento castanho avermelhado claro, compacto e areno-argiloso, de grão médio, com algum cascalho e poucos calhaus.

A redução [UE 469] estava sob a mesma UE do ossário anterior, a uma distância que desconhecemos por não estar descrita nos relatórios de escavação consultados, e sobre a UE 494. Esta correspondia a um sedimento castanho alaranjado, um pouco compacto e areno-argiloso, de grão médio.

O ossário 2 [UE 637] estava sob a UE 577 e sobre a UE 628. A UE 577 corresponde a um depósito sedimentar castanho acinzentado, compacto e areno-argiloso, de grão médio, onde se registaram alguns nódulos do substrato geológico. Já a UE 628 apresenta uma cor castanha clara acinzentada, é compacta e areno-argilosa, de grão médio a grosseiro com alguns calhaus e nódulos de calço.

A redução [UE 659] estava sob a mesma UE do ossário anterior, a uma distância que não conseguimos apurar e sobre a UE 690. A UE 690 corresponde a um sedimento cinzento claro a acastanhado, solto e areno-siltoso, de grão pequeno, com presença de alguns calhaus e blocos de granito.

4.1.3.3.1.1. Características do enterramento

Inumação primária, sem oferendas.

4.1.3.3.1.2. Os corpos

O enterramento 1 [UE 639] parece ter sido um enterramento primário, com o corpo depositado de Oeste (cabeça) para Este (pés), em decúbito lateral direito, junto à parede Sudoeste da estrutura. O crânio estava sob e sobre algumas pedras, deposto sobre o parietal e temporal direitos (Figs. 24 e 25). Encontrava-se em mau estado de preservação. Tratava-se de um indivíduo do sexo feminino, jovem-adulto (Rodrigues, 2010). Em conexão anatómica aparente, foram identificadas “*as diáfises de um cúbito e de um rádio esquerdos e um ilíaco e fémur esquerdos*” [UE 668] (Rodrigues, 2010:15). Estas foram identificadas após o levantamento do enterramento 1 e segundo a informação antropológica, podem pertencer ao mesmo indivíduo. Ainda nas proximidades do enterramento 1, registou-se o aparecimento de “*uma clavícula e um úmero esquerdos*” [UE 659] (*idem*), representando, pelo menos, um indivíduo adulto. Apesar de não mostrarem relação espacial com o enterramento 1 não é descartada a hipótese de fazerem parte deste.



Figura 24 – Parte do crânio do esqueleto 1 [639] coberto pela (U.E. 638), correspondente aos blocos pétreos (Alves *et al.*, 2010).



Figura 25 – Pormenor do crânio do esqueleto 1 da fossa 691 [639] (Alves *et al.*, 2010).

O enterramento 2 [656] parece corresponder, também, a uma inumação primária, em que o indivíduo foi orientado no sentido Norte (cabeça) / Sul (pés). A sua deposição foi efetuada em decúbito lateral esquerdo, junto à parede Oeste da fossa (Fig. 26). Estava bastante bem preservado. Tratava-se de um indivíduo do sexo masculino, adulto.



Figura 26 – Enterramento do indivíduo 2, na fossa 691 (Alves *et al.*, 2010).

Para além das duas deposições primárias, neste contexto encontram-se ainda deposições secundárias. Referimo-nos à existência de dois ossários e de ossos soltos.

O ossário 1 [UE 453] correspondia às diáfises de um fémur direito, de duas tíbias e de dois perónios de, pelo menos, um indivíduo adulto. Localizava-se junto à parede Sudeste da estrutura (Alves *et al.*, 2010) (Fig. 27). O ossário 2 [UE 637] composto por “dois ilíacos (direito e esquerdo) e as diáfises de dois fêmures (direito e esquerdo), de um tibia direita e de um perónio” (Rodrigues, 2010:13), foi colocado junto à parede Oeste da estrutura (Fig. 28). Representa, pelo menos, um indivíduo adulto, possivelmente do sexo masculino (Rodrigues, 2010). É possível que estes ossos pertençam ao esqueleto 2 uma vez que correspondem às peças ósseas em falta no indivíduo (*idem*).



Figura 27 – Ossário 1 [453], na fossa 691 (Alves *et al.*, 2010).



Figura 28 – Ossário 2 [637], na fossa 691 (Alves *et al.*, 2010).

Sem organização aparente, recuperaram-se três elementos ósseos humanos [UE 469]: “um úmero direito, um fragmento de diáfise de cúbito e uma diáfise de tibia esquerda” (Rodrigues, 2010:12), separados entre si por poucos centímetros (Fig. 29). Estes ossos apresentavam um bom estado de preservação e pertenceriam a, pelo menos, um indivíduo adulto do sexo feminino (Rodrigues, 2010). Estavam perto da parede Oeste da estrutura.



Figura 29 – Redução [469], fossa 691 (Alves *et al.*, 2010).

4.1.3.3.1.3. Os objetos

O fragmento de cerâmica em associação com o esqueleto era de fabrico manual indeterminado. Em nenhum dos ossários se encontraram indícios de oferendas.

4.1.3.3.2. Outros depósitos

Para além dos restos humanos e sem relação direta com estes, foram identificados vestígios de fauna mamalógica [u.e 623]. Estes vestígios apareceram apoiados à UE 594 que correspondia a um conjunto de calhaus e blocos de granito que parecem ter assumido uma “*disposição aleatória na horizontal, sub-horizontal e vertical*” (Alves *et al.*, 2010).

4.1.3.3.3. Paleopatologia

No enterramento 2 a análise das paleopatologias mostrou um desgaste dentário moderado a acentuado e uma “*artrose ligeira no côndilo mandibular esquerdo*” (Rodrigues, 2010:17).

Os ossos do ossário 1 apresentavam “*concreções graves de calcário no perióstio*” (Rodrigues, 2010:11).

4.1.3.3.4. Outro espólio e cronologia

Analisámos os materiais provenientes de 5 depósitos sedimentares, correspondendo, da mais antiga para a mais recente, as u.e's 690, 628, 638, 577 e 262 (Fig. 30). Estudámos um total de 232 fragmentos, 120 dos quais classificáveis e 112 inclassificáveis.

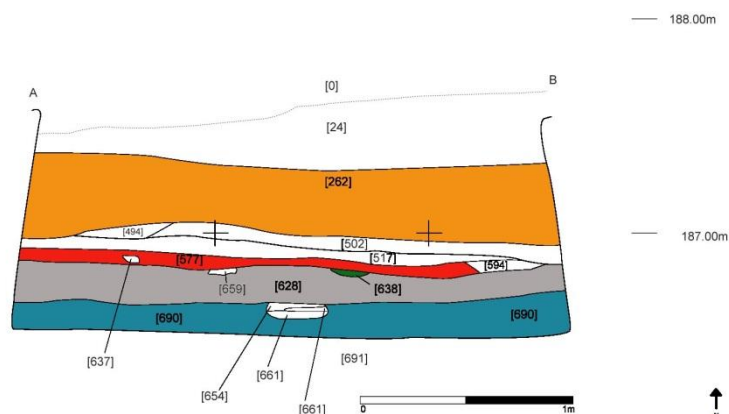


Figura 30 – Desenho do perfil N-S da [fossa 691], com tintagem de Rui Clemente, realizado no âmbito da intervenção em AB3. Representação das UE'S 262 (laranja), 577 (vermelho), 628 (cinzento), 638 (verde) e 690 (azul) cujos materiais foram alvo de estudo (seg. Joana Inocêncio, adaptado de Alves *et al.*, 2010).

Os depósitos que forneceram um maior número de fragmentos foram a UE 690 (30%), a UE 628 (30%) e a UE 262 (30%) (Fig. 31).

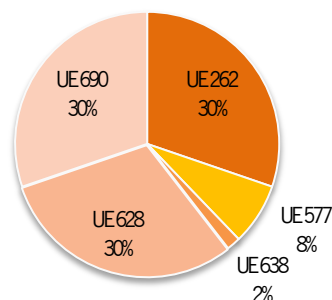


Figura 31 – Percentagem de fragmentos cerâmicos por UE'S.

Os tipos de fragmentos mais representados nas diferentes UE'S eram: na UE 690, os bordos (27 casos) e bojos (8 casos); na UE 628, os bordos (22 casos) e os bojos (14 casos); na UE 638 os bojos (1 caso) e os bordos (1 caso); na UE 577, os bordos (6 casos) e os bojos (3 casos); e na UE 262, os bordos (30 casos), os bojos (5 casos) e os fundos (1 casos) (Fig. 32).

Foram identificados 13 bojos com carena, 2 na UE 690, 9 na UE 628 e 2 na UE 577. Também na UE 628 foi encontrado um bojo com decoração plástica na forma de mamilo.

Na UE 690 foi encontrado um perfil completo, possivelmente de um esférico simples.

Do conjunto de 86 bordos estudados, 32 apresentavam espessamento.

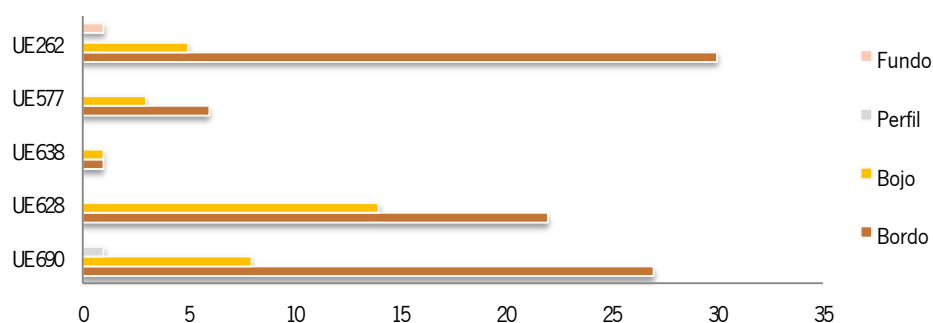


Figura 32 – Classificação dos tipos de fragmentos por UE'S da fossa 691.

Quanto ao tratamento de superfície (Fig. 33), nas UE'S 690, 628 e 577 predomina a superfície rugosa. Na UE 262 a maioria dos fragmentos analisados apresentava um tratamento de superfície alisado. No total dos fragmentos analisados 56 apresentavam uma superfície rugosa, 64 tinham um tratamento alisado e encontrou-se 1 caso de superfície vassourada.

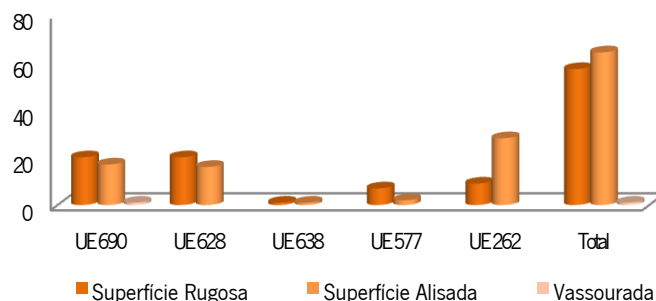


Figura 33 – Tratamento de superfície dos fragmentos por UE'S.

O tipo de cozedura (Fig. 34) mais representado nos fragmentos das diferentes UE'S é a redutora que se traduz nos tons escuros das superfícies e cerne dos materiais, variando estes entre o bege, o castanho, o cinzento-claro, o cinzento-escuro e o negro. Ainda que as cozeduras sejam redutoras, alguns fragmentos apresentam uma tonalidade avermelhada ou rosada, podendo isto indicar a existência de oxidação. Por sua vez, os fragmentos de cozedura oxidante, representados apenas por 16 casos (4 classificáveis e 12 inclassificáveis), apresentam superfícies e cerne de tonalidade cor-de-laranja.

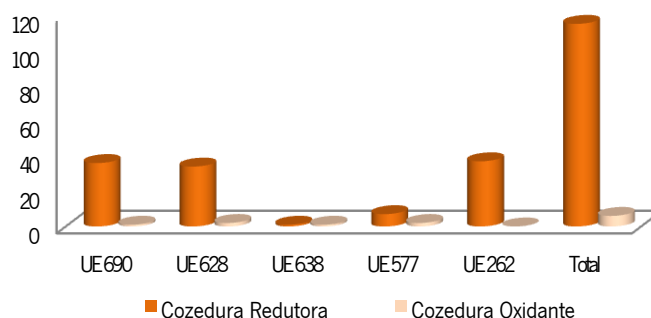


Figura 34 – Tipo de cozedura dos fragmentos por UE'S.

O estudo dos fragmentos permitiu-nos classificar e atribuir forma a alguns deles. Assim, predominavam: na UE 690, as formas de pratos, de potes, de pesos-placa e de taças; na UE 628, as formas de potes, de pesos-placa, de taças e de taças carenadas; na UE 638, as formas de pesos-placa e de taças carenadas; na UE 577, as formas de potes e de taças carenadas; e na UE 262, as formas de potes, de taças e de pesos-placa (Fig. 35).

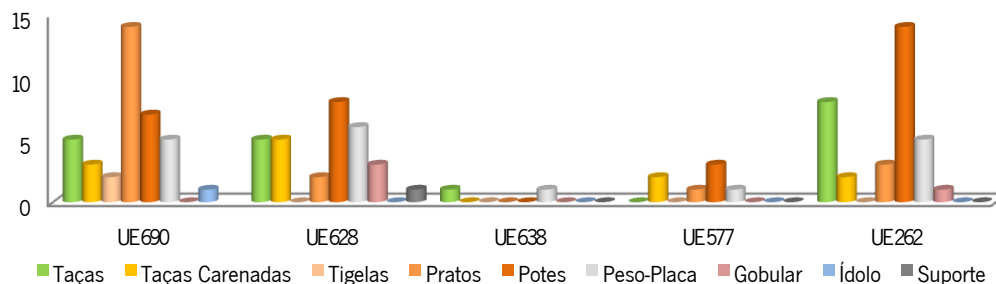


Figura 35 – Formas cerâmicas identificadas por UE'S.

A observação das formas cerâmicas do conjunto das UE'S estudadas permite perceber a predominância das formas de potes (32 casos), de pratos (20 casos), de pesos-placa (18 casos), de taças (18 casos) e de taças carenadas (12 casos) (Fig. 36).

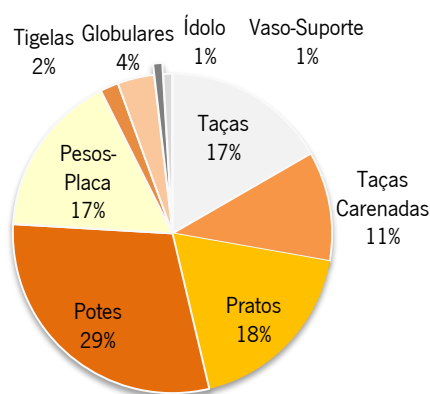


Figura 36 – Representatividade das formas cerâmicas na Fossa 691.

Os fragmentos apresentam pastas grosseiras, com e.n.p.'s constituídos por areias e mica de diversos tamanhos que se distribuem de modo pouco homogêneo na peça.

Os materiais analisados apresentavam características típicas das cerâmicas do Calcolítico pelo que considerados plausível a inserção dos enterramentos deste contexto nesse período cronológico.

Dois dos depósitos de enchimento estudados (UE 690 e UE 628) forneceram material lítico polido que correspondia a 2 percutores, 1 polidor, 1 dormente e 5 moventes.

Quanto à matéria-prima, os percutores eram em quartzo, o polidor em quartzito, o dormente em granito e os moventes, 4 eram em granito e 1 em quartzito.

4.1.4. Discussão dos resultados

Em síntese, podemos dizer que, no povoado calcolítico do Alto de Brinches 3, foram descobertos 3 contextos funerários. As estruturas funerárias concentravam-se na zona sul da área escavada e distavam cerca de 10 metros entre si. Não se encontravam isoladas, estando próximas de outras estruturas em negativo, como fossas, de cronologia calcolítica, além de outras da Idade do Bronze. O enterramento de um não-adulto em hipogeu, cuja cronologia será, possivelmente, da

Idade do Bronze, encontra-se a uma distância de cerca de 30/40 metros dos três enterramentos calcolíticos.

Estas fossas com utilização funerária foram abertas no substrato rochoso. No interior de uma fossa circular [691] foi aberta uma depressão oval que considerámos uma sepultura plana, realizada propositadamente para a inumação do cadáver.

As duas fossas tinham dimensões iguais (Quadro I) (cerca de 2 m de diâmetro por cerca de 1 m de profundidade). Uma tinha contorno circular e perfil sub-rectangular, a outra apresentava um contorno subcircular e um perfil trapezoidal. As suas bases eram aplanadas.

A sepultura plana tinha dimensões reduzidas (1 m de comprimento por 0,42 m de largura e 0,22 m de profundidade). O seu contorno era oval, a secção e a base eram arredondadas.

Desta análise, não se verifica nenhuma tendência das dimensões das fossas em relação ao número de indivíduos enterrados, uma vez que a fossa com maior número de enterramentos tem as mesmas dimensões que a fossa com a inumação individual (Quadro I).

Algumas fossas parecem ter sido usadas para enterramentos sucessivos, como é o caso da n° 3 (UE 691). Neste caso ocorrem inumações e ossários e ainda ossos dispersos. Alguns dos ossos soltos podem pertencer aos inumados o que sugere uma forte manipulação dos ossos neste contexto.

Quadro I. Tipos de fossas onde se registaram deposições funerárias

Contexto	Contorno	Secção	Base	Diâmetro	Profundidade	Deposições
Fossa 586	Circular	Sub-rectangular	Aplanada	±2 m	±1 m	1
Sepultura plana 689	Oval	Arredondada	Arredondada	1 m por 0,42 m	0,22 m	1
Fossa 691	Sub-circular	Trapezoidal	Aplanada	±2 m	±1 m	2 primárias, 2 ossários e ossos soltos.

Os enterramentos, dentro das fossas localizam-se preferencialmente junto das paredes. O enterramento individual estava junto à parede Norte; no enterramento duplo, o indivíduo 1 estava junto à parede Sudoeste e o 2 junto à parede Oeste, estando a sepultura plana aberta junto à parede Sudeste. Todos os indivíduos estavam com a face voltada para a parede da estrutura à exceção do elemento enterrado na sepultura plana.

Neste tipo de contextos foram realizadas 4 inumações primárias e 3 deposições secundárias que se materializam em ossários, reduções e ossos soltos, alguns com relação anatómica com as inumações primárias. O total dos restos ósseos recuperados permite perceber a existência de um número mínimo de 5 indivíduos enterrados.

As inumações primárias correspondem a 1 dupla e 2 individuais em que a orientação dos corpos é muito díspar. Detectaram-se 2 no sentido Oeste/Este, ambos enterramentos em fossa de indivíduos do sexo feminino, sendo que apenas um dos casos corresponde a inumação individual; o indivíduo do género masculino presente no enterramento duplo estava orientado de

Norte para Sul e o indivíduo feminino na sepultura plana assumia uma orientação de Sudeste para Noroeste.

Parece existir uma tendência para a deposição em decúbito lateral que se registou em 3 casos. O outro era 1 enterramento em decúbito ventral.

Três enterramentos eram femininos e 1 masculino; 2 de adultos e 1 de um jovem-adulto e outro de um adulto de meia-idade a idoso.

Apenas os indivíduos com enterramentos individuais parecem ter tido oferendas, sendo ambos do sexo feminino. As oferendas estão presentes em dois enterramentos individuais e caracterizam-se por um objeto em osso polido e um canídeo. Registou-se o aparecimento de fauna mamalógica associada ao enterramento em sepultura plana.

De salientar um enterramento de canídeo, no interior de uma fossa. Estava rodeado, aparentemente de forma intencional, por um anel de pedras. Surgiu no mesmo nível estratigráfico de uma inumação humana de um indivíduo feminino adulto, de meia-idade a idoso. O animal ocupava uma área mais central da fossa enquanto que o esqueleto humano se encontrava depositado junto a uma parede.

Em termos de paleopatologias, todos os indivíduos apresentam desgaste dentário, 2 de fraco a moderado, 1 de moderado a acentuado e 1 severo. Os diferentes graus de desgaste dentário poderão relacionar-se com as respetivas idades dos indivíduos, na medida em que o mais significativo foi encontrado no indivíduo cuja idade à época da morte seria mais elevada. Os vestígios de tártaro foram encontrados apenas para 1 indivíduo. O tártaro pode relacionar-se com uma alimentação rica em proteínas. Registou-se 1 caso de artrose ligeira do côndilo mandibular esquerdo. A artrose é um desgaste da articulação que pode ter várias causas, como o uso excessivo da articulação ou causas traumáticas.

Os ritos de manipulação dos ossos encontram-se registados apenas no único contexto que apresenta enterramento duplo.

A análise dos materiais cerâmicos dos depósitos sob e sobre os enterramentos com vista à determinação cronológica destes contextos, permitiu verificar que a maior parte dos fragmentos correspondiam a bordos (82%), estando os bojos e os fundos poucos representados (9%) (Fig. 37). Foram identificados 14 casos de bojos com carena e 2 com decoração plástica na forma de mamilos. Do conjunto foi identificado um perfil completo de um esférico simples (Anexo III, Estampa 3 - d).

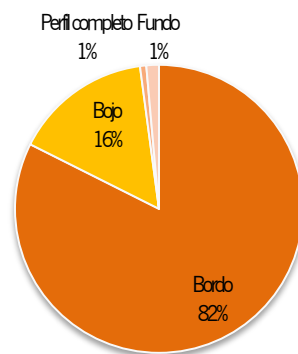


Figura 37 – Representatividade dos fragmentos, por tipo, nos três enterramentos de AB3.

As formas mais representadas são os potes (29%), os pratos (18%), os pesos-placa (18%), as taças (17%) e as taças carenadas (10%), embora tivessem aparecido, também, tigelas (1%) (Fig. 38).

De destacar a presença de 1 ídolo fálco (Anexo II, Tabela 1 - p; Anexo III, Estampa 3 - g), de uma colher e de 1 vaso-suporte (Anexo II, Tabela - 1 c; Anexo III, Estampa 3 - e).

O conjunto destes materiais permitiu situar os contextos de enterramento no calcolítico regional.

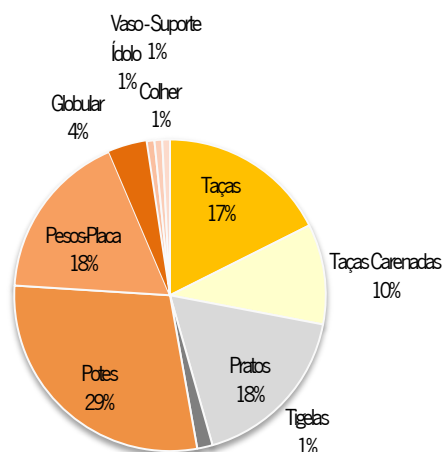


Figura 38 – Tipologia dos materiais cerâmicos recuperados dos enterramentos de AB3.

Quanto aos objetos líticos, todos polidos, foram encontrados apenas em 2 contextos (Fossa 586 e Fossa 691) e 3 UE'S (54, 628 e 629). Correspondiam a percutores (2 casos), polidores (1 caso), moinhos moventes (6 casos) e moinhos dormentes (1 caso) (Fig. 39).

Destes, 1 polidor e 3 moventes estavam fragmentados.

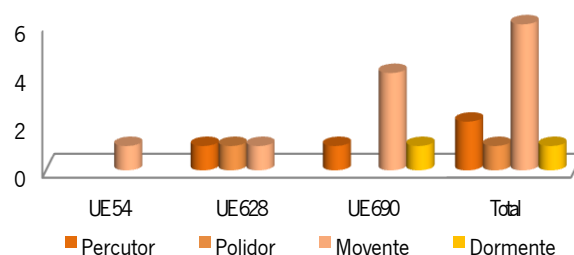


Figura 39 – Objetos líticos encontrados nos contextos funerários de AB3.

As matérias-primas utilizadas no fabrico dos materiais líticos encontrados foram o granito (6 casos), o quartzito (2 casos) e o quartzo (1 caso) (Fig. 40).

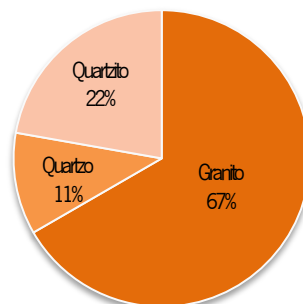


Figura 40 – Matérias-primas utilizadas no fabrico dos objetos líticos.

4.2. Torre Velha 3

4.2.1. Localização administrativa e contexto físico e ambiental

Administrativamente, o sítio da Torre Velha 3, localiza-se na freguesia de São Salvador, concelho de Serpa, distrito de Beja, à coordenada de M 253 962.711, P 111 569.121, com a altitude máxima de 180.70 metros (Alves *et al.*, 2009) (Fig. 41).

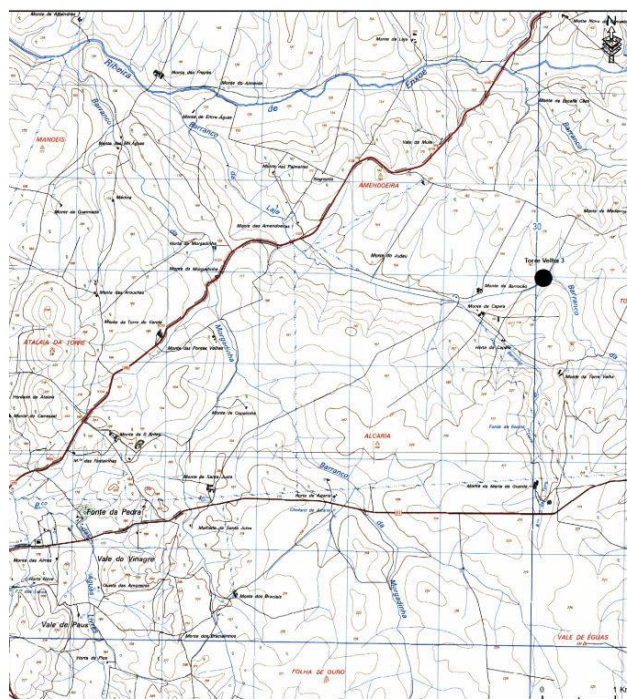


Figura 41 – Localização da Torre Velha 3 na Carta Militar de Portugal, Folha 523, 1997 (seg. Filipe Pereira).

Implanta-se numa colina, cujos lados Norte e Oeste apresentam um declive mais acentuado, num meio pautado por ondulações bastante suaves, cujas cotas se encontram entre os 200 e os 230 metros, típicos da penepalanície alentejana (Alves *et al.*, 2009) (Figs. 42 e 43). A homogeneidade deste relevo vê-se “*interrompida pelo vale encaixado do Rio Guadiana e pelos relevos residuais da Serra de Ficalho*” (AAVV, 2002:87 in Alves *et al.*, 2009:6).



Figura 42 – Localização do sítio de Torre Velha 3 no Google Maps (seg. Filipe Pereira).



Figura 43 – Vista parcial do sítio da Torre Velha 3 (Alves *et al.*, 2009).

Em termos hidrográficos, o Barranco da Laje contorna a elevação onde se localiza o sítio da Torre Velha 3, correndo no sentido Este-Oeste. A uma distância aproximada de 3 km para Leste, encontra-se o Barranco do Franco. Ambos são afluentes da Ribeira do Enxoé que desagua no rio Guadiana (*idem*).

Geologicamente, este sítio situa-se no maciço de Beja nos “Pórfiros de Baleizão”, unidade (sub) vulcânica ácida, pós metamórfica caracterizada por uma tonalidade avermelhada dos afloramentos. Predominam os carbonatos cobertos por argilas de aluvião.

4.2.2. Breve historial dos trabalhos e caracterização arqueológica do sítio

Os primeiros vestígios arqueológicos no local foram detetados pela empresa *Empatia Lda.* (Alves *et al.*, 2009). A intervenção arqueológica por parte da empresa *Palimpsesto Lda.* teve início no dia 2 de Dezembro de 2008, tendo os trabalhos decorrido no âmbito da minimização dos impactes da construção da Barragem da Laje. A intervenção possibilitou a identificação de um significativo número de estruturas, que permitiram aferir a ocupação deste sítio desde o Calcolítico até à Antiguidade Tardia (*idem*) (Fig. 44).

O período Calcolítico, que corresponde à primeira fase de ocupação, está representado por poucos contextos, com um total de “27 unidades estratigráficas” (Alves *et al.*, 2010:55), sendo que apenas 5 são estruturas, nomeadamente, fossas e fossas com enterramentos humanos, de

características interessantes. As fossas com enterramentos localizavam-se na zona oeste do povoado, muito próximas uma da outra, distando poucos metros entre si.



Figura 44 – Vista parcial das estruturas identificadas na Torre Velha 3 (Alves *et al.*, 2009).

4.2.3. Contextos e práticas funerárias

4.2.3.1. Contexto funerário 1 [2205]

4.2.3.1.1. Características arquitectónicas e estratigrafia

Esta estrutura do tipo fossa apresentava um contorno circular, perfil rectangular, as paredes quase retilíneas e base aplanada. Media cerca de 2 m de diâmetro por 1 m de profundidade.

Continha 9 unidades estratigráficas das quais 7 eram depósitos sedimentares. No interior da fossa, junto às paredes desta, apareceu uma estrutura formada por pedras de pequeno e médio calibre, que se encontravam dispostas na horizontal e sub-horizontal, formando um anel. O esqueleto [1998] estava inserido no anel (UE 2082), porém não se pode dizer que este estruturava o enterramento uma vez que o indivíduo estava depositado junto à parede, ficando a área central livre (Fig. 45). Os restantes sedimentos que cobriam esta estrutura correspondiam às UE's 1616 e 1997=2025.

O enterramento encontrava-se coberto pela UE 1997=2025 e assentava na UE 2194.

A UE 1616 corresponde a sedimento castanho acinzentado, argiloso e compacto, de grão médio, com inclusões de fauna e nódulos de substrato geológico desagregado; o sedimento da UE 1997 tinha uma coloração bege acinzentada, era areno-argiloso e muito compacto, de grão médio, apresentando manchas de substrato geológico desagregado. A UE 2194 caracterizava-se por ser um sedimento castanho mesclado, pouco argiloso e compacto, de grão grosseiro, contendo algum cascalho, também grosseiro, de granito e pequenos nódulos do substrato geológico desagregado.



Figura 45 – Fossa [2205], vista do “anel pétreo” [U.E. 2082] e relação com o esqueleto (Alves *et al.*, 2009).

4.2.3.1.2. Características do enterramento

Enterramento individual primário.

4.2.3.1.2.1. Os corpos

Trata-se de um enterramento primário, em que o esqueleto [1998 = 2155] foi depositado numa orientação Sul (cabeça) / Norte (pés), em decúbito dorsal, junto à parede Este (Fig. 46).

Apresentava um mau estado de preservação que não permitiu perceber a orientação da face nem realizar análises para aferir o género a que pertencia. Tratava-se de um indivíduo não adulto.



Figura 46 – Enterramento de um indivíduo [1998]=[2155] na fossa [2205] (Alves *et al.*, 2009).

4.2.3.1.2.2. Os objetos

Não se detetaram objetos diretamente associados ao enterramento.

4.2.3.1.3. Outro espólio e cronologia

Analisámos os materiais provenientes de 3 depósitos sedimentares, correspondendo, da mais antiga para a mais recente, às UE'S 1997=2025, 2082 e 2194, dispostas sobre e e sob o esqueleto, respectivamente (Fig. 47). Estudámos um total de 14 fragmentos cerâmicos e 2 líticos.

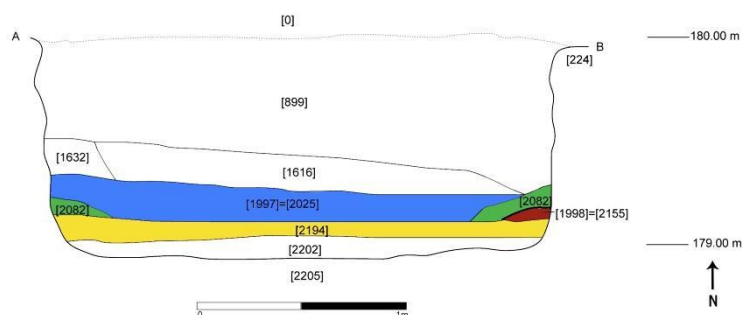


Figura 47 – Desenho do perfil O-E da [fossa 2205], com tintagem de Carolina Grilo, realizado no âmbito da intervenção em TV3. Representação das UE'S 2025 (azul), 2082 (verde), 2194 (amarelo) cujos materiais foram alvo de estudo e localização do esqueleto (vermelho) (seg. Joana Inocêncio, adaptado de Alves *et al.*, 2009).

A UE 2194 forneceu o maior número de fragmentos (57%), seguida pela UE 1998=2025 (29%) e, por último, a UE 2082 (14%) (Fig. 48).

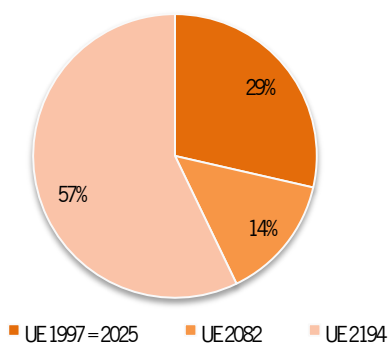


Figura 48 – Percentagem de fragmentos por UE'S.

Na UE 1997=2025 os fragmentos correspondiam a bordos (2 casos) e arranques de asa (1 caso); na UE 2082, a bojos (1 caso) e a fundos (1 caso); e, na UE 2194, a bordos (2 casos), a bojos (1 casos), a fundos (2 casos) e a asas (1 caso) (Fig. 49).

Dos bojos da UE 2194, encontrámos 2 com carena. As asas eram de secção tubular.

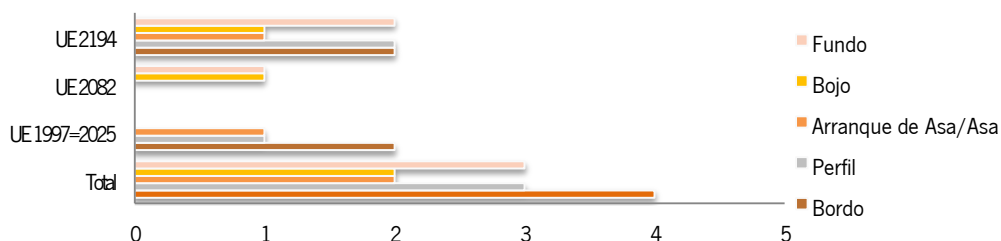


Figura 49 – Classificação dos tipos de fragmentos por UE'S.

Quanto ao tratamento de superfície (Fig. 50), na UE 1998=2025 existem apenas casos de superfícies rugosas., na UE 2082 ambas as superfícies estão representadas de igual modo e na UE 2194 predominam as superfícies rugosas. No conjunto detetaram-se 10 casos de superfícies rugosas e 4 de tratamento alisado.

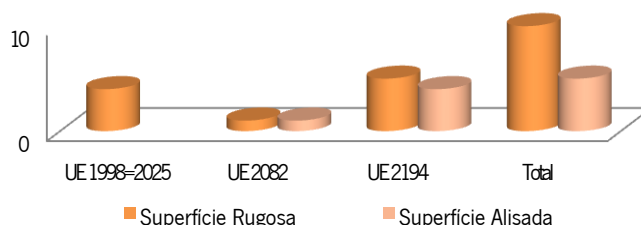


Figura 50 – Tratamento de superfície dos fragmentos por UE'S.

Quanto ao tipo de cozedura (Fig. 51) dos fragmentos, na UE 1997=2025 registou-se apenas cozedura redutora (4 casos), na UE 2082 ambas as cozeduras estão representadas de igual modo (1 caso cada) e na UE 2194 a cozedura é redutora (7 casos) e oxidante (1 caso). No total 12 fragmentos apresentavam uma cozedura redutora e 2 foram cozidos em ambiente oxidante.

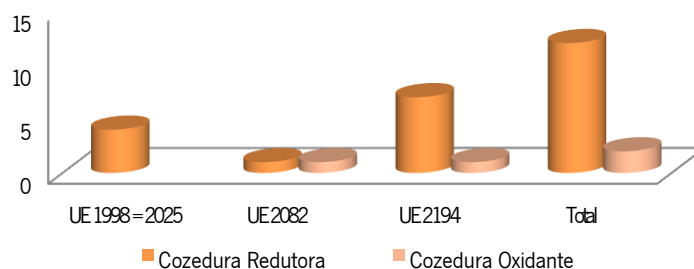


Figura 51 – Tipo de cozedura dos fragmentos por UE'S.

O estudo dos bordos permitiu-nos classificá-los e atribuir-lhes forma. Assim, estavam representadas, na UE 1998=2025, as formas de taças (1 caso), de potes (1 caso), de pesos-placa (1 caso) e de asas (1 caso); na UE 2082, as formas de taças carenadas (1 caso) e, na UE 2194, de taças (3 casos), de taças carenadas (1 caso), de pesos-placa (1 caso), de vasos (1 caso), de asas (1 caso) e de tigelas (1 caso) (Fig. 52).

A observação das formas do conjunto das UE'S permite perceber a predominância das formas de taças carenadas, de taças, de potes e de pesos-placa e a ausência da forma de pratos (Fig. 28). Esta ausência deve ser encarada com precaução uma vez que nem todos os fragmentos estudados deram forma. O fato de não se terem identificado pratos nas UE'S estudadas não implica necessariamente que ela não pudesse existir. De salientar ainda, a rara ocorrência de bordos espessados.

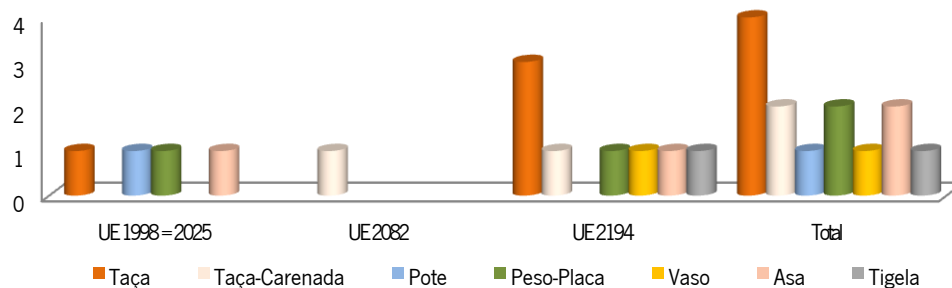


Figura 52 – Tipologia dos materiais cerâmicos por UE'S.

Os fragmentos apresentam pastas grosseiras, com e.n.p.'s constituídos por areias e mica, de diversos tamanhos, que se distribuem de modo pouco homogêneo na peça.

As cerâmicas deste contexto apresentavam características um pouco diferentes das que foram registadas para os contextos estudados em AB3, tanto ao nível tecnológico como morfológico. Este aspeto permite-nos ponderar uma cronologia diferente para este contexto. A ausência da forma de pratos e a fraca ocorrência de bordos com espessamento pode indiciar que se tratava de um contexto mais antigo.

De dois depósitos de enchimento (UE 2025 e UE 2194) foram recuperados 2 objetos líticos, um machado, composto por dois fragmentos em anfibolito (Anexo II, Tabela 2 - a) e um percutor, fragmentado, em quartzito (Anexo II, Tabela 2 - d).

4.2.3.2. Contexto funerário 2 [2273]

4.2.3.2.1. Características arquitetónicas e estratigrafia

Esta estrutura do tipo fossa apresentava um contorno circular, perfil rectangular e base aplanada. Media aproximadamente 2 m de diâmetro por menos de 1 m de profundidade.

Era composta por 6 unidades estratigráficas das quais 3 eram depósitos sedimentares. Como ocorreu para o enterramento [UE 1998], também o esqueleto [UE 2015] estava inserido num anel (UE 2014), não podendo dizer-se que este estruturava o enterramento uma vez que o indivíduo estava depositado junto à parede, ficando a área central livre (Fig. 53). A estrutura e o enterramento eram cobertos pela UE 898 e assentavam sobre a UE 2199.

O depósito sedimentar 898 apresentava coloração castanha, era areno-argiloso e algo compacto, de grão médio a fino e a UE 2199 era um depósito castanho claro, areno-argiloso e algo compacto, de grão médio, que continha grande quantidade de cascalho miúdo de granito e inclusões de pequenos nódulos de carbonato.



Figura 53 – Vista do “anel pétreo” [U.E. 2014] e relação com o esqueleto (Alves *et al.*, 2009).

4.2.3.2.2. Características do enterramento

Enterramento individual primário.

4.2.3.2.2.1. Os corpos

Trata-se de um enterramento primário, de um indivíduo do sexo masculino, adulto, entre os 30 e os 50 anos. Apesar de se encontrar em mau estado de preservação, foi possível perceber que estava depositado em decúbito lateral direito, orientado no sentido Oeste (cabeça) / Este (pés) (Fig. 54). Encontrava-se junto à parede Norte da fossa, com as costas viradas para esta, a face parece ter estado orientada na mesma direção do membro superior direito.



Figura 54 – Pormenor do enterramento do indivíduo [2155] (Alves *et al.*, 2009).

4.2.3.2.3. Outro espólio e cronologia

Analisámos os materiais provenientes de 3 depósitos sedimentares, correspondendo, da mais antiga para a mais recente, às UE'S 2199, 2014 e 898 (Fig. 55). Estes depósitos estavam sob e sobre o enterramento, respetivamente. Estudámos um total de 16 fragmentos cerâmicos e 4 líticos.

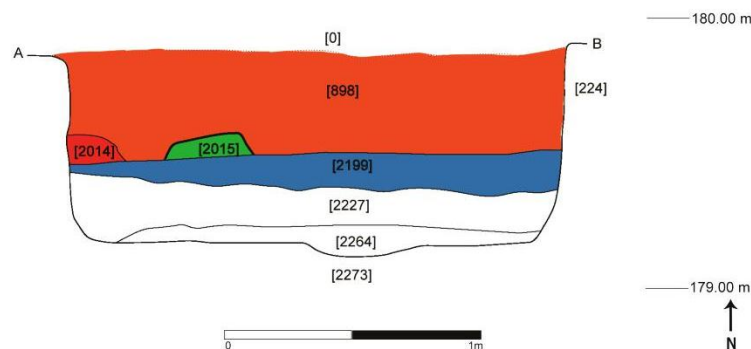


Figura 55 – Desenho do perfil N-S da fossa 2273, com tintagem de Rui Clemente, realizado no âmbito da intervenção em TV3. Representação das UE'S 898 (laranja), 2014 (vermelho), 2199 (azul) cujos materiais foram alvo de estudo e localização do esqueleto [2015] (verde) (seg. Joana Inocência, adaptado de Alves *et al.*, 2009).

A UE 898 forneceu o maior número de fragmentos (56%), seguida pela UE 2199 (25%) e, por último, a UE 2014 (19%) (Fig. 56).

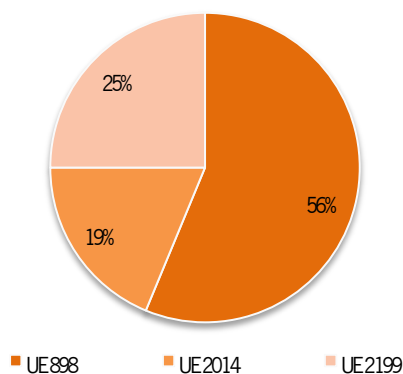


Figura 56 – Percentagem de fragmentos por UE'S.

Na UE 898 os tipos de fragmentos mais representados eram os bojos (4 casos), os bordos (3 casos) e os fundos (2 casos); na UE 2014, os bordos (1 caso), os bojos (1 caso) e os fundos (1 caso) e, na UE 2199, os bordos (1 caso), os bojos (2 casos) e as asas (1 caso) (Fig. 57).

Dos bojos, na UE 898 encontrámos 3 com carena e, na UE 2199, a carena estava representada em 2 bojos.

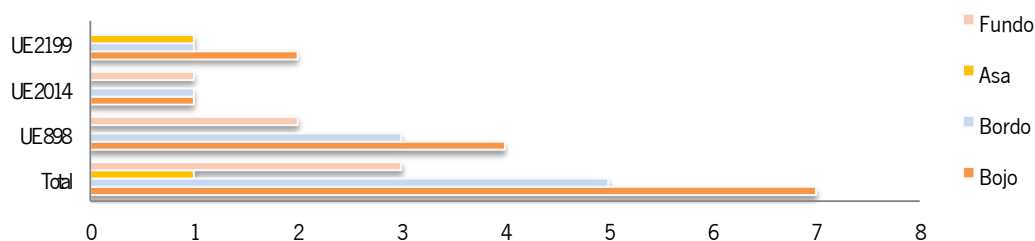


Figura 57 – Classificação dos tipos de fragmentos por UE'S.

Quanto ao tratamento de superfície (Fig. 58), na UE's 898 (9 casos) e 2014 (3 casos) as superfícies analisadas eram todas alisadas. Já na UE 2199 existiam superfícies alisadas (1 caso) e rugosas (3 casos).

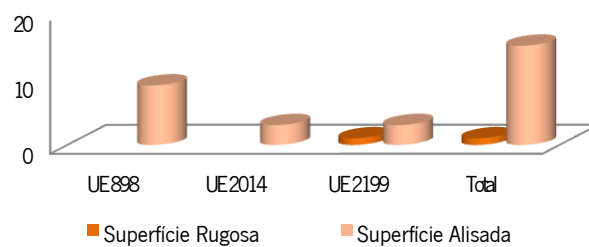


Figura 58 – Tratamento de superfície dos fragmentos por UE.

Na UE 898, a cozedura era redutora (5 casos) e oxidante (4 casos); na UE 2014 também se encontraram fragmentos de cozedura oxidante (2 casos) e redutora (1 caso) e, na UE 2199, o tipo de cozedura era apenas redutor (4 casos). Os fragmentos de cozedura oxidante, estão representados por 6 casos e a cozedura redutora por 10 casos (Fig. 59).

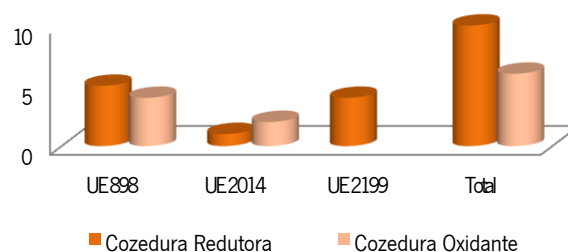


Figura 59 – Tipo de cozedura por UE.

O estudo dos bordos permitiu-nos classificá-los e atribuir-lhes forma. Assim, estavam representadas, na UE 898, as formas de taças carenadas (5 casos) e de taças (1 caso); na UE 2014, as formas de taças carenadas (1 caso) e de vasos (1 caso) e, na UE 2199, encontrámos taças carenadas (2 casos) e potes (2 casos).

A observação das formas do conjunto das UE'S permite perceber a predominância das formas de taças carenadas (8 casos) e de potes (2 casos) (Fig. 60).

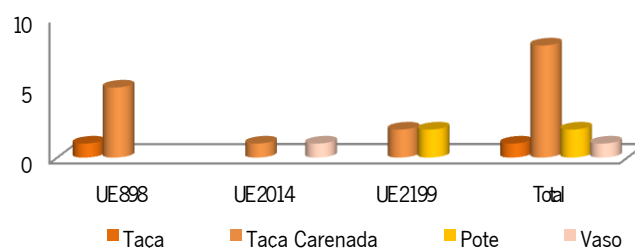


Figura 60 – Tipologia dos materiais cerâmicos por UE'S.

Os fragmentos apresentam pastas grosseiras, com e.n.p.'s constituídos por areias e mica, de diversos tamanhos, que se distribuem de modo pouco homogêneo na peça.

À semelhança do que foi dito para o contexto anterior, também aqui está ausente a forma prato e o espessamento dos bordos é pouco significativo. Estes aspetos podem levar-nos a interpretar este contexto como sendo mais antigo em comparação com os 3 estudados em AB3.

Apenas na UE 898 foram encontrados objetos líticos. Correspondiam a 1 moinho movente fragmentado, em granito; a uma mó fragmentada, em granito; a 1 martelo fragmentado, em anfibolito (Anexo II, Tabela 2 - f) e a uma enxó fragmentada, em xisto (Anexo II, Tabela 2 - g).

4.2.4. Discussão dos resultados

Para o povoado calcolítico de Torre Velha 3, são apenas conhecidos 2 contextos funerários em fossa, cada uma contendo um enterramento primário individual (Quadro II).

As fossas, abertas no substrato rochoso, tinham ambas contorno circular, secção retangular e base aplanada. Mediam aproximadamente 2 m de diâmetro por 1 m de profundidade.

Estas fossas localizavam-se na zona oeste da área escavada muito próximas uma da outra. Encontravam-se próximas de outra fossa, sem utilização funerária, da mesma época.

Quadro II. Características de fossas sepulcrais

Contexto	Contorno	Secção	Base	Diâmetro	Profundidade	Nº de deposições
2205	Circular	Rectangular	Aplanada	2 m	1 m	1
2273	Circular	Rectangular	Aplanada	± 2 m	± 1 m	1

Neste sítio, para além dos dois contextos funerários apenas foram identificados mais três estruturas do período Calcolítico, todas fossas, algumas localizadas a centenas de metros de distância dos contextos funerários.

Os esqueletos assumiam orientações de deposição distintas. O enterramento do indivíduo não – adulto estava orientado a Sul/Norte, em decúbito dorsal, junto à parede Este da fossa, enquanto que o indivíduo adulto do género masculino estava depositado em decúbito lateral direito, orientado no sentido Sudoeste/Nordeste, junto à parede Norte da fossa.

Devido à deficiente preservação dos ossos foi impossível aferir outros dados, nomeadamente os que se referem ao género e à idade à época da morte de um dos indivíduos.

A deposição dos indivíduos poderá ter tido uma relação com as estruturas pétreas de morfologia subcircular que se encontravam junto às paredes das duas fossas.

A análise dos materiais destes depósitos permitiu verificar que a maior parte dos fragmentos correspondiam a bordos (32%), a bojos (32%), a fundos (14%) e a arranques de asa/asas (11%). Foram identificados perfis completos, que correspondem a 11% da amostra (Fig. 61).

No total do conjunto, encontrámos 7 bojos carenados.

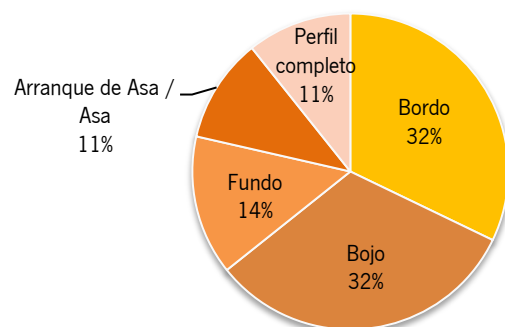


Figura 61 – Representatividade dos fragmentos, por tipo, nos dois enterramentos de TV3.

As formas mais representadas nos contextos funerários de TV3 são as taças carenadas (42%), as taças (21%), os potes (13%), os pesos-placa (8%) e os vasos (8%); as menos representadas são as tigelas (4%) (Fig. 62).

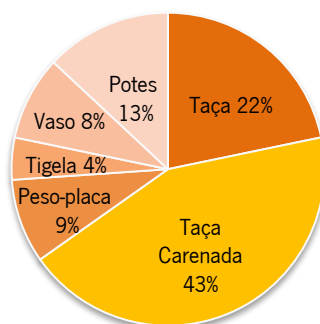


Figura 62 – Tipologia dos materiais cerâmicos dos contextos funerários de TV3.

Quanto aos materiais líticos foram encontrados nos dois contextos e em 3 UE'S (898, 2025 e 2194). Correspondiam a moinhos moventes (1 caso), a martelos (1 caso), a mós (1 caso), a enxós (1 casos), a machados (1 caso) e a percutores (1 caso). Todos estavam fragmentados, porém, o martelo (1050) (Anexo II, Tabela 2 - f) e uma enxó (1051) (Anexo II, Tabela 2 - g) preservavam o perfil completo e, foi possível observar um machado (Anexo II, Tabela 2 - a) que, apesar de ter sido encontrado fragmentado, os seus fragmentos (1125 e 1127) já estavam colados, permitindo formar a peça inteira (Fig. 63).

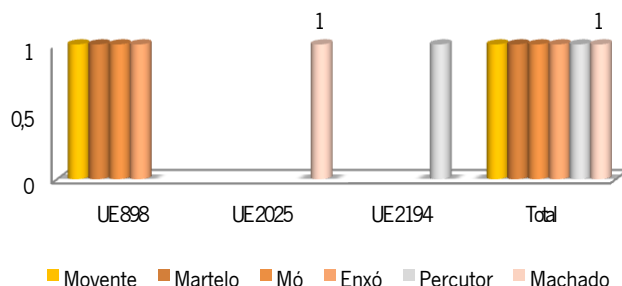


Figura 63 – Objetos líticos identificados nos contextos funerários de TV3.

As matérias-primas utilizadas no fabrico destes objetos líticos foram o granito (2 casos), o anfibolito (2 casos), o quartzito (1 caso) e o xisto (1 caso) (Fig. 64).

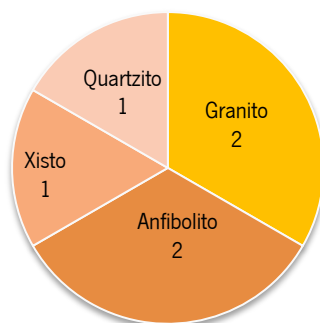


Figura 64 – Matérias-primas utilizadas no fabrico dos objetos líticos.

Não se registaram oferendas.

Para estes indivíduos não foram registadas patologias, em parte devido ao seu mau estado de preservação.

4.3. Porto Torrão

4.3.1. Localização administrativa e contexto físico e ambiental

Administrativamente, o sítio de Porto Torrão localiza-se na freguesia e concelho de Ferreira do Alentejo, distrito de Beja, à coordenada de M 247109.1380, P 110139.3230 (Fig. 65).

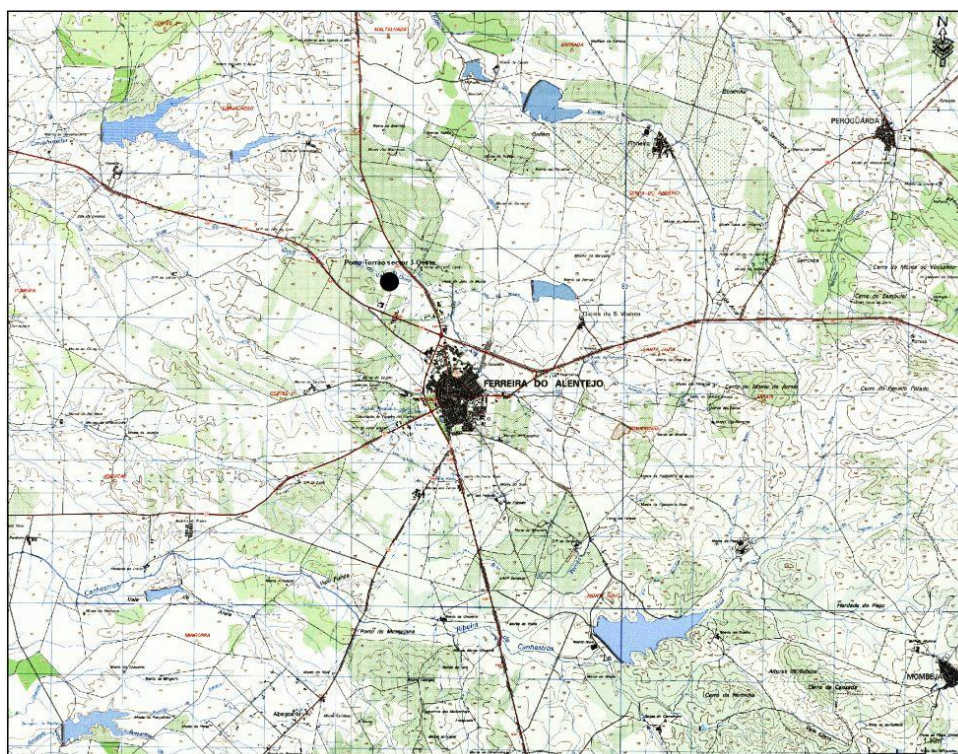


Figura 65 – Localização do Porto Torrão na Carta Militar de Portugal, Folha n° 509, 1997.

Este sítio implanta-se numa área aplanada, com uma pequena elevação, à altitude de 178.31 m, no seio da peneplanície alentejana (Valera e Filipe, 2004; Rebuge *et al.*, 2010). A ribeira do Vale do Ouro que corre no sentido Nordeste/Sudoeste “corta” o sítio, aparentemente, pela sua zona central (Valera e Filipe, 2004) (Figs. 66 e 67).

Geologicamente, Porto Torrão ocupa uma área composta por formações do Miocénico marinho (areolas, arenitos e calcários esbranquiçados). À superfície, são frequentes as impregnações de calcário e do designado “caliço” da região, correspondente à deteriorização dos gabros de Beja apresentando-se na forma de um calcário polvoroso e esbranquiçado.

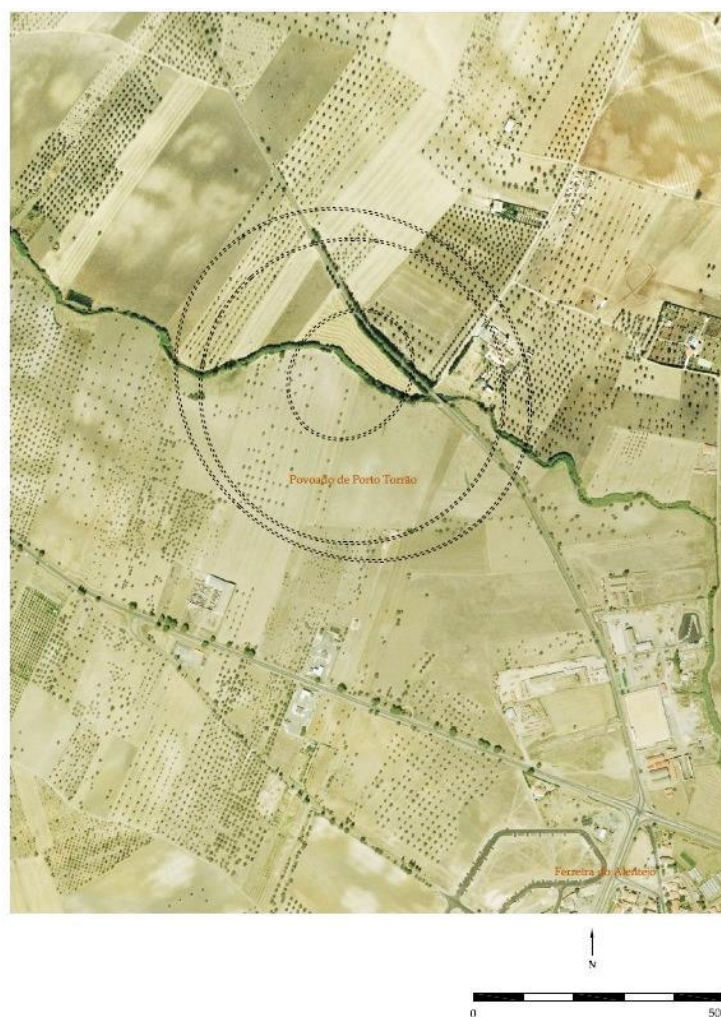


Figura 66 – Localização de Porto Torrão com a representação do alinhamento possível das diversas linhas de fosso detetadas no decurso da intervenção arqueológica, bem como através da intervenção da empresa *ERA*, em 2002 (desenho nº1, responsabilidade de Raquel Santos) (adaptado de Rebelo *et al.*, 2009).



Figura 67 – Vista sobre a área antes da intervenção (Rebelo *et al.*, 2009).

4.3.2. Breve historial dos trabalhos e caracterização arqueológica do sítio

O recinto de Porto Torrão foi descoberto na primeira década de 80 do século XX por José Morais Arnaud. Na altura este arqueólogo efetuou trabalhos de prospeção de superfície e geofísica, estes últimos não publicados, e sondagens arqueológicas (Valera e Filipe, 2004; Rebuge *et al.*, 2010).

Os trabalhos de prospeção de superfície, realizados por José Morais Arnaud, permitiram determinar a área de abrangência do recinto, entre os 75 ha e os 100 ha, caracterizando-o como subcircular e com área central diferenciada por possuir uma pequena elevação. Das sondagens arqueológicas realizadas na zona central de Porto Torrão, registou-se o aparecimento de estruturas, nomeadamente, de “muros”, “pavimentos” e “empedrados semicirculares” e abundantes “restos de fauna” e de “cerâmica” (Valera e Filipe, 2004).

No que diz respeito aos materiais, registou-se o aparecimento de diversos fragmentos de cerâmica campaniforme. Estes materiais estavam circunscritos “à zona central do povoado, numa área com cerca de 200 m de diâmetro” (*idem*). Destaca-se a existência de campaniformes com decoração de estilo pontilhado geométrico e internacional de bandas, sendo a decoração incisa bastante menos expressiva; o motivo cordado AOC está representado apenas num caso (Valera e Filipe, 2004:31). Estudos arqueométricos mostraram que estas cerâmicas foram produzidas localmente (Valera e Filipe, 2004).

No que diz respeito a outros materiais de carácter simbólico, foram ainda, identificados diversos ídolos cilíndricos em mármore, uma figura zoomórfica em cerâmica (bovídeo), vários fragmentos de “ídolos de cornos”, e um ídolo troncocónico, com “cabeça achatada”, em mármore (Valera e Filipe, 2004:31).

Identificaram-se também alguns almofarizes em mármore (Valera e Filipe, 2004).

Ao nível dos materiais metálicos registou-se o aparecimento de uma chapa de ouro, dois furadores, pedaços de calcopirite e um cadinho.

Quanto aos materiais líticos, estão representadas as “pontas de seta de base recta e côncava, lâminas, denticulados, raspadores, furadores, lascas, e lamelas e percutores esfeirodaís” (Valera e Filipe, 2004:31). Os elementos em pedra polida são pouco expressivos.

Foram recolhidos vestígios de fauna mamalógica e malacológica. Ao nível da fauna mamalógica a presença de cavalo é elevada, aumentada nos depósitos onde está presente o campaniforme. A fauna malacológica consiste em moluscos marinhos e estuarinos (*idem*).

Os restos de fauna foram sujeitos a datações de radiocarbono que visaram datar os três estratos da sondagem de 1982, próxima da zona central de Porto Torrão. Para o estrato 1 obtiveram duas datações, 4230±60 e 4200±70; para o estrato 2 a datação de 4020±110 e para o estrato 3 as datações de 4300±80 e 4290±50, (Valera e Filipe, 2004:32), que calibradas por nós, através do programa <https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal/OxCal.html>, situam o estrato mais antigo deste lugar, entre os finais do 4 milénio e os inícios do 3º milénio AC, e o mais recente, durante a 1ª metade do 3º milénio AC, ou seja, durante o Calcolítico (Quadro III). Não tivemos em conta a data de 4020±110 dado o seu grande desvio padrão.

Quadro III. Datas de Radiocarbono de Porto Torrão

Referência do Laboratório	Data BP	Contexto	Cal. 1 sigma (68.2%)	Cal. 2 sigma (95.4%)
ICEN 56	4300±80	Estrato 3	3086-3061 (5.1%) 3030-2867 (57.8%) 2804-2776 (4.8%) 2768-2764 (0.5%)	3322-3236 (4.1%) 3172-3162 (0.4%) 3116-2833 (73.0%) 2819-2661 (17.2%) 2650-2634 (0.6%)
ICEN 55	4290±50	Estrato 3	3010-2980 (12.2%) 2957-2951 (1.9%) 2941-2876 (54.1%)	3084-3064 (1.9%) 3028-2861 (85.7%) 2808-2756 (6.7%) 2719-2705 (1.1%)
ICEN 60	4200±70	Estrato 1	2894-2840 (19.3%) 2814-2678 (48.9%)	2917-2578 (95.4%)
ICEN 61	4230±60	Estrato 1	2910-2854 (28.2%) 2812-2745 (29.6%) 2726-2696 (10.4%)	3008-2986 (1.3%) 2934-2620 (94.1%)

Em 2002 e 2003, o recinto foi alvo de uma intervenção arqueológica, pela *Era – Arqueologia S.A.* Esta ocorreu de modo a minimizar os impactes decorrentes das obras de construção da linha de alta tensão Alqueva – Ferreira do Alentejo – Sines, projecto da REN (Valera e Filipe, 2004; Rebuge *et al.*, 2010).

Das escavações efectuadas numa zona mais central do recinto, a Norte da Ribeira do Vale do Ouro, foram identificadas várias estruturas, escavadas no substrato rochoso, atribuíveis a diferentes fases construtivas, no total de 3 relativas à Pré-História.

A Fase 1, mais antiga, corresponde ao fosso 1 e às fossas 6, 7, 8 e 9.

O fosso, que se encontrava “no canto SO da área escavada”, tinha uma largura de cerca de 2,50 m, na base, por 3 m de profundidade (Valera e Filipe, 2004). O carácter parcial da escavação não permitiu obter informações quanto ao comprimento e planta da estrutura.

As fossas 6, 7 e 8 foram abertas nos sedimentos que preenchiam o fosso, em diferentes momentos.

A fossa 9 foi escavada na crosta calcária, localizando-se a oeste do fosso já referido. Para as evidências estudadas nesta fase foi apontada como cronologia possível o Neolítico Final (*idem*).

A Fase 2 contemplou o fosso 2 e as fossas 2, 3 e 5.

O fosso 2 situava-se no canto Nordeste da área intervencionada. Foi possível determinar que tinha 5,90 m de largura por 3,40 m de profundidade (Valera e Filipe, 2004). Não foi possível aferir o comprimento e a planta do fosso.

As fossas 2 e 3 estavam implantadas entre os dois fossos. A fossa 2, de reduzidas dimensões e planta subcircular, tinha no único depósito que a preenchia abundantes vestígios de “fauna mamalógica, de cerâmica manual, um ídolo cilíndrico em cerâmica e um fragmento de queijeira” (Valera e Filipe, 2004:36). Nos dois depósitos que preenchiam a fossa 3, registou-se um número significativo de cerâmica e de fauna mamalógica. A fossa 5 foi escavada no último depósito que preenchia o fosso 1 e continha no seu enchimento alguma cerâmica manual e três pesos de tear.

Para o conjunto destas estruturas e dos artefactos avançaram uma cronologia do “Calcolítico Pleno” (*idem*).

A Fase 3, mais recente, corresponde à “*fossa 4 e depósitos finais de colmatação que extravasam os limites dos fossos*” (*idem*). Para a fossa 4 apuraram-se as dimensões e a planta. Dos seus três depósitos de enchimento, o último apresentava um “*enrocamento com pedras, entre as quais fragmentos de dormentes de mós*” (Valera e Filipe, 2004:36). Foram ainda identificados nos seus depósitos pequenos fragmentos de cerâmica manual, dois fragmentos de cerâmica campaniforme e uma taça inteira. Nos dois depósitos superiores apareceu cerâmica campaniforme de estilo geométrico. Considerou-se que se estava perante evidências de um “*momento avançado do Calcolítico*” (Valera e Filipe, 2004:37).

Na Fase 4 integram-se os depósitos afetados pelos trabalhos agrícolas. Nestes, os materiais pré-históricos, modernos e contemporâneos surgem misturados.

Cronologicamente, estes trabalhos permitiram integrar no Neolítico Final o primeiro momento de ocupação do recinto (Valera e Filipe, 2004).

De modo a minimizar os impactes negativos sobre o património cultural, decorrentes das obras para a implantação dos Blocos de Rega de Ferreira do Alentejo e Valbom, a EDIA, S.A. (Empresa de Desenvolvimento e Infra-estruturas do Alqueva, S.A.), foi promotora de novas intervenções arqueológicas no sítio de Porto Torrão, a partir de 2008.

A primeira fase de trabalhos arqueológicos, desenvolvidos a cargo da empresa *Neoépica, Lda.*, decorreu entre Outubro de 2008 e Março de 2009 tendo consistido na decapagem mecânica do que denominaram sectores 1, 2 e 3. O sector 1 correspondia à área de intervenção localizada mais a Sudoeste do sítio arqueológico embora o tenham nomeado por Oeste; o sector 2 era uma área mais a Sul, situado entre os sectores 1 e 3. O sector 3, subdividido em dois, localizava-se a Sul e Sudeste de Porto Torrão, mas foi designado por Oeste e Este, respetivamente (Fig. 68).

Nos sectores 1 e 3, procederam à abertura de 11 sondagens que permitiram confirmar a existência de mais vestígios arqueológicos conservados de cronologia pré-histórica, nomeadamente de diversas estruturas positivas e negativas, assim como, espólio em grande número e bastante diverso (Rebelo *et al.*, 2009). Com recurso a meio mecânico foram abertas valas que permitiram uma leitura rápida da potência estratigráfica e dos diferentes contextos identificados.

No Sector 1, foram abertas 5 valas de diagnóstico e 3 sondagens (Fig. 69). As valas permitiram verificar a existência de contextos relativamente bem preservados que proporcionaram muito material arqueológico pouco fragmentado a pouca profundidade.

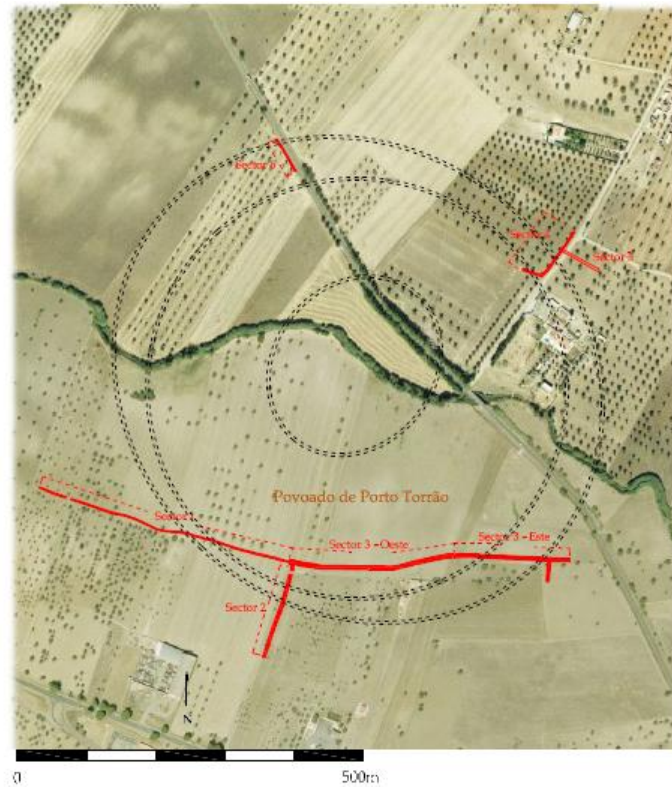


Figura 68 – Localização dos diferentes sectores na área intervencionada em Porto Torrão. Área da intervenção arqueológica (a vermelho). Alinhamento possível das diversas linhas de fosso detetadas no decurso da intervenção, bem como através da intervenção da Era, Arqueologia em 2002 (desenho nº 2, responsabilidade de Raquel Santos) (adaptado de Rebelo *et al.*, 2009).

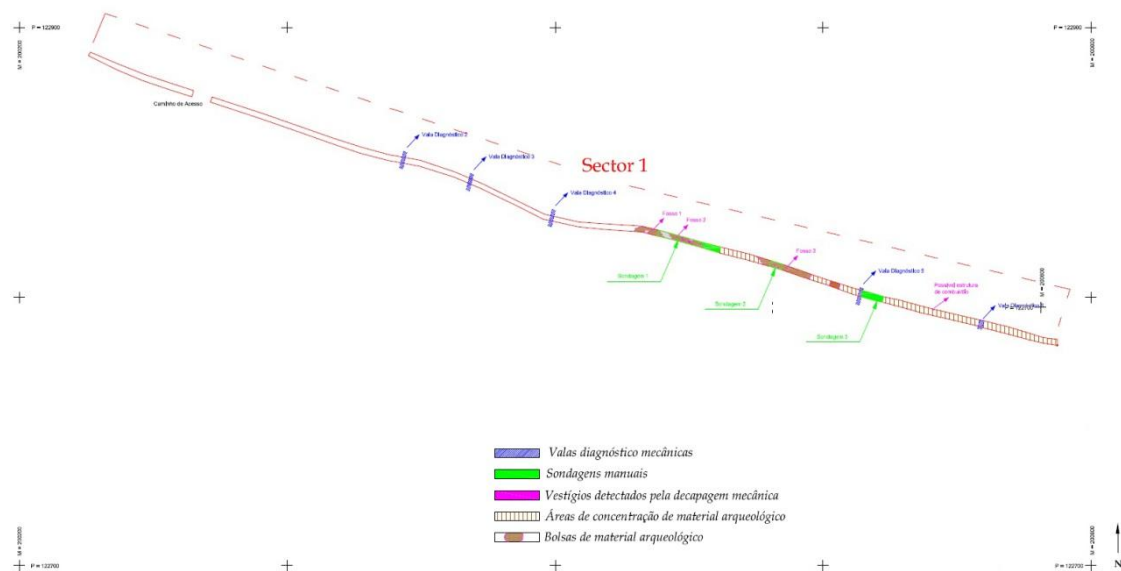


Figura 69 – Vestígios detetados no Sector 1 (Desenho nº3, responsabilidade de Raquel Santos) (adaptado de Rebelo *et al.*, 2009).

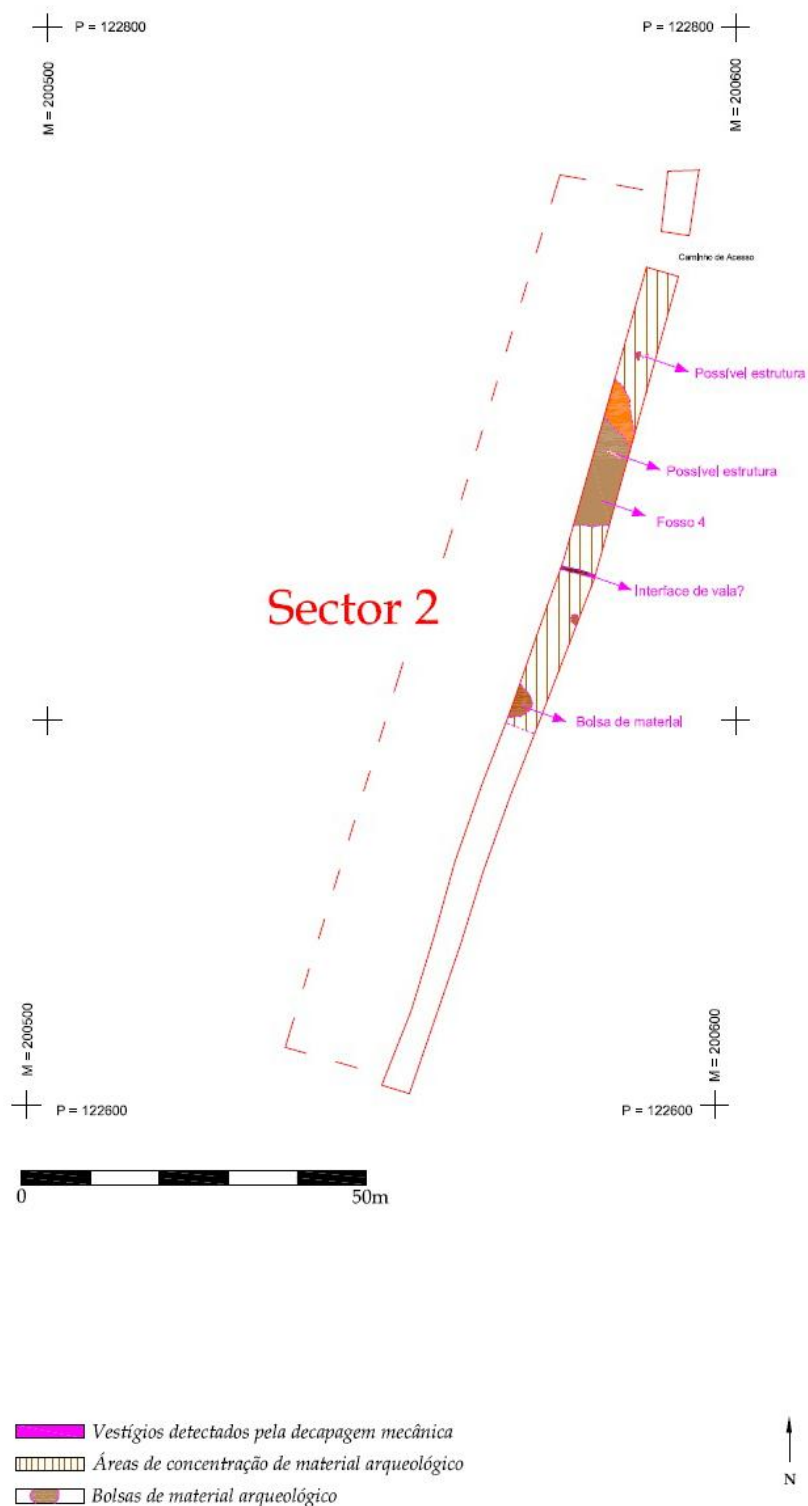


Figura 70 – Vestígios detetados no Sector 2 (desenho n°4, responsabilidade de Raquel Santos) (adaptado de Rebelo *et al.*, 2009).

Devido às suas dimensões o sector 3 foi dividido em Sector 3 – Oeste, na verdade sul, e em Sector 3 – Este, ou seja, sudeste, de modo a facilitar a intervenção e o registo (*idem*).

No Sector 3 - Oeste foram abertas 4 valas de diagnóstico e 8 sondagens (Fig. 71).

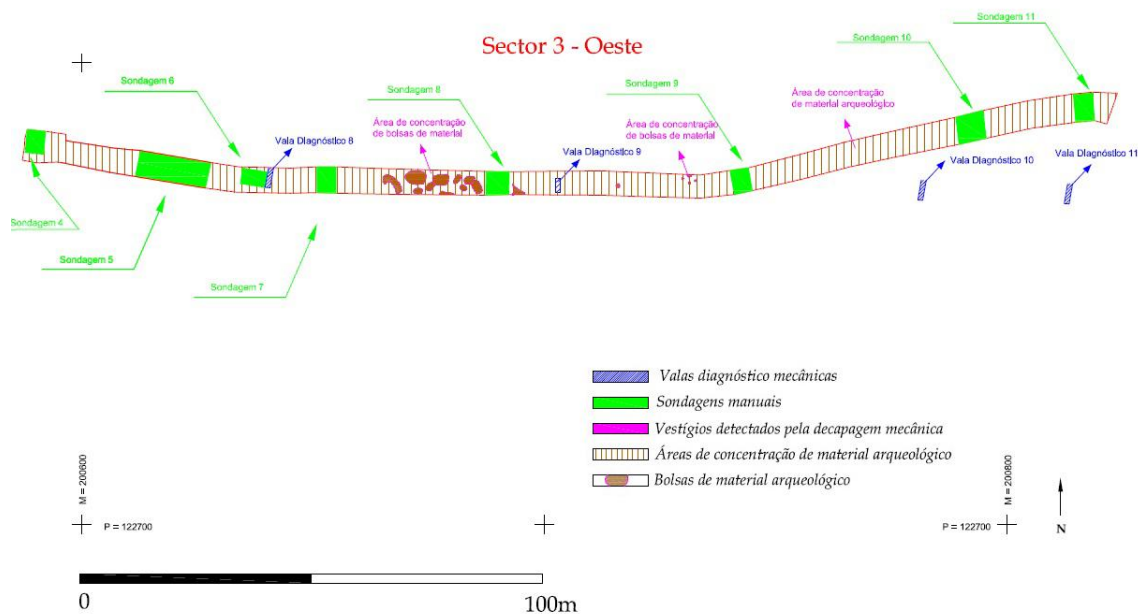


Figura 71 – Vestígios detectados no Sector 3 - "Oeste" (desenho nº5a, responsabilidade de Raquel Santos) (adaptado de Rebelo *et al.*, 2009).

A Sondagem IV permitiu a escavação de 1/4 de uma cabana de morfologia circular da qual se recolheram materiais líticos e cerâmicos, bem como restos de fauna mamalógica e malacológica (*idem*).

A Sondagem V incidiu numa zona onde os materiais arqueológicos apareceram de forma abundante, tendo-se identificado uma intensa ocupação deste espaço traduzida por um vasto conjunto de estruturas em negativo, nomeadamente, “bolsas, silos, fundos de cabana, estruturas de combustão” (Rebelo *et al.*, 2009:23).

Com a abertura da Sondagem VI foram identificados os interfaces de três estruturas em negativo. De uma delas foi recuperada, da primeira camada de enchimento, uma grande quantidade de material arqueológico, algum pouco fragmentado, e uma placa de xisto com decoração em ambas as faces (Rebelo *et al.*, 2009).

No interior de uma das estruturas negativas identificadas na sondagem VII foi encontrado um enterramento (*idem*).

Da Sondagem VIII resultaram várias fossas, uma das quais com evidências de ter servido como estrutura de combustão (*idem*).

Os trabalhos na Sondagem IX incidiram sobre três estruturas em negativo, das quais se destacaram duas fossas pela elevada dimensão e capacidade de armazenagem (*idem*).

A abertura da Sondagem X revelou uma estrutura interpretada como de “tipo cisterna, ligada à gestão da água” (Rebelo *et al.*, 2009:53).

Na Sondagem XI os trabalhos permitiram identificar uma “calçada” que se encontrava parcialmente destruída pela abertura da fossa [3168] onde foi encontrado o enterramento [3164] (Rebelo *et al.*, 2009).

No Sector 3 – “Este”, verificou-se a continuidade das estruturas já identificadas nas restantes áreas, nomeadamente, “as bolsas de material arqueológico e estruturas em negativo (bolsas, silo, fundos de cabana)” (Rebelo *et al.*, 2009:60). Apareceu também uma provável secção de fosso que marcará o limite Este de Porto Torrão (*idem*) (Fig. 72).

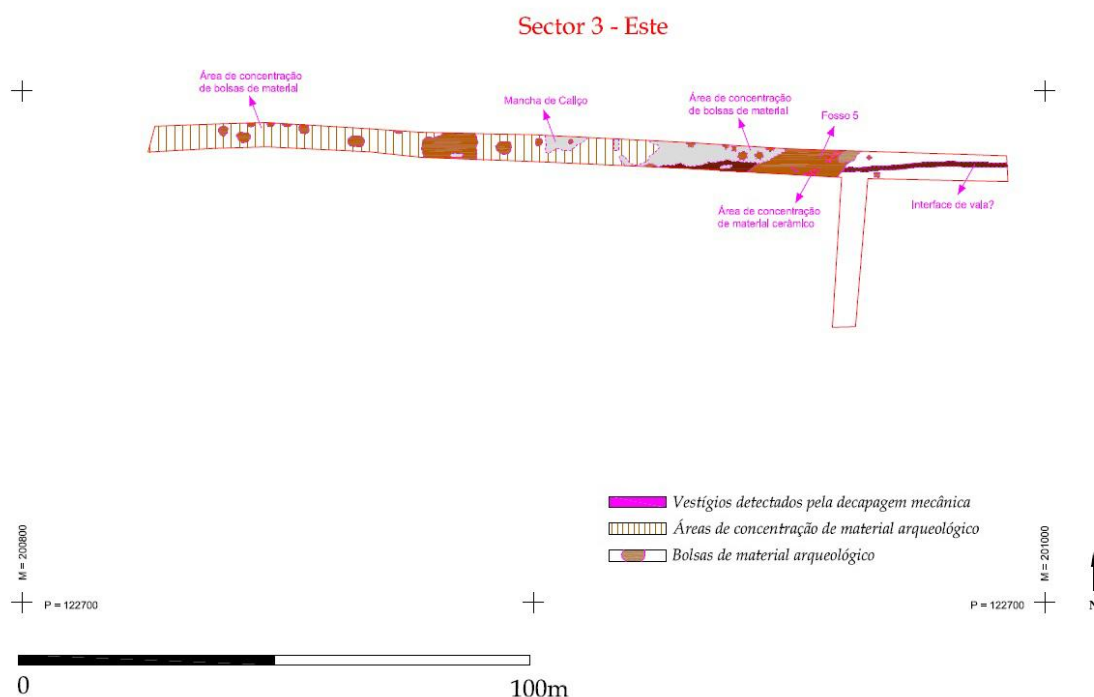


Figura 72 – Vestígios detetados no Sector 3 - "Este" (desenho nº 5b, responsabilidade de Raquel Santos) (adaptado de Rebelo *et al.*, 2009).

Apesar de o Sector 4, localizado na margem Norte da Ribeira do Vale d' Ouro, estar fora do que se considerou a área de implantação de Porto Torrão, foi recuperado material da pré-história recente à superfície (*idem*).

O Sector 5 não foi alvo de intervenção.

Os trabalhos no Sector 6 permitiram identificar um fosso, cuja largura máxima era de cerca de 18 m.

A necessidade de se continuar o trabalho no local, com a realização da escavação integral da área afetada, levou a que se fizesse a divisão dos sectores a intervencionar por três empresas de arqueologia distintas, a saber: *Neoépica Lda.*, *Archeo'Estudos, Lda.* e *Crivarque Lda.* Apenas tivemos oportunidade de consultar os relatórios de escavação das duas primeiras.

A 2ª fase de trabalhos a cargo da *Neoépica Lda.*, decorreu entre Julho de 2009 e Fevereiro de 2010, tendo incidido nos Sectores 1 e 2 (Santos *et al.*, 2010).

A intervenção no Sector 1, onde se haviam identificado vestígios de uma dupla linha de fossos (o fosso 1 externo e o 2 interno) incidiu sobre 10 áreas, de A a J, definidas de forma sequencial ao longo do referido sector.

Na área A apareceu uma depressão natural na camada geológica, cujo enchimento apresentava algum material arqueológico. Na área B detectou-se o limite exterior do fosso externo com, aproximadamente, 6m de altura por 7m de largura (Santos *et al.*, 2010).

Para a área C não se detectou quaisquer vestígios arqueológicos.

Quanto à área D, identificou-se a parede externa do fosso interno de Porto Torrão (Fosso 2) que media cerca de 7-8 m de largura por 5,5 m de profundidade (*idem*). A parede interna do mesmo fosso foi detetada aquando da intervenção na área E, caracterizando-se por enchimentos pouco homogêneos com alguns materiais arqueológicos, dos quais se destaca uma serra de cobre, com vestígios de “*fibras vegetais*” (Santos *et al.*, 2010:8). Também foram recuperados grandes recipientes cerâmicos, alguns num ótimo estado de conservação.

Da área F, entre as duas linhas de fosso, recuperou-se grande quantidade de material arqueológico, pouco rolado (Santos *et al.*, 2010). Na área G reconheceu-se uma zona de argila cozida, interpretada como “*revestimento de um forno*”, com cerca de 2 m de diâmetro (Santos *et al.*, 2010:11). Para Este a ocupação revelou-se na forma de fossas de diferentes morfologias e dimensões que se distribuem pelas diversas áreas até ao Sector 3, onde surgem em maior número e de formas mais diversificadas.

A intervenção na área H revelou diversas fossas que cortavam sedimentos anteriores, cujos depósitos forneceram muitas peças cerâmicas inteiras, pequenos fragmentos de minério, peças cerâmicas com restos de fundição e alguns cadinhos (Santos *et al.*, 2010). Na zona Este desta área surgem aglomerados pétreos em associação com restos osteológicos e fragmentos cerâmicos, alguns buracos de poste, vestígios de lareiras ou de fornos que se caracterizam por concentrações de argila cozida e que se encontram um pouco por toda a área (*idem*).

Na área I continuam a aparecer o mesmo tipo de estruturas que já se descreveram para as áreas G e H. Numa das fossas [1250], para além de se terem encontrado recipientes cerâmicos inteiros, 2 machados e 1 placa de xisto bastante decorada, foi também identificado um enterramento humano [1289] (*idem*).

Nas diferentes zonas da área J, apareceram estruturas em negativo, empedrados, uma possível zona de talhe e alinhamentos pétreos (*idem*). Cada um dos alinhamentos era composto por uma fiada estreita de pedras calcárias de pequena e média dimensão, originando recintos de planta circular com cerca de 10 m de diâmetro no interior dos quais existiam diversas fossas que parecem ter sido construídas em diferentes momentos. De notar que algumas delas se localizavam sob os referidos alinhamentos (*idem*), sendo, portanto, anteriores.

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos no Sector 2 incidiram sobre 4 áreas, de L a O, definidas de forma sequencial ao longo do referido sector.

Na zona Sul da área L foram identificados o fosso 2 e algumas fossas. Na área M foi detectado um corredor/túnel obtido através do corte de parte do enchimento do fosso 2. O corredor orientava-se de Norte para Sul, acabando por intercalar o fosso 1 (*idem*). A esta estrutura surgem associados dois buracos de poste; estruturas pétreas; uma estrutura do tipo cista, no interior da qual estava um crânio de canídeo; um alinhamento pétreo e um pequeno vaso campaniforme inteiro (*idem*). A intervenção na área O possibilitou a identificação de duas estruturas em negativo do tipo fossa, pouca profundas e com poucos materiais arqueológicos (*idem*).

Para o Sector 3 os trabalhos corresponderam a alargamentos de algumas áreas com fossas onde foi registada uma grande concentração deste tipo de estruturas. Os seus enchimentos forneceram “*peças completas, instrumentos em osso ou pedra, elementos osteológicos e até um crânio humano*” associado a fauna (Santos *et al.*, 2010:35). Foi também escavada a área Norte da cabana já detetada na Sondagem V da intervenção anterior, cujas dimensões rondariam os 4 m por 6 m. De planta rectangular, continha no seu interior, “*uma lareira, formada por gravilha*

de calcário disposta de forma circular", fragmentos cerâmicos de dimensões consideráveis, três buracos de poste e uma fossa com material arqueológico (Santos *et al.*, 2010:36).

Os trabalhos realizados pela empresa *Archeo'Estudos, Lda.* no Porto Torrão, decorreram em 2009, tendo incidido no Sector 3 – Oeste. Foram intervencionadas 7 áreas, de A a G, definidas de forma sequencial ao longo do referido sector, contudo as áreas das sondagens manuais da 1ª fase ficaram sempre a cargo da empresa Neoépica.

Na Área A foram identificadas mais de vinte estruturas negativas e algumas estruturas positivas para as quais não se apurou a funcionalidade, nomeadamente, *"empedrados e (...) restos de um muro"* (Rebuge *et al.*, 2010:18). Ai, na estrutura negativa nº 15, foi identificado um enterramento.

Os trabalhos desenvolvidos na Área B, permitiram identificar várias estruturas negativas, entre elas um buraco de poste (EN2) e fossas. Na estrutura negativa nº 8 foram recuperadas várias peças cerâmicas inteiras. Nos depósitos que preenchiam a estrutura 7 foram encontrados inúmeros vestígios de fauna e cerâmica, e ainda, *"vestígios de barro de revestimento (barro de cabana) queimado"* (Rebuge *et al.*, 2010:28). Apareceu também um possível pavimento feito com pedras de calço que parece relacionar-se com a estrutura positiva 0059 da qual fazem parte grandes pedras, moinhos moventes e dormentes (Rebuge *et al.*, 2010).

Na Área C surgiram várias estruturas em negativo, com um relativo grau de preservação, condição que terá permitido que delas se recuperassem vasos cerâmicos inteiros, decorados e que revelavam deposição intencional (Rebuge *et al.*, 2010:30). Dos depósitos sedimentares superficiais foram recuperadas pontas de seta, artefactos em cobre e líticos (*idem*). Para esta área não se registaram enterramentos em estruturas negativas. Estes, em número de três foram depositados *"sob terras imediatamente existentes sobre o substrato geológico"* (Rebuge *et al.*, 2010:32).

Do conjunto de estruturas em negativo identificadas na Área D, destaca-se a nº 23 por ser revestida com barro e conter pesos de tear. Foi interpretado como um forno para cozer pesos de tear (Rebuge *et al.*, 2010). Nesta área, foram identificados enterramentos em duas estruturas (EN 28 e EN 29) (*idem*).

Na Área E encontraram-se várias estruturas em negativo escavadas no substrato geológico, tais como fossas e vestígios de duas estruturas com possíveis funções habitacionais. Da fossa (EN 105), foram recolhidos fragmentos de *"ídolos de cornos"* e uma peça cerâmica decorada e fragmentos de pesos de tear de morfologia em crescente (Rebuge *et al.*, 2010). Foi também encontrado outro forno embora diferente do já referido (EN 16). Quanto aos elementos que dizem respeito ao mundo dos mortos, identificaram-se duas fossas (EN 15 e EN 205) com restos osteológicos.

A intervenção na Área F possibilitou a identificação de dez estruturas escavadas no subsolo. Tratam-se de fossas das quais se destaca a EN 10 por se ter identificado, no seu interior, um depósito de calço em forma de meia-lua (Rebuge *et al.*, 2010).

Por último, na Área G apareceu apenas uma estrutura em negativo com mais de 6 m de diâmetro por mais de 2 m de profundidade. Ai foram encontrados *"fragmentos de recipientes cerâmicos com fuligem de combustão nas suas paredes, artefactos de pedra polida e de pedra talhada"* J. Rebuge *et al.* (2010:45-46), considerou que se tratava de um contexto habitacional calcolítico. Não se detetaram contextos funerários.

Em suma, as evidências postas a descoberto até agora em Porto Torrão permitem interpretar este lugar como um grande recinto monumental que teria sido iniciado, provavelmente, desde o Neolítico Final, se tivermos em conta as interpretações de Valera & Filipe (2004), tendo perdurado pelo Calcolítico, pelo menos até aos meados do III milénio AC. O conjunto das estruturas hoje conhecidas poderá corresponder a vários momentos de construção na longa diacronia de utilização deste lugar.

Os dados obtidos através das intervenções arqueológicas em Porto Torrão permitem perceber que o sítio teria, possivelmente, três linhas de fossos: um fosso exterior; um segundo fosso que, relativamente ao primeiro, se localizava para o interior e um terceiro, que delimitaria a área central do recinto, destacada por se situar numa zona de elevação.

4.3.3. Contextos e práticas funerárias

4.3.3.1. Sector 3 – “Oeste” (1ª Fase)

4.3.3.1.1. Contexto funerário 1 (Sondagem VII)

4.3.3.1.1.1. Características arquitetónicas e estratigrafia

Este contexto funerário correspondia a uma estrutura do tipo fossa (UE 3107) com cerca de 2 m de diâmetro máximo por cerca de 0,50 m de profundidade. Esta apresentava contorno subcircular, perfil sub-retangular, paredes retas e base aplanada (Rebello *et al.*, 2009). Continha 4 unidades estratigráficas, sendo 3 depósitos sedimentares e 1, um enterramento. O único esqueleto encontrado [3114], estava perto do topo da estrutura sob a UE 3108 e sobre a UE3115. A UE 3108 corresponde a um sedimento de coloração castanha escura, onde se registou a presença de alguns elementos pétreos de grandes dimensões e abundantes fragmentos cerâmicos. A UE 3115 corresponde a um sedimento que apresenta uma tonalidade castanha clara, com alguma consistência, apresentando grão médio a grosseiro.

4.3.3.1.1.2. Características do enterramento

Inumação primária individual associada a um artefacto lítico.

4.3.3.1.1.2.1. Os corpos

Trata-se de um enterramento individual, de um indivíduo adulto do género feminino, depositado com uma orientação Sudeste/Noroeste, em decúbito lateral direito com os membros flectidos, no quadrante sul da fossa (Fig. 73). Sobre os pés do indivíduo estavam depositados alguns blocos pétreos (Fig. 74). A idade à época da morte estaria entre os 30 e os 50 anos (Granja, 2009).



Figura 73 – Enterramento do indivíduo [3114] na fossa [3107] (Rebello *et al.*, 2009).



Figura 74 – Pormenor dos blocos pétreos depositados sobre os pés do indivíduo [3114] (Rebello *et al.*, 2009).

4.3.3.1.1.2.2. Os objetos

Neste enterramento, junto à face do indivíduo foi encontrado um percutor (Rebello *et al.* 2009).

4.3.3.1.1.3. Paleopatologia

A análise antropológica revelou a presença de algum desgaste dentário, de tártaro e de doença periodontal. Identificou-se a perda dos caninos e incisivos da mandíbula *ante mortem* com reabsorção alveolar, o que indica que a perda destes dentes terá ocorrido pelo menos três anos antes da morte do indivíduo (Granja, 2009:4).

Apresentava também um “*calo ósseo na extremidade esternal da 9ª costela esquerda*” indício de um episódio traumático (Granja, 2009:5).

Não foi registada patologia de carácter degenerativo.

4.3.3.1.1.4. Estruturas associadas

Na fossa ao lado, mais ou menos ao mesmo nível do enterramento, foram identificadas hastes de cervídeo levando a ponderar um ato deposicional intencional aquando do ritual funerário (Granja, 2009).

4.3.3.1.2. Contexto funerário 2 (Sondagem XI)

4.3.3.1.2.1. Características arquitetónicas e estratigrafia

Este contexto funerário corresponde a uma fossa [3168], com cerca de 1.50 m de diâmetro por cerca de 0,40 m de profundidade, de contorno circular, secção rectangular, paredes retas e base aplanada (Rebelo *et al.*, 2009). O único esqueleto encontrado [UE 3164] assentava na base da estrutura estando envolvido pelo depósito de enchimento 3157 que correspondia a um sedimento com coloração castanha clara, arenoso, de consistência solta e apresentava grão médio a grosseiro.

4.3.3.1.2.2. Características do enterramento

Inumação primária individual sem artefactos associados.

4.3.3.1.2.2.1. Os corpos

Trata-se de um enterramento individual de um indivíduo não-adulto, cuja idade à época da morte estaria entre os 8 e os 15 anos. Algumas das suas características indicavam que poderia ser um indivíduo masculino. Foi depositado no sentido Norte – Sul, em decúbito lateral esquerdo “*com os membros superiores flectidos e os membros inferiores semi-flectidos*”, o crânio estava em hiper-extensão com a face esquerda virada para baixo (Granja, 2009:7) (Fig. 75). Encontrava-se junto à parede oeste da estrutura, com as costas viradas para o seu interior.



Figura 75 – Enterramento do indivíduo [3164] na fossa [3168] (Rebelo *et al.*, 2009).

4.3.3.1.2.2.2. Os objetos

Não se registaram oferendas associadas ao enterramento.

4.3.3.1.2.3. Paleopatologia

No quadro das patologias, a presença de hipoplasias dentárias ao nível do primeiro incisivo superior esquerdo pode evidenciar um período de nutrição deficiente para além da possibilidade de doenças infecciosas (Granja, 2009).

4.3.3.1.3. Contexto funerário 3 (Sondagem XI)

4.3.3.1.3.1. Características arquitectónicas e estratigráficas

Num nível estratigráfico superior ao da inumação 3164 registou-se a deposição parcial de ossadas. Estas estavam no interior da fossa, sobre uma estrutura positiva que se caracterizava por um conjunto de pedras dispostas de forma a delimitar a fossa 3156, no seu lado Sul, tendo sido interpretada como “*murete*” [388a] (Rebelo *et al.*, 2009:57) (Fig. 76).



Figura 76 – Deposição secundária de uma calote craniana (Rebelo *et al.*, 2009).

4.3.3.1.3.2. Características do enterramento

Enterramento secundário sem artefactos associados.

4.3.3.1.3.2.1. Os corpos

Neste contexto apenas foi depositado uma calote craniana humana (Fig. 77) de um adulto para o qual não foi possível aferir idade à época da morte (Granja, 2009). Trata-se de um enterramento secundário sem oferendas.

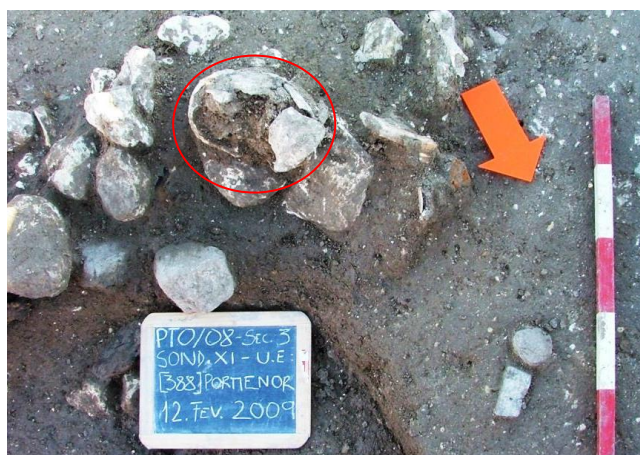


Figura 77 – Pormenor da calote craniana humana (Rebelo *et al.*, 2009).

4.3.3.1.3.2.2. Os objetos

Não foram registadas oferendas associadas a esta deposição.

4.3.3.1.3.3. Paleopatologia

Não foram observadas patologias.

4.3.3.2. Sector 1 (2ª fase)

4.3.3.2.1. Contexto funerário 4 (Área I)

4.3.3.2.1.1. Características arquitetónicas e estratigrafia

Este contexto funerário corresponde a uma fossa [UE 1250] com cerca de 1,70 m de diâmetro por cerca de 1 m de profundidade, contorno subcircular, perfil em forma de saco e base aplanada, embora algo irregular (Santos, 2010). Esta fossa continha 4 unidades estratigráficas: 3 correspondiam a depósitos sedimentares e a outra a uma inumação humana. O único esqueleto encontrado [1289] estava próximo da base da estrutura estando coberto pela UE 1249 e assentando na UE 1262. A UE 1249 correspondia a um sedimento de tonalidade castanha escura, compacta e de grão médio. A camada 1262 apresentava coloração castanha amarelada, arenosa, pouco compacta com grão médio a grosseiro.

4.3.3.2.1.2. Características do enterramento

Enterramento primário individual sem associação de artefatos.

4.3.3.2.1.2.1. Os corpos

Este contexto corresponde a um enterramento primário de um indivíduo adulto, do género feminino, depositado no sentido oeste – este, em decúbito lateral direito, numa posição hiperfletida (Granja, 2011). O indivíduo ocupava a área central da estrutura (Fig. 78).



Figura 78 – Enterramento do indivíduo [1289] na fossa [1250] (Rebelo *et al.*, 2010).

4.3.3.2.1.2.2. Os objetos

Deste contexto de enterramento recuperaram-se “*recipientes cerâmicos inteiros*”, uma “*placa de xisto, profusamente decorada*” e dois machados (Rebello, 2010:16) (Fig. 79).



Figura 79 – Material recuperado da fossa [1250], em associação com o indivíduo [1289] (Rebello *et al.*, 2010).

4.3.3.2.1.3. Paleopatologia

O inumado apresentava desgaste dentário de moderado a acentuado, sendo que ao nível dos molares existia uma exposição total da dentina (Granja, 2011).

4.3.3.3. Sector 3 – “Oeste” (2ª Fase)

4.3.3.3.1. Contexto funerário 5 (Área A, UE 0043a=0043b)

4.3.3.3.1.1. Características arquitetónicas e estratigrafia

A estrutura negativa n.º 15, onde permanecia depositado este enterramento, era uma fossa de contorno circular, secção em U e base aplanada. Media cerca de 2 m de diâmetro por cerca de 2 m de profundidade (Umbelino e Amorim, 2010). Era preenchida por 8 unidades estratigráficas. O esqueleto (UE 0054) encontrava-se envolvido pelo depósito sedimentar 0043a=0043b, a 0,50 cm de profundidade, no topo da estrutura. A UE 0043a correspondia a um sedimento compacto, homogéneo, argiloso de coloração cinzento claro. Por sua vez, o depósito 0043b era desagregado, homogéneo, areno-argiloso, de grão fino, com coloração castanho claro. Neste depósito registou-se o aparecimento de fauna mamalógica de grande porte, alguma em conexão (Rebuge *et al.*, 2010). Abaixo do enterramento foram encontrados depósitos sedimentares com vestígios de combustão, evidenciada pela presença de carvões e de oxigenação, o que faz pensar na existência de uma possível lareira. Num nível abaixo, a UE 0043e=0043f continha pedras de grandes dimensões e fragmentos de grandes recipientes cerâmicos que, devido à sua abundância, cobriam a base da estrutura (*idem*).

4.3.3.3.1.2. Características do enterramento

O enterramento 1 [0054] corresponde a uma inumação primária individual. O corpo foi depositado em decúbito lateral direito, junto à parede nordeste da estrutura, no sentido oeste/este. Quanto à posição, o corpo encontrava-se em decúbito lateral direito, com o crânio sobre o parietal direito, o membro superior direito estava estendido e o esquerdo estava fletido formando um ângulo de 45 graus, os membros inferiores estavam fletidos (Umbelino e Amorim, 2010) (Fig. 80).



Figura 80 – Enterramento do indivíduo [0054] (Rebuge *et al.*, 2010).

4.3.3.3.1.2.1. Os corpos

Trata-se de um indivíduo não-adulto em bom estado de preservação. A idade à época da morte, estaria compreendida entre os 2 e os 4 anos e a altura era de 67 cm (*idem*).

4.3.3.3.1.2.2. Os objetos

Não foi identificada nenhuma oferenda associada ao esqueleto (*idem*) porém, no interior da estrutura, nos vários depósitos que a preenchiam foi registado o aparecimento de restos de fauna de mamíferos de grande porte (Fig. 81a); elementos relacionados com combustão (Fig. 81b); para além de uma grande quantidade de fragmentos cerâmicos, destacando-se vários fragmentos de um “recipiente campaniforme com decoração em pontilhado geométrico, com bandas de triângulos preenchidos” (Rebuge *et al.*, 2010:174) (Fig. 81c).



Figura 81 – a) Camada com vestígios de fauna mamalógica; b) camada com vestígios de combustão; c) fragmentos de um vaso campaniforme recolhidos em diferentes depósitos do enchimento da fossa (Rebuge *et al.*, 2010).

4.3.3.3.1.3. Paleopatologia

Não foram identificadas patologias para este indivíduo.

4.3.3.3.2. Contexto funerário 6 (Área D)

4.3.3.3.2.1. Características arquitetônicas e estratigráficas

Este contexto funerário corresponde a uma fossa (EN 29) de contorno circular, perfil sub-retangular, com as paredes um pouco irregulares e base aplanada. Medida cerca de 1,70 m de diâmetro por cerca de 1,20 m de profundidade.

Era composta por 7 unidades estratigráficas: as UE's 0063a, 0063b, 0063c, 0063d que correspondem a depósitos sedimentares; as UE's 0063e e UE 0063f que são os esqueletos e a interface da estrutura UE 0064 (Rebuge *et al.*, 2010:28).

O indivíduo que corresponde à UE 0063e foi designado por nós de nº 1 e o da UE 0063f de nº 2.

Os esqueletos encontravam-se ao mesmo nível topográfico, cobertos pela UE 0063d “*pouco compacto, de grão fino, e coloração cinzento-claro com inclusões de nódulos de calcário*” (*idem*), a 1,20 m de profundidade, perto da base da estrutura.

Os depósitos acima dos enterramentos [0063c] e [0063b] caracterizavam-se pela presença de carvões e evidências de oxidação.

4.3.3.3.2.2. Características do enterramento

A disposição e localização destes dois indivíduos na fossa onde foram depositados indiciam enterramento duplo (Fig. 82) de duas mulheres de idade avançada, uma com oferenda de recipiente cerâmico e a outra com osso de macro-fauna.

Para os dois corpos foi registada a deslocação de alguns ossos da sua posição anatómica original (Umbelino e Amorim, 2010).



Figura 82 - Enterramento duplo dos indivíduos (0063e) e (0063f) (Rebuge *et al.*, 2010).

4.3.3.3.2.2.1. Os corpos

O enterramento nº 1 correspondia a uma inumação primária. O corpo foi depositado em decúbito dorsal até à cintura pélvica. O crânio estava deposto sobre o parietal e temporal direitos orientado para oeste e os membros inferiores estariam fletidos verticalmente, estando os pés orientados para este, o membro superior esquerdo estava fletido perfazendo um ângulo de 45 graus e a mão estava próxima da face. O braço e antebraço direito estavam fletidos em ângulo de 120 graus, encontrando-se a mão sobre a bacia. A clavícula esquerda encontrava-se junto do crânio do enterramento nº 2 e os pés estariam sobre este (Umbelino e Amorim, 2010). Registou-se ainda “*a desarticulação do úmero e rádio esquerdos*” (Umbelino e Amorim, 2010:15).

Tratava-se de um indivíduo do sexo feminino, em bom estado de preservação com $165,38 \pm 3,53$ cm de altura. A sua idade, à época da morte, seria de $66 \pm 15,50$ anos (Umbelino e Amorim, 2010:18).

O enterramento nº 2 correspondia a uma deposição primária junto à parede norte da estrutura. O corpo foi orientado no sentido oeste/este, em decúbito lateral parcial, estando o esqueleto axial em decúbito dorsal. A cabeça estava voltada para a parede norte da estrutura, estando o crânio sobre o parietal esquerdo. Os membros inferiores estavam fletidos sobre o lado esquerdo. Quanto aos membros superiores, o cúbito e o rádio esquerdos estavam sobre o úmero do mesmo lado, o braço direito encontrava-se fletido sobre o peito num ângulo de 45 graus (Umbelino e Amorim, 2010). Este esqueleto corresponde a um indivíduo adulto, do sexo feminino de estatura entre os $154,21 \pm 8,44$ cm e $154,50 \pm 6,96$ cm. À época da morte a sua idade seria de $67 \pm 15,50$ anos (Umbelino e Amorim, 2010:23).

4.3.3.3.2.2. Os objetos

O enterramento nº 1 estava acompanhado de um pequeno recipiente cerâmico depositado *“sob a primeira costela direita e sobre a escápula direita”* (Umbelino e Amorim, 2010:17). A peça, recolhida inteira, parece corresponder a um mini-vaso com uma carena média/baixa pouco vincada (Fig. 83). A coloração muito escura da pasta sugere uma cozedura redutora e a superfície parece ter sido alisada.

O enterramento nº 2 não continha oferendas cerâmicas ou líticas, porém foi identificado um osso de macro-fauna *“sobre o osso do coxal direito”* (Umbelino e Amorim, 2010:22).



Figura 83 - Pormenor da deposição do recipiente cerâmico sobre o indivíduo e fotografia do vaso (Rebuge *et al.*, 2010).

Em todos os depósitos sedimentares apareceram restos de fauna, não tendo sido registadas conexões. Dois dos depósitos que estavam acima do depósito que envolvia o enterramento mostravam evidências de combustão quer pela sua coloração, quer pela presença de carvões de pequenas dimensões (Rebuge *et al.*, 2010).

4.3.3.3.2.2.3. Paleopatologia

Ao nível da patologia oral o esqueleto nº 1 teve perda de dentes *ante e post mortem*. Verificou-se perda *ante mortem* *“do 2º pré-molar direito e do incisivo central direito; perda post mortem do primeiro pré-molar direito e do incisivo central esquerdo”* (Umbelino e Amorim, 2010). O canino direito e o segundo e terceiro molares direitos apresentavam desgaste dentário de *“grau 4”* (Umbelino e Amorim, 2010:19). Na mandíbula, o primeiro molar direito apresentava desgaste severo (grau 7), o incisivo lateral esquerdo e o canino esquerdo apresentavam desgaste de grau 4, o primeiro pré-molar esquerdo tinha desgaste de grau 5 e o segundo molar esquerdo possuía um desgaste severo, de grau 7 (*idem*). Foram encontrados soltos, o incisivo central e o primeiro pré-molar direitos. Estes tinham um desgaste de grau 4. O segundo molar foi perdido *ante mortem*, encontrando-se o alvéolo obliterado. Este aspecto indica que o dente foi perdido há mais de três anos antes do falecimento (Ferreira, 2005). Para o terceiro molar, também perdido *ante mortem* a reabsorção alveolar não estava completa à época da morte. Foi identificada uma lesão periapical que *“apesar de apresentar as características de um abscesso, terá que ser considerada como quisto/granuloma, devido à ausência de fistula”* (Umbelino e Amorim, 2010:20). Registou-se a perda *ante mortem* do primeiro molar, do segundo pré-molar e do incisivo central do quadrante esquerdo da mandíbula. Ainda no âmbito da patologia oral, o canino esquerdo e o segundo molar apresentavam, na face labial, depósitos de tártaro ou *calculus* de grau 2 (*idem*).

No que diz respeito às patologias degenerativas, foi registada uma entesopatia de grau 1 no pequeno trocânter do fémur esquerdo. Os ossos da coluna vertebral estavam muito fragmentados mas foi possível fazer a identificação de *“espigas laminares em 6 fragmentos de vértebras torácicas, mas com um grau de severidade pouco significativo”* (Umbelino e Amorim, 2010:20).

No quadro das neoplasias registaram-se “*dois osteomas em forma de botão*”. Ambas as lesões, assim como uma vascularização, estavam localizadas no frontal, apresentando-se esta última do lado direito e esquerdo (Umbelino e Amorim, 2010:21).

O esqueleto nº 2 apresentava um desgaste de grau 6 do terceiro molar do quadrante direito do maxilar, que se encontrava *in situ*. O primeiro e segundo pré-molares apresentavam um desgaste dentário severo (grau 7) (Umbelino e Amorim, 2010:24). No quadro da patologia oral, o primeiro e segundo molares evidenciam duas cáries. A gravidade deste processo infeccioso levou à perda de parte considerável dos dentes. Os únicos dentes perdidos *post mortem* foram os incisivos, central e lateral. O canino foi perdido *ante mortem* e, para este, registou-se uma reabsorção alveolar completa, pelo que a perda do dente deve ter ocorrido pelo menos 3 anos antes da época da morte (Ferreira, 2005; Umbelino e Amorim, 2010). Para o quadrante esquerdo, encontravam-se *in situ* o terceiro, primeiros molares e primeiro pré-molar, sendo que para o primeiro e para o último foi registado um desgaste de grau 2. O segundo pré-molar (desgaste de grau 1) e o primeiro molar (desgaste de grau 2) estavam soltos. A cárie estava presente no segundo molar. A gravidade deste processo infeccioso provocou a destruição do dente (Umbelino e Amorim, 2010). A reabsorção alveolar encontrava-se completa para o canino, pelo que a perda deste dente ocorreu em vida. Já a perda dos incisivos central e lateral deu-se *post mortem* (*idem*). O terceiro, o segundo e o primeiro molares, o primeiro e segundo pré-molares e o canino, do lado esquerdo da mandíbula encontravam-se *in situ*, apresentado desgaste dentário elevado (grau 6) (Umbelino e Amorim, 2010). O incisivo lateral encontrava-se solto, e não foi possível determinar se o incisivo central foi perdido ante ou *post mortem*, devido à destruição óssea. Para o quadrante direito, o segundo molar, apresentava uma cárie grave, o primeiro molar evidenciava desgaste elevado enquanto que o primeiro e segundo pré-molares tinham desgaste de grau 4 e 5, respectivamente (Umbelino e Amorim, 2010). A presença de *calculus* dentário foi identificada na face lingual do “primeiro e segundo pré-molares e no primeiro molar, de grau 1” (Umbelino e Amorim, 2010:25). Para o mesmo quadrante foi identificado um “quisto/granuloma” no alvéolo do terceiro molar (*idem*).

Ao nível da patologia degenerativa, concretamente, no quadro das entesopatias, foi identificada “*uma espiga laminar situada num fragmento de vértebra torácica, de grau 1*” e de “*uma espícula óssea no côndilo maxilar direito*” (Umbelino e Amorim, 2010:26). No âmbito da patologia infecciosa não específica, registou-se um caso de periostite, “*na face lateral da diáfise da tibia esquerda*” (*idem*). Este processo que provoca a inflamação dos tecidos pode dever-se a causas infecciosas ou traumáticas (Umbelino e Amorim, 2010:26).

4.3.3.3.3. Contexto funerário 7 (Área D)

4.3.3.3.3.1. Características arquitetónicas e estratigráficas

Era uma fossa (EN 28), de contorno circular, secção em U e base aproximadamente plana. Media de diâmetro 1,28 m por cerca de 0,50 cm de profundidade (Umbelino e Amorim, 2010).

Esta estrutura era composta por um depósito sedimentar, a UE 0077a que corresponde a um sedimento argiloso, compacto e homogéneo, de coloração castanha que envolvia o esqueleto (UE 077b), a 0,36 cm de profundidade, na parte inferior da estrutura (Rebuge *et al.*, 2010).

4.3.3.3.3.2. Características do enterramento

Nesta estrutura foi apenas realizada uma inumação primária.

4.3.3.3.2.1. Os corpos

Este enterramento corresponde a uma inumação primária. O corpo estava orientado no sentido sul/norte, em decúbito lateral direito. O crânio estava sobre o parietal direito, os membros superiores encontravam-se fletidos, estando a mão esquerda junto à face e a flexão do braço direito perfazia um ângulo de 45 graus. Os membros inferiores estavam fletidos sobre o lado direito, sendo que o membro inferior direito encontrava-se numa posição bastante fechada (Fig. 84). Encontrava-se depositado perto da parede este com as costas viradas para o interior da estrutura. O esqueleto apresentava um mau estado de preservação, mesmo assim, foi possível apurar que se tratava de um adolescente cuja idade seria de “15 anos ± 35 meses” (Umbelino e Amorim, 2010:27).



Figura 84 – Enterramento do indivíduo [0077b] (Rebuge *et al.*, 2010).

4.3.3.3.2.2. Os objetos

No depósito que envolvia o enterramento registou-se o aparecimento de um número significativo de fragmentos de cerâmica (Rebuge *et al.*, 2010; Umbelino e Amorim, 2010), não tendo sido identificadas peças inteiras.

4.3.3.3.3. Paleopatologia

Não se registaram lesões patológicas nem desgaste dentário. Foi impossível identificar a presença de patologias no esqueleto apendicular.

4.3.3.3.4. Contexto funerário 8 (Área E)

4.3.3.3.4.1. Características arquitetónicas e estratigráficas

Este contexto funerário corresponde, igualmente, a uma fossa (EN 205) de contorno subcircular muito irregular, secção em saco e base aplanada. Media cerca de 1,50 m de diâmetro por cerca de 1 m de profundidade.

Esta estrutura era composta por uma camada. A UE 1512a que corresponde a um sedimento areno-argiloso, de grão fino, desagregado e heterogêneo, de coloração castanha-escura e castanha-acinzentada.

Os depósitos ósseos (UE 1512b) jaziam na base da estrutura. A UE 1513 diz respeito à interface (Rebuge *et al.*, 2010).

4.3.3.3.4.2. Características do enterramento

Nesta estrutura foi apenas realizada uma deposição secundária.

4.3.3.3.4.2.1. Os corpos

Esta deposição está representada a nível de elementos ósseos por um crânio e por uma mandíbula, depositados junto à parede oeste da fossa, estando o crânio deitado com a face inferior da mandíbula encostada à parede (Fig. 85). Os elementos ósseos registados neste enterramento representam um indivíduo do sexo feminino. O crânio apresenta um mau estado de preservação, estando a mandíbula melhor preservada.



Figura 85 – Deposição secundária de um crânio [1512b] (Rebuge *et al.*, 2010).

4.3.3.3.4.2.2. Os objetos

Não foram depositados objetos associados a este crânio.

4.3.3.3.4.3. Paleopatologia

Segundo Umbelino e Amorim (2010) a análise das peças dentárias permitiu perceber um desgaste de grau 2 nos incisivos centrais que se apresenta na forma de um V invertido, o que sugere a utilização da boca como uma terceira mão (Fig. 86).

Para o quadrante direito da mandíbula estavam *in situ* os incisivos central e lateral, o primeiro e segundo molares e o segundo pré-molar. Foi detetada agenesia dentária no “terceiro molar” (Umbelino e Amorim, 2010:30).



Figura 86 – Pormenor do desgaste dentário (Umbelino e Amorim, 2010).

4.3.3.3.5. Contexto funerário 9 (Área E)

4.3.3.3.5.1. Características arquitetónicas e estratigráficas

Trata-se de uma fossa (EN 15) de contorno circular, perfil sub-rectangular e base aplanada, com cerca de 1,10 m de diâmetro por aproximadamente 0,80 m de profundidade.

Esta estrutura era composta por 5 unidades estratigráficas. A UE 0040a corresponde a um sedimento argiloso, compacto e homogéneo, de coloração acinzentada. Na UE 0040b encontrou-se um depósito argiloso, compacto e homogéneo, de coloração castanho amarelado. A UE 0040c diz respeito a um depósito areno-argiloso, desagregado e homogéneo, de coloração castanho-claro. O *calvarium* encontrava-se aproximadamente a meio da estrutura, na UE 0040d. Este depósito sedimentar era areno-argiloso, desagregado e homogéneo, de cor castanho-claro com presença de material lítico. A UE 0040e é composta por um sedimento desagregado e homogéneo, de coloração castanho amarelado (Rebuge *et al.*, 2010).

4.3.3.3.5.2. Características do enterramento

No interior da fossa foi apenas realizada uma deposição secundária.

4.3.3.3.5.2.1. Os corpos

Este enterramento constituía uma deposição secundária de um *calvarium*, ou seja, um crânio sem mandíbula. Estava deposto sobre o parietal direito, encostado à parede este da fossa. Esta peça osteológica, em mau estado de preservação, correspondia a um indivíduo não-adulto, cuja idade à época da morte seria de 9 anos \pm 2,5 anos (Umbelino e Amorim, 2010:31).

4.3.3.3.5.2.2. Os objetos

Junto a esta deposição secundária não foram encontrados quaisquer objetos.

4.3.3.3.5.3. Paleopatologia

Não foram identificadas patologias para este indivíduo.

4.3.4. Discussão de dados

Em Porto Torrão, nas áreas escavadas pelas empresas *Neopépica, Lda.* e *Archeo'Estudos, Lda.*, as únicas a que tivemos acesso documental, foram detetados dez contextos funerários, que se localizavam na zona Sul do recinto, no interior das duas linhas de fossos mais exteriores deste sítio (Fig. 87). Foi no sector 3 – oeste que, na verdade, se localiza a sul, que se registou o aparecimento da quase totalidade da amostra: 7 enterramentos divididos por 2 sondagens (sondagem XI e sondagem VII) e 3 áreas (A, D e E). No sector 1 registou-se o aparecimento de um só enterramento, na área I, contígua ao sector 3 – “oeste”,

também a sul de Porto Torrão. Apesar da divisão, ambos os sectores estão ligados, sendo a continuação um do outro numa área que rondaria

os 800 m de comprimento, sendo a largura variável mas não ultrapassando os 10/15 metros.

A distribuição espacial dos contextos funerários sepulcrais à micro-escala só foi possível para os da área D do sector 3 – “oeste” onde, os 2 contextos, distavam entre si cerca de 12 m.

Os contextos são predominantemente fossas abertas no substrato rochoso, embora de diferentes tipos e dimensões (Quadro IV). Apesar dos diâmetros de boca não variarem muito (entre 1,10 m e os 2 m) as profundidades são distintas, existindo fossas entre os 0,50 m e os 2 m. As estruturas tinham contornos maioritariamente circulares, apresentavam perfis variáveis (sub-rectangular, rectangular, em saco, em U, trapezoidal) e as bases eram todas aplanadas com exceção de uma cuja base era plana.

Com exceção da fossa 29 que continha 1 enterramento duplo, em todas elas foi apenas depositado um cadáver.



Figura 87 – Pormenor da área onde se registou o aparecimento dos enterramentos (adaptado de Rebelo *et al.*, 2009).

Quadro IV. Características dos tipos de fossas sepulcrais

Contexto funerário	Contorno	Perfil	Base	Diâmetro	Profundidade	Nº de deposições
Fossa 3107	Sub-circular	Sub-rectangular	Aplanada	2 m	0,50 m	1
Fossa 3168	Circular	Rectangular	Aplanada	1,50 m	± 0,50 m	1
	O crânio estava depositado sobre um murete [388a] no interior da fossa.					1
Fossa 1264	Sub-circular	Em saco	Aplanada	1,70 m	1 m	1
Fossa 15	Circular	U	Aplanada	2 m	2 m	1
Fossa 29	Circular	Trapezoidal	Aplanada	1,70 m	1,20 m	2
Fossa 28	Circular	U	Aplanada	1,28 m	0,50 m	1
Fossa 205	Sub-circular	Em saco	Plana	1,50 m	1 m	1
Fossa 15	Circular	Sub-rectangular	Aplanada	±1,10 m	±0,90 m	1

Desta análise, verifica-se que as fossas de maiores dimensões em largura e profundidade ou seja, uma com 2 m de diâmetro por 2 m de profundidade e outra com 1,70 de diâmetro por 1,20 de profundidade, correspondem às duas estruturas onde se registou o aparecimento de vestígios de fauna mamalógica sem conexões anatómicas e de elementos que sugerem combustão, como a presença de carvões e de depósitos oxidados em diversos níveis de enchimento. Uma continha um enterramento individual de um não-adulto e outra um enterramento duplo de idosas. Para este último, a fauna mamalógica encontrada também estava sem conexões e aparecia no depósito que envolvia os esqueletos.

Foram realizados 10 enterramentos. Deste conjunto, 7 são inumações primárias individuais em fossa e 3 secundárias, tendo-se registado apenas 1 enterramento duplo, de dois indivíduos idosos, do sexo feminino. Das 3 deposições secundárias, duas foram feitas em fossa e outra sobre um murete.

As deposições primárias são feitas, tendencialmente, em decúbito lateral, registando-se 1 caso de decúbito dorsal até à cintura mas com as pernas fletidas verticalmente. Quanto às orientações, houve uma preferência pelo sentido oeste/este, representado por 4 casos; apenas 1 para sudoeste/noroeste, 1 para sul/norte e 1 para norte/sul.

As deposições secundárias correspondem a dois crânios e a um *calvarium*. O *calvarium* estava depositado junto à parede este e 1 um dos crânios junto à parede oeste.

Dos enterramentos analisados, 5 eram do género feminino e 1 do género masculino. Quanto à idade, 4 eram não-adultos e 4 eram adultos, destes destacam-se 2 idosas com mais de 60 anos à época da morte. Para as deposições secundárias apenas foi possível aferir o género para uma delas (feminino) e para outras duas foi possível dizer que eram de um não-adulto e de um adulto.

Embora as causas da morte e o estado físico dos indivíduos enterrados seja um assunto paralelo a este trabalho podemos dizer, de uma forma genérica, que todos os indivíduos, com exceção

dos não-adultos tinham problemas dentários como desgaste, tártaro e cáries. O único não-adulto com patologia oral [UE 3164] era um indivíduo do género masculino com idade entre os 8 e os 15 anos, que apresentava hipoplasias ao nível de um dente. Foi registado outro caso de hipoplasia dentária para um indivíduo do género feminino. As hipoplasias dentárias podem relacionar-se com doenças infecciosas assim como com deficiências nutritivas.

Os indivíduos para os quais se registou o maior conjunto de patologias são aqueles cuja idade à época da morte era mais elevada, nomeadamente, as duas idosas enterradas juntas. Para estas, a análise dos dentes revelou perda de alguns elementos antes da morte, desgaste dentário, por vezes bastante acentuado, cáries graves e, em menor quantidade, alguns vestígios de tártaro. Ambas apresentavam espigas laminares nas vértebras. Uma apresentava periostite e outra, dois osteomas no crânio.

Um indivíduo adulto do género feminino tinha um calo ósseo numa costela que evidencia um episódio traumático.

De salientar as evidências do uso dos dentes como 3ª mão, aspeto sugerido devido à presença de um desgaste dentário diferencial dos incisivos centrais de uma mulher representada apenas pelo crânio. Poderá indiciar uma pessoa que exerceu uma atividade especializada no decurso da sua vida, o que a nosso ver constitui um dado social importante.

Nenhuma das patologias encontradas pode ser considerada como a causa da morte do indivíduo. A maior parte delas está diretamente relacionada com a idade dos indivíduos, com as atividades a que se dedicavam e com o tipo de alimentação praticada.

As oferendas são raras, surgindo em contextos de características distintas entre si, mas sempre em inumações primárias de indivíduos do género feminino. Quanto à idade não se identificou padrão, tendo sido feitas oferendas a não-adultos, adultos e idosos.

V. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E INTERPRETAÇÕES

Neste capítulo, tal como foi proposto nos objetivos, começámos por efetuar a análise conjunta dos três casos de estudo de forma a estabelecer alguns padrões comportamentais, caso tivessem existido. Na ausência de datas de radiocarbono tivemos, também, a preocupação de fundamentar a cronologia dos contextos funerários através do estudo dos depósitos cerâmicos que estavam sob os esqueletos ou que os cobriam. Na segunda parte, mais interpretativa, tentámos a integração dos resultados a uma escala mais ampla de análise, a regional, tendo abarcado o Alentejo. Integrámos também alguns casos da Estremadura espanhola, dada a inexistência de fronteiras na pré-história. Para alguns dos casos que utilizámos neste processo, fizemos uma breve síntese que pode ser encontrada no inventário que corresponde ao Anexo I.

5.1. Discussão dos resultados

Os resultados gerais serão apresentados pela seguinte ordem: contextos culturais dos achados, características arquitetónicas, características de enterramento, os corpos, paleopatologias e espólio, similar à que foi a seguida para a análise de cada caso de estudo.

5.1.1. Contextos culturais dos achados

A partir da análise dos dados que aqui se apresentam foi possível perceber que durante o Calcolítico do Baixo Alentejo interior as comunidades **enterraram os seus mortos dentro de povoados**, como são os casos de Alto de Brinches 3 e Torre Velha 3, ambos no concelho de Serpa, **ou no interior de recintos monumentais**, de que é exemplo o caso de Porto Torrão, no concelho de Ferreira do Alentejo.

Em todos estes contextos **os enterramentos encontravam-se no seio de estruturas subterrâneas cujas características deposicionais nos levam a pensar que, aparentemente, não foram construídas originalmente para terem uma função funerária**, talvez com exceção das fossas [3107] e [3168] de Porto Torrão.

Nestes sítios as sepulturas aparecem **concentradas em Alto de Brinches 3 e Torre Velha 3. Em Porto Torrão apareceram um pouco mais dispersas mas circunscritas à área Sul do recinto**, no interior das duas linhas de fossos mais exteriores deste sítio.

No entanto, dado a exiguidade das escavações nestes três locais, estas hipóteses não podem generalizar-se ao Baixo Alentejo interior sem confirmação futura.

Apesar de estudarmos três sítios arqueológicos, o **número de enterramentos é relativamente baixo**, ou seja, foram analisados 13 contextos funerários. Apenas dois apresentavam inumações duplas existindo, num deles, uma forte manipulação dos ossos atestada pela presença de ossários e ossos soltos. Nesse mesmo contexto, foi aberta uma sepultura plana para receber uma inumação individual. Esta sepultura foi aberta no sedimento onde assentavam os dois cadáveres (Fig. 88). Três dos contextos receberam deposições secundárias; todas elas estavam associadas ao elemento crânio, sendo uma composta por um crânio com mandíbula, outra por uma calote e outra por um *calvarium*.



Figura 88 – Enterramentos primários na fossa 691 (Alves *et al.*, 2009).

5.1.2. Características arquitetônicas

Em termos arquitetônicos, num conjunto de 13 contextos tumulares, os enterramentos foram realizados totalmente em fossas escavadas no substrato rochoso (100%).

No interior das 13 fossas a deposição dos corpos foi realizada de três formas distintas: diretamente sobre o enchimento, na sua maioria, quer em termos de deposições primárias quer de secundárias (15 casos); no interior de sepulturas planas abertas nos sedimentos (1 caso de uma inumação de uma mulher adulta) e sobre um murete (1 caso de uma deposição secundária de uma calote craniana humana) (Fig. 89)

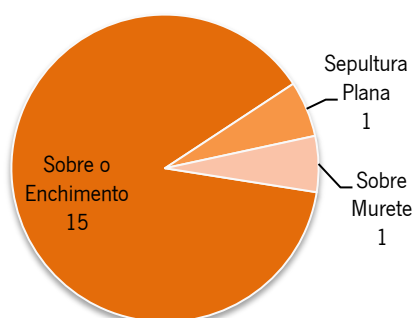


Figura 89 – Formas de deposição dos corpos no interior de fossas.

As fossas apresentavam características morfológicas distintas entre si (Figs. 90 e 91). Os contornos variavam entre o circular (67% dos casos) e o subcircular (33% dos casos) e os perfis entre o rectangular, o sub-rectangular, em U, em saco e o trapezoidal. As mais representadas eram as fossas de perfil rectangular (25%) e sub-rectangular (25%), seguindo-se as de perfil em saco (17%) e em U (17%) e, por último, os perfis trapezoidais representados em duas fossas (16%) (Fig. 92).



Figura 91 – Plano final da fossa [2205] de TV3 (Alves *et al.*, 2010).



Figura 90 – Plano final da fossa 3107 (Rebello *et al.*, 2009).

Quanto às dimensões (Fig. 93) as fossas não apresentavam diâmetros inferiores a 1 m nem superiores a 2 m, tendo a maioria das fossas diâmetros compreendidos entre 1,50 m e os 2 m (10 casos). O diâmetro de boca mínimo registado foi de aproximadamente 1,10 m. As profundidades eram bastante heterogêneas. A maioria destas estruturas tinha profundidade de cerca de 1 m. Algumas fossas apresentavam profundidades reduzidas, inferiores a 1 m (4 casos). A menor profundidade registada foi de 0,50 m (3 casos) e a maior foi de 2 m (1 caso).

A sepultura plana tinha um contorno oval e um perfil arredondado. As suas dimensões eram reduzidas (1 m de comprimento por 0,42 m de largura e 0,22 m de profundidade).



Figura 92 – Características morfológicas das fossas em relação ao contorno e ao perfil, respetivamente.

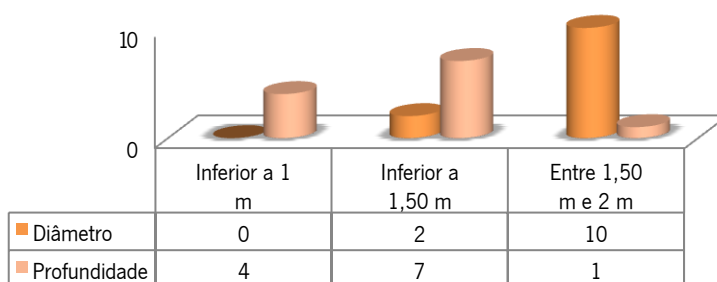


Figura 93 - Dimensões das fossas.

5.1.3. Características de enterramento: as práticas funerárias

Num total de 20 enterramentos, no que diz respeito aos ritos, apenas registámos **inumações**. Estas podem subdividir-se em **primárias** (13 casos), sendo assim maioritárias e em **secundárias** (8 casos), na forma de ossários, reduções e ossos soltos (Quadro V).

Segundo Umbelino e Amorim (2010:16), no enterramento das duas mulheres idosas em Porto Torrão, Ferreira do Alentejo, a deslocação de alguns ossos da sua posição anatómica original pode ter tido duas causas: os movimentos de pequenos animais ou as características da própria decomposição dos corpos. Esta poderia ter ocorrido ao ar livre, não existindo inumação, ou pela “*existência de uma estrutura perene que poderá ter selado a estrutura*” (*idem*).

As **deposições primárias eram preferencialmente individuais** (9 casos), apesar de terem ocorrido duas deposições duplas, uma delas de dois indivíduos idosos do género feminino.

Quadro V. Tipo de e número de deposições por sítio

AB3 Contexto	Deposição Primária	Deposição Secundária	TV3 Contexto	Deposição Primária	PT0 Contexto	Deposição Primária	Deposição Secundária
Fossa 586	1		Fossa 2205	1	Fossa 3107	1	
Sepultura plana 689	1		Fossa 2273	1	Fossa 3168	1	1 ossário
Fossa 691	2	2 ossários, 2 reduções e ossos soltos	-	-	Fossa 1264	1	-
-	-		-	-	Fossa 15	1	-
-	-		-	-	Fossa 29	2	-
-	-		-	-	Fossa 28	1	-
-	-	-	-	-	Fossa 205	-	1 ossário
-	-	-	-	-	Fossa 15	-	1 ossário
Total	4	>5	-	2	-	7	3

Identificaram-se posições de enterramento variadas, porém parece existir uma tendência para a deposição em decúbito lateral (77% dos casos) principalmente sobre o lado direito o que ocorre em 7 casos. As restantes eram em decúbito lateral esquerdo (3 casos), decúbito dorsal (2 casos) e decúbito ventral (1 caso) (Fig. 94).

Quanto à posição de enterramento segundo o género e a idade à época da morte, verificamos que os idosos do género feminino foram enterrados em posições distintas: em decúbito dorsal, em decúbito lateral esquerdo (1 caso) e direito (1 caso); os adultos femininos foram enterrados, preferencialmente, em decúbito lateral direito (3 casos), tendo-se registado neste grupo o único caso de enterramento em decúbito ventral. Os indivíduos do género masculino foram apenas enterrados em decúbito lateral esquerdo (1 adulto e 1 não-adulto) e em decúbito lateral direito (1 adulto). Os não-adultos cujo género não foi possível aferir foram enterrados em decúbito dorsal (1 caso) e em decúbito lateral direito (2 casos) (Fig. 95).

Estes aspetos parecem indicar a inexistência de uma relação entre o género, a idade e a posição de enterramento. Porém, existe uma preferência pelo enterramento em decúbito lateral (9 casos), estando esta posição representada em todas as faixas etárias. O único caso de deposição ventral foi encontrado no enterramento de uma mulher adulta, em sepultura plana.

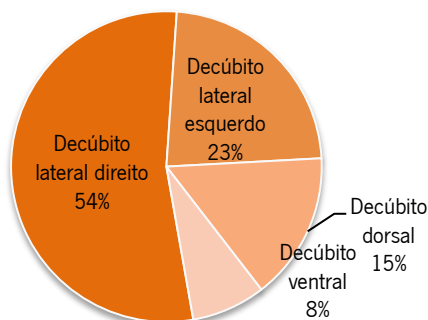


Figura 94 – Posição dos enterramentos primários.

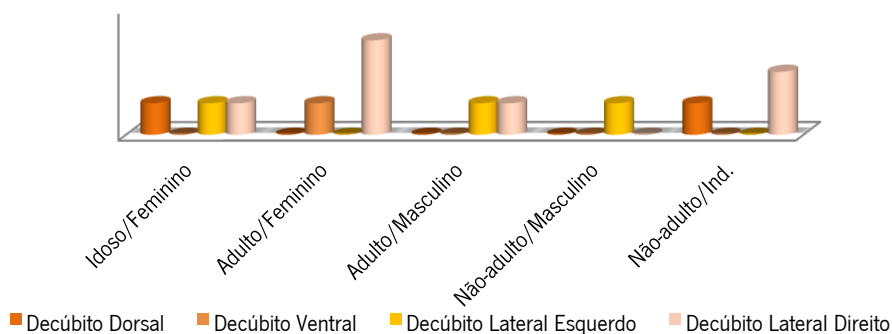


Figura 95 – Posição de enterramento segundo o gênero e a idade à época da morte.

Apesar de os corpos terem sido depositados com orientações diversificadas, como por exemplo de oeste/este, norte/sul, sul/norte, sudeste/noroeste existe uma clara predominância do sentido oeste/este (7 casos) (Fig. 96).

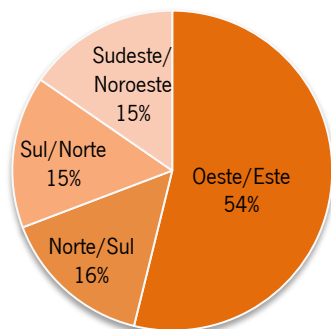


Figura 96 – Orientação dos enterramentos primários.

Cruzando a idade e o gênero com a orientação espacial dos corpos (Fig. 97) verificamos que os idosos foram apenas enterrados orientados de oeste para este (3 casos); os adultos femininos foram depositados no sentido oeste/este (2 casos) e sudeste/noroeste (2 casos); os adultos masculinos foram orientados de oeste para este (1 caso) e de norte para sul (1 caso); o não-adulto masculino foi depositado de norte para sul; os não-adultos de gênero indeterminado foram depositados no sentido oeste/este (1 caso) e sul/norte (2 casos).

Apesar de a amostra ser reduzida foram registadas algumas tendências. Assim, o sentido oeste/este, o mais representado (7 casos), aparece em enterramentos de todas as faixas etárias

(idoso (3 casos); adulto (3 casos); não-adulto (1 caso) e dos dois géneros, com maior representação do feminino (5 casos). Apenas as mulheres adultas foram depositadas no sentido sudeste/noroeste (2 casos). Dois indivíduos do género masculino, um adulto e um não-adulto, foram os únicos a ser enterrados no sentido Norte/Sul.

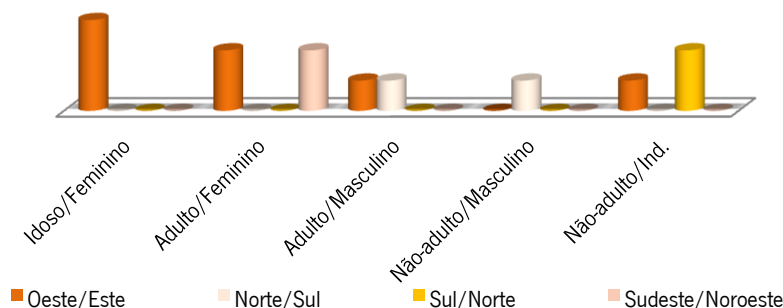


Figura 97 – Relação da idade e do género com a orientação espacial das inumações primárias.

As **deposições secundárias** foram encontradas em 4 contextos funerários distintos. As de Alto de Brinches 3, em número de quatro, foram encontradas no interior de uma só fossa, algumas delas fazendo parte dos esqueletos encontrados nessa estrutura. Estas deposições eram constituídas, principalmente, por ossos longos. Já as deposições encontradas em Porto Torrão (S3-Oeste Sond. XI e Área E), em número de 3, eram representadas por crânios ou partes destes, foram colocadas no interior de 3 fossas, duas delas sem qualquer associação direta a enterramentos primários ou outras deposições secundárias. Uma encontrava-se nos seus níveis superiores de uma fossa onde foi realizado um enterramento individual de um não-adulto, cuja idade à época da morte estaria entre os 8 e os 15 anos (Fig. 98).

A representatividade dos ossos longos e do crânio parece evidenciar uma seleção intencional de algumas partes do esqueleto por parte das comunidades calcolíticas.

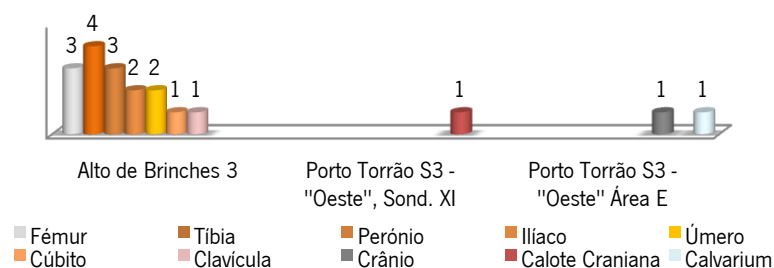


Figura 98 – Partes do esqueleto representadas nas deposições secundárias.

As **oferendas são raras e muito diversificadas**, parecendo não existir nenhum padrão específico. Ao todo identificámos 5 enterramentos com oferendas 2 em Alto de Brinches 3 (AB3) e 3 em Porto Torrão (PTO).

O **género feminino** e o fato de corresponderem **todos a inumações primárias** parecem ser os únicos aspetos comuns aos indivíduos cujos enterramentos possuem oferendas.

Apesar da amostra ser muito pequena a maioria dos enterramentos com oferendas correspondem a adultos e a idosos. Não se registaram oferendas a crianças.

Estas consistiam em artefactos cerâmicos, líticos, ósseos e em deposições de ossos longos. De registar também, a associação de um esqueleto de um mulher idosa com um canídeo (Quadro VI).

O objeto de osso polido, identificado junto ao crânio de uma mulher, de meia-idade a idosa, corresponderá a um possível elemento de adorno (Alves *et al.*, 2010). Não nos foi possível saber a matéria de que era feito o percutor depositado junto à face de uma mulher adulta. O espólio mais “rico” era proveniente do enterramento de uma mulher adulta: a placa de xisto era *“gravada com organização à base de bandas de triângulos preenchidos por linhas oblíquas entrecruzadas (reticulado), com exceção de uma delas. A cabeça da placa é definida por dois olhos solares perfurados, encimados por duas «sobrancelhas» preenchidas com traços de tendência vertical; ao centro um elemento vertical (nariz?) também reticulado, associado a três bandas de tendência horizontal e preenchidas por traços verticais. O reverso também se encontra decorado com uma faixa reticulada circundante dos limites laterais e superior.”* (Rocha *et al.*, 2011:401) e media 14,2 cm de comprimento por 13,3 cm por 8 cm de largura e tinha uma espessura entre os 1,1 a 4 cm (Rocha *et al.*, 2011); os machados em número de dois, eram em anfibolito e mediam 9 cm de comprimento por 2,9 cm de altura por 5,1 cm de largura e 8,9 de comprimento por 2,3 cm de altura por 5,1 cm de largura, respetivamente².

O recipiente cerâmico corresponde a uma taça cujas dimensões são bastante reduzidas pela análise da fotografia, mas poderá ser um mini-vaso, ou seja, a forma 15 segundo a tabela tipológica de Lago *et al.* (1998). Apresenta uma carena média/baixa pouco vincada.

Por ainda se encontrarem em fase de estudo no âmbito de outros projetos, não foi possível apurar outros aspetos relacionados com o osso de macro-fauna nem com o canídeo.

Quadro VI. Características de enterramento dos indivíduos com oferendas

Estação	Contexto	Enterramento	Género/Idade	Orientação	Posição	Oferendas
AB3	Sepultura plana em fossa	Primário individual	Feminino Adulto-jovem	SE/NO	Decúbito ventral	Objecto em osso polido
AB3	Fossa	Primário individual	Feminino Idoso	O/E	Decúbito lateral esquerdo	Canídeo
PTO	Fossa	Primário individual	Feminino Adulto	SE/NO	Decúbito lateral direito	Percutor
PTO	Fossa	Primário individual	Feminino Adulto	O/E	Decúbito lateral direito	Recipientes cerâmicos, placa de xisto decorada, dois machados
PTO	Fossa	Primário duplo	Femininos Idosos	O/E	1. Decúbito lateral direito parcial	1. Osso de macro-fauna
					2. Decúbito dorsal	2. Mini-vaso em cerâmica

² O estudo deste material será apresentado, por investigadores da *Neopélica, Lda.*, no *I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, segundo informação cedida pela arqueóloga Raquel Santos.

5.1.4. Os corpos

Apesar de as más condições de preservação das peças osteológicas não terem permitido aferir o género para todos os esqueletos, verificou-se uma **maior representatividade dos indivíduos do sexo feminino** (8 casos) que representam 47% da amostra, contra 18% de indivíduos do género masculino (3 casos). Os indeterminados correspondem, sobretudo, a casos de deposições secundárias em que a parte óssea representada não tem as características necessárias para aferir a idade (Fig. 99).

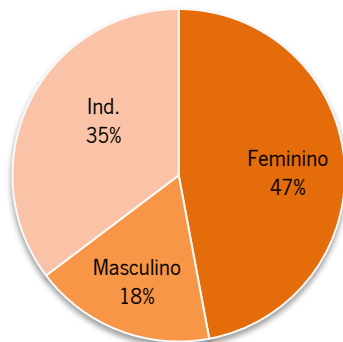


Figura 99 – Género dos indivíduos recuperados dos contextos funerários.

Quanto à **idade à época da morte, estão representadas todas as faixas etárias**. Os grupos com maior expressão são os adultos, com 6 casos e os não-adultos, com 5 casos. Poucos chegariam a idosos, neste caso apenas 18% o que corresponde apenas a 3 casos (Fig. 100). Tendo em conta estes contextos, a maior parte da população deste período **morreria na idade adulta**, existindo também uma **mortalidade elevada dos não-adultos**. Dos não-adultos apenas um indivíduo tinha idade inferior aos 5 anos (entre os 2 e os 4 anos), estando os restantes entre os 8 anos e os 15 anos \pm 35 meses (Quadro VII).

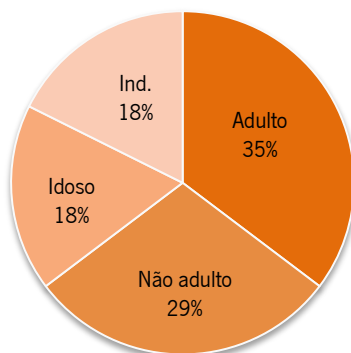


Figura 100 – Idade à época da morte.

Quadro VII. Tipo de enterramento e idade dos não adultos

Estação	Tipo de enterramento	Idade
TV3	Primário em fossa	Indeterminada
PTO	Primário em fossa	8-15 anos
-	Primário em fossa	2-4 anos
-	Primário em fossa	15 anos \pm 35 meses
-	Secundário em fossa (<i>calvarium</i>)	9 anos \pm 2,5 anos

Quanto às idades por géneros não se verificam enterramentos de idosos masculinos nem de não-adultos femininos (Fig. 101).

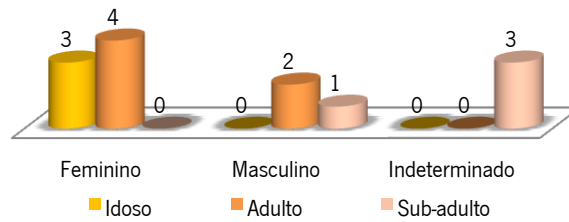


Figura 101 – Número de indivíduos representados segundo o género e a idade à época da morte.

5.1.5. Paleopatologia

No âmbito das paleopatologias (Quadro VIII), quase todos os indivíduos apresentavam problemas dentários (9 casos), sendo o mais comum o desgaste dentário (8 casos). O desgaste dentário em si não é uma doença mas, dependendo da gravidade pode originar patologias dentárias e perda de dentes *ante mortem*. O seu aparecimento relaciona-se com a idade e com a dieta praticada (Ferreira, 2005). As cáries foram encontradas apenas nas duas mulheres idosas. A sua gravidade poderá relacionar-se com a idade avançada dos indivíduos, uma vez que a idade e a dieta são os principais fatores que influenciam o aparecimento desta doença infecciosa (*idem*). O tártaro apareceu raras vezes (3 casos) e era representado apenas por vestígios em dois casos. O seu aparecimento parece relacionar-se com o consumo de proteínas (*idem*). A perda de dentes *ante mortem* foi identificada para três indivíduos sendo que dois deles eram as mulheres idosas. Para além dos problemas com a higiene dentária, a perda de dentes em vida pode ter sido consequência de doenças nos dentes, como cáries graves, abscessos e doença periodontal (*idem*). Apareceram dois casos de hipoplasia do esmalte dentário, estando uma delas representada no não-adulto do género masculino. A hipoplasia caracteriza-se por um crescimento anormal do esmalte dentário e ocorre quando durante o crescimento dos dentes, existe exposição a alguns fatores como a má nutrição e as doenças da infância (*idem*). Este problema dentário indica que enquanto crianças estes indivíduos passaram por algum período de nutrição deficiente ou por alguma doença mas que sobreviveram. A doença periodontal (1 caso) deve-se a *“uma deficiente higiene oral que não conduz à remoção da placa, a ingestão de alimentos moles e pegajosos, uma dieta que favoreça o desenvolvimento da placa dentária, as deficiências nutritivas, as anomalias dentárias que podem gerar a acumulação de placa, a gravidez, a puberdade e os episódios de stress”* (Ferreira, 2005:67).

Um homem adulto apresentava artrose ligeira no côndilo mandibular esquerdo. A artrose pode ser causada por fatores hereditários, agentes endócrinos, stress mecânico e funcional, idade e sexo. É classificada como primária quando o seu aparecimento é espontâneo, relacionando-se com aspetos do organismo do indivíduo; e é secundária quando surge como consequência do *“stress mecânico aliado ao trauma físico”* (Ferreira, 2005:72).

Também apareceram casos de entesopatias nas duas mulheres idosas. Estas lesões inflamatórias que, nestes indivíduos, apareceram ao nível do fémur e da coluna, são o *“resultado da actividade contínua dos músculos”*. Segundo Cunha (1996) em Ferreira (2005:76) *“as zonas de inserção muscular “falam” pelos músculos que em vida aí estiveram, podendo dar uma ideia do desenvolvimento da massa muscular e, implicitamente, do tipo geral de actividades profissionais desempenhadas.”*

A periostite é uma inflamação dos tecidos que pode ocorrer “*por condições traumáticas e infecciosas e muito raramente por causas nutricionais ou congénitas*” sendo mais frequente na tibia (Ferreira, 2005:83). Foi identificada na diáfise da tibia esquerda de uma mulher idosa.

O calo ósseo (1 caso, na extremidade esternal da 9ª costela) corresponde a uma formação temporária na área onde ocorreu fratura integrando o processo de recuperação do osso.

No quadro das neoplasias, uma mulher idosa, tinha dois osteomas no frontal.

Nenhuma das doenças identificadas foi considerada como a causa da morte do indivíduo. A maior parte delas está diretamente relacionada com a idade dos indivíduos, com as atividades a que se dedicavam e com o tipo de alimentação praticada.

Quadro VIII. Paleopatologias encontradas³

Género	Idade	Patologias Dentárias	Patologias
Feminino	Meia-idade a Idoso	Desgaste dentário severo	-
Feminino	Adulto	Desgaste dentário moderado	-
Masculino	Adulto	Desgaste dentário moderado a acentuado	Artrose ligeira no côndilo mandibular esquerdo
Feminino	Adulto	Desgaste dentário Tártaro Doença Periodontal Perda de dentes <i>ante mortem</i>	Calo ósseo na extremidade esternal da 9ª costela esquerda
Masculino	Não adulto	Hipoplasia dentária	-
Feminino	Adulto	Desgaste dentário moderado a acentuado com exposição total da dentina	-
Feminino	Idoso	Desgaste dentário de moderado a acentuado Cáries graves Vestígios de tártaro Perda de dentes <i>ante mortem</i>	Entesopatias: - grau 1 no pequeno trocânter do fémur esquerdo - espigas laminares nas vértebras Neoplasias: - dois osteomas no frontal
Feminino	Idoso	Desgaste dentário de moderado a acentuado Cáries graves Vestígios de tártaro Perda de dentes <i>ante mortem</i>	Entesopatias: - espigas laminares nas vértebras - espícula óssea no côndilo maxilar direito Periostite na diáfise da tibia esquerda
Feminino	-	Desgaste diferencial em forma de V Agenesia dentária Hipoplasia dentária	-

5.1.6. A questão cronológica

Na ausência de datas de radiocarbono e de oferendas ou de oferendas significativas em termos cronológicos, tivemos que datar os contextos funerários pelo estudo dos materiais cerâmicos. Como os enterramentos foram efetuados totalmente em fossas contendo diversos depósitos que

³ Apesar da sistematização das patologias encontradas para estes três sítios arqueológicos ter sido efectuada por nós, a identificação das mesmas foi-nos fornecida pelos seguintes relatórios antropológicos: Ferreira (2009), Granja (2009), Rodrigues (2010) e Umbelino & Amorim (2010).

lhes eram subjacentes e que os cobriam optámos por estudar os depósitos sedimentares que se lhe associavam mais diretamente, ou seja, os que os cobriam e os que lhes ficavam imediatamente por baixo.

Foi analisado um total de 388 fragmentos: 255 das duas fossas [586] e [691] de Alto de Brinches 3, provenientes de um total de oito UE'S (547 e 54; 687; 690, 628, 638, 577 e 262). Da Torre Velha 3, observámos 133 fragmentos, das duas fossas [2205] e [2273] e das seis UE'S (2194, 2082 e 1998=2025; 2199, 2014 e 898). Não tivemos oportunidade de analisar os materiais arqueológicos de Porto Torrão mas muitos dos contextos genéricos estão publicados, inclusivamente datas de radiocarbono, como se poderá ver no Quadro III do ponto 4.3.2. deste trabalho, pelo que a sua inclusão no calcolítico não parece problemática.

Durante a observação efetuada percebemos a existência de uma maior representatividade dos bordos (125 exemplares) em relação aos bojos e fundos sendo que, estes últimos, foram identificados raras vezes (6 exemplares) (Fig. 102). Desta forma, podemos afirmar que a maior parte do material recolhido terá sido depositado no interior destas estruturas já fragmentado, dada a impossibilidade de reconstituição de peças inteiras.

Quanto às decorações, identificámos apenas 2 casos de decorações plásticas correspondentes a mamilos alongados (Anexo II, Tabela 1- a).

Apesar de terem sido encontrados 3 fragmentos de arranque de asa/asa, estes correspondem apenas a duas asas, uma vez que 2 dos fragmentos colavam, permitindo perceber que se tratava de uma asa tubular, de secção oval (Anexo II, Tabela 2 - b).

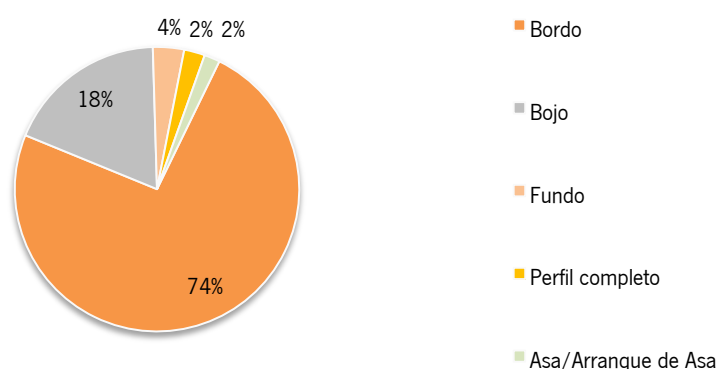


Figura 102 – Total de fragmentos, por tipo, dos contextos funerários de AB3 e TV3.

Grosso modo, os fragmentos apresentam pastas grosseiras, constituídas por areias e mica, de diversos tamanhos que se encontravam distribuídos de forma pouco homogénea na peça. A maioria dos e.n.p.'s apresentava dimensões pequenas a médias, existindo alguns casos em que estes elementos atingiam maiores dimensões, chegando aos 5 mm.

De notar também, que a grande maioria dos fragmentos apresentava fraturas frescas e pouco roladas, o que parece evidenciar, segundo os critérios de Brudenell e Cooper (2008), que a amortização dos fragmentos ter-se-á dado pouco tempo depois da quebra da peça.

As formas identificadas segundo Lago *et al.* (1998) foram, por ordem de representatividade: o pote (26%), a taça (18%), o peso-placa (16%), a taça carenada (15%), o prato (15%), o globular (3%), a tigela (2%), o vaso de paredes retas (1%) e um ídolo, uma colher, um vaso-suporte e um

fragmento de um recipiente perfurado cuja identificação como queijeiras é hoje problemática (Fig. 103 e 104).

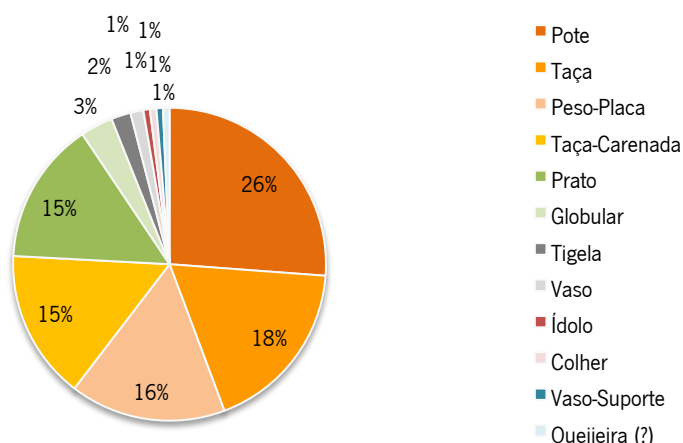


Figura 103 – Representatividade das formas cerâmicas identificadas.

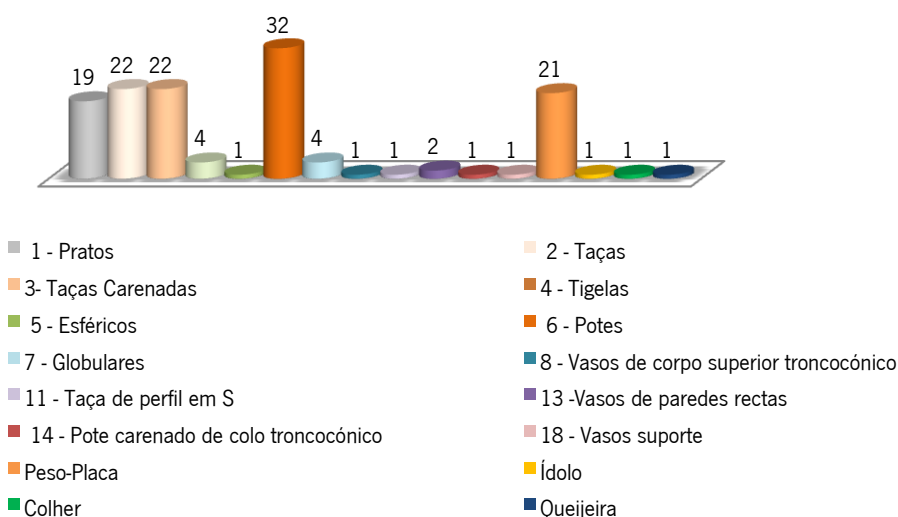


Figura 104 – Tipos cerâmicos representados nos contextos funerários segundo a tabela morfológica de M. Lago *et al.* (1998).

No conjunto estudado apareceu um fragmento de vaso-suporte (Anexo II, Tabela 1 - c) raros no calcolítico do Alentejo.

O ídolo-fálico em cerâmica (Anexo II, Tabela 1 – o) recuperado do contexto funerário 3 de AB3, da UE 690, onde foi aberta a sepultura plana e onde assentavam os enterramentos primários, estava fragmentado, estando conservado o topo e parte do seu corpo. As suas dimensões máximas são de 7 cm de altura por 7,5 cm de diâmetro. Esta peça é semelhante às encontradas em Porto Torrão, Ferreira do Alentejo, onde 17 ídolos-fálicos se exumaram nas áreas A, D, E e F, segundo Rebugue *et al.* (2010).

Do contexto funerário 1 de AB3, da UE 54 sob a qual estava o esqueleto, foi analisado um fragmento de colher. Esta corresponderia a uma pequena colher com uma pá ovalada cuja concavidade seria pouco funda. Esta peça encontra paralelos com as encontradas no recinto dos Perdigões, Reguengos de Monsaraz (Lago *et al.* 1998) onde são comuns; com as de Porto

Torrão, Sector 3 – Oeste, Ferreira do Alentejo (6 casos encontrados nas áreas A, C, D e F) (Rebuge *et al.*, 2010) e com a encontrada em El Tomillar, Bercial de Zapardiel, Ávila (García, 2009). Este objecto parece ser mais comum nos recintos (Perdigões e Porto Torrão) do que em contextos de povoado (Alto de Brinches e El Tomillar).

Foram analisados 24 fragmentos de pesos-placa (Anexo II, Tabela 1 - e, i, j, l, q; Tabela 2 - c, e). Os pesos-placa são, normalmente, relacionados com a prática da tecelagem, tendo funcionado como componentes de tear (Costeira, 2013). As variações nas características morfológicas destes elementos, relacionar-se-iam com a sua utilização em diferentes tipos de teares.

Para 44 casos foi possível apurar os subtipos dos recipientes cerâmicos (Fig. 105). Para a forma prato foram encontrados os subtipos 1.1., 1.2 e 1.3.; para as taças, os subtipos 2.2., 2.3. e 2.4.; para as taças carenadas, os subtipos 3.1., 3.2. e 3.3.; para as tigelas, o subtipo 4.3.; para os esféricos, o subtipo 5.1. e para os globulares, o subtipo 7.3.

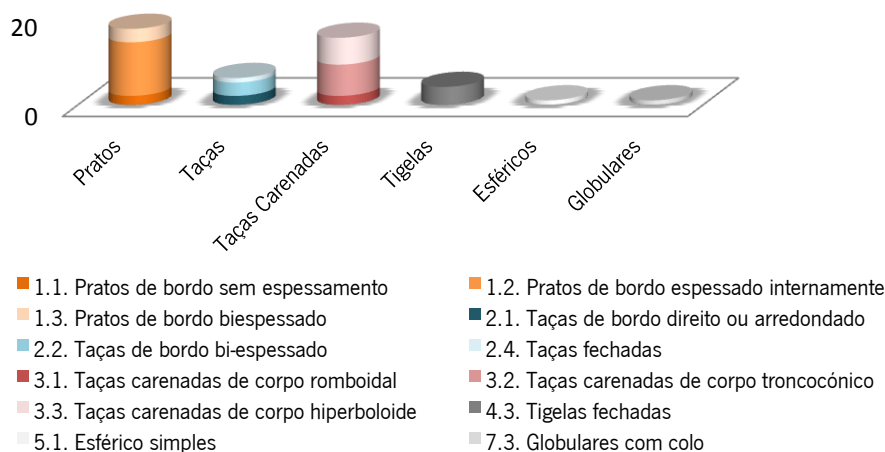


Figura 105 – Subtipos cerâmicos representados nos contextos funerários segundo a tabela morfológica de M. Lago *et al.* (1998).

Nas formas encontradas, destacam-se, pela sua importância para datação relativa, as taças carenadas (22 casos), as taças (22 casos) e os pratos (19 casos), a maioria deles com espessamento no bordo (15 casos). Estas formas encontram paralelo nos recipientes encontrados noutros contextos datados do calcolítico, como os que foram estudados por C. T. Silva e J. Soares (1976/1977), nos Perdigões (Lago *et al.*, 1998) e, também, em Porto Torrão (Rebuge *et al.*, 2010; Rebelo *et al.*, 2009, 2010).

É importante referir que não foram encontrados nos depósitos estudados, fragmentos de cerâmica campaniforme, assim como artefactos votivos em calcário. Estes últimos são comuns, enquanto oferendas fúnebres, sobretudo para a fase inicial do Calcolítico. São conhecidos nas penínsulas de Lisboa e Setúbal; no Algarve conhecem-se os almofarizes de Alcalar e, no Alentejo, predominam na forma de betilos e vasos de calcário (Gonçalves, 2003).

A ausência de pratos nos contextos funerários da Torre Velha 3 pode indicar que estes enterramentos sejam mais antigos que os de Alto de Brinches 3, onde aparecem pratos e taças carenadas em associação.

Contudo, estes dados devem ser entendidos com alguma relatividade dada a grande quantidade de fragmentos para os quais não foi possível encontrar forma.

Em suma, tendo em conta aquilo que se conhece para a cerâmica calcolítica da região, podemos considerar que as formas identificadas nos contextos funerários de AB3 e TV3 permitem incluí-los no Calcolítico, talvez em vários momentos desta etapa cronológico-cultural. Em relação a Porto Torrão as intervenções e publicações permitiram identificar a ocupação deste sítio, deste o Neolítico Final, até ao final do Calcolítico. Da ocupação Neolítica foi recuperada uma componente artefactual onde estão ausentes os pratos e onde predominam as taças carenadas, as tigelas e os vasos, assim como, os globulares e as taças. A decoração é pouco significativa neste conjunto.

As colheres, apesar de serem objetos que normalmente integram a componente artefactual típica do Calcolítico Inicial (Rodrigues e Martins, 2005), apareceram em Porto Torrão nas camadas de ocupação do Neolítico e do Calcolítico Final, revelando uma continuidade da utilização deste objeto ao longo de todo o III milénio. A ocupação do Calcolítico Pleno foi caracterizada, a nível de objetos cerâmicos, pelo predomínio dos pratos de bordo simples e espessado e pelas taças, tendo aparecido em menor quantidade as taças carenadas, os globulares e os vasos, mantendo as tigelas a sua representatividade (*idem*). Nesta fase identificaram-se ainda cerâmicas campaniformes.

5.2. Interpretações

Tendo presente a premissa de que a perceção que as comunidades têm da morte resulta da sua cosmogonia, do seu sistema de crenças e do modo como incorporam o meio em que vivem (Pearson, 1999) tentámos algumas interpretações sobre os resultados apresentados que, de uma forma geral, se referem mais a aspetos da vida do que da morte das populações em estudo.

A existência de enterramentos em contextos de povoado ou de recinto monumental, nas proximidades de outras estruturas e em lugares onde as comunidades praticavam um conjunto diversificado de atividades, evidencia que vivos e alguns mortos coabitariam no mesmo espaço, **não se verificando uma separação física e ideológica entre os dois mundos** (Inocêncio & Bettencourt, no prelo).

O fato de se encontrarem poucos contextos funerários, dentro dos sítios em estudo, situação que se parece repetir, também no recinto do Outeiro Alto 2 e nos sítios da Ribeira de Pias 2, Serpa, na Ribeira de São Domingos 1, Serpa, e no Monte das Covas 3, Beja (Valera, 2012a) sugere, desde logo, **um tratamento diferencial dos mortos** e leva-nos a questionar sobre os contextos e o tipo de tratamento que receberiam os outros cadáveres. Na verdade, conhecem-se, nas imediações de Porto Torrão e para o mesmo período cronológico, contextos funerários que assumem características completamente distintas, como é o caso dos hipogeus de Monte do Carrascal 2 e de Monte Cardim 6 (Valera *et al.* 2010a:10) onde se registou o aparecimento de grande quantidade de esqueletos resultantes de inumações primárias e secundárias e cremações (fosso de acesso ao Monte do Carrascal 2), demonstrando uma utilização funerária sucessiva dos monumentos, bem distinta das inumações primárias, quase só individuais, e de alguns ossários dos contextos de estudo. Ainda nas imediações de Porto Torrão foram encontrados enterramentos em *tholoi* na Horta do João da Moura e no Monte do Pombal 1 (Valera, 2010). Estes contextos funerários contrastam, também, com o de Porto Torrão, quanto ao número e tipo de oferendas. Enquanto nos contextos em estudo estas são raras nos hipogeus e *tholoi* apareceram grandes quantidades de oferendas, compostas não só por peças cerâmicas mas também por objetos líticos, metálicos e em osso.

Mais próximo dos povoados do Alto de Brinches 3 e Torre Velha 3 também foi escavado o hipogeu de Monte de Cortes 2, Serpa, com eventual reutilização calcolítica (Valera *et al.* 2010b), o hipogeu da Sobreira de Cima, Vidigueira, também com reutilizações calcolíticas (Valera *et al.* 2008) e o recentemente encontrado *tholos* de Centirã 2, Serpa (Henriques *et al.* no prelo). Assim podemos colocar a hipótese de que, **no Baixo Alentejo interior, os contextos funerários e, por vezes, as práticas funerárias, seriam muito diversificadas**, característica que parece ser extensível ao Alto Alentejo, à Estremadura espanhola e até à Meseta Norte.

No Alto Alentejo, no recinto dos Perdigões encontraram-se enterramentos em fossa, em fossos e em *tholoi*, conhecendo-se também um caso de deposição secundária de restos humanos cremados em fossa datado através de radiocarbono para o Calcolítico (Valera e Silva, 2011).

Na Estremadura espanhola são conhecidos enterramentos em fossa como em Valencia del Ventoso, Badajoz (Gallardo e Cuenca, 2004); em *tholoi* na Huerta Montero, Badajoz, de onde se recuperaram cerca de uma centena de indivíduos (Blasco e Ortiz, 1992); nos “*tholoi semhipogeos*” de La Pijotilla, um extenso povoado com necrópole (Odriozola *et al.*, 2008:213) onde foram inumados mais de trezentos indivíduos (Odriozola *et al.*, 2008).

Na Meseta Norte conhecem-se, para este período, enterramentos em diferentes tipos de estruturas funerárias: dólmenes, grutas artificiais e fossas. Os enterramentos em fossa também se encontram em contextos de povoado, como é o caso de El Tomillar, Bercial de Zapardiel, Ávila, podendo ser coletivos ou individuais, primários ou secundários (García, 1995; 2009).

Tal situação coloca-nos de imediato outra questão que é a de se saber **os motivos pelos quais existiriam estes tratamentos diferenciados**. Tendo presente o que diz M. Pearson (1999), cabe perguntar se os enterramentos no interior dos povoados e recintos, por serem mais simples, seriam mecanismos favoráveis ao esquecimento dos mortos, sendo os enterramentos em hipogeus e *tholoi*, de maior investimento construtivo e de maior frequência social, para os lembrar? E assim sendo, quem seriam os mortos a “esquecer” ou a “lembrar”, em termos coletivos? A resposta a esta questão conduz-nos a problemas de representação da hierarquia social nas práticas funerárias, assunto difícil. Mesmo assim, colocamos a hipótese de que, nesta região, tal possa ter ocorrido, tendo em conta o investimento da comunidade em construções monumentais, como é o caso dos *tholoi*, existentes ao longo de toda a 1ª metade do 3º milénio a.C., por vezes para sepultar poucos corpos. A este propósito referimos que, no *tholos* de Centirã 2, Serpa, foram enterrados poucos indivíduos durante o Calcolítico, segundo os dados fornecidos por Henriques *et al.* (no prelo).

Verificámos, com base nos casos de estudo, que não estão representados, de forma mais ou menos equitativa, todos os géneros e idades nos enterramentos. Perante estes dados cabe perguntar se as crianças, os não-adultos femininos, grande parte dos homens e dos idosos, teriam sido sepultados noutros contextos. Ao ser assim, teria existido **discriminação de enterramentos por idades e género no interior dos povoados e dos recintos**, mas a amostra é pequena para se tirarem generalizações, pelo que este tipo de estudos deverá fazer-se em comparação com outros contextos. O oposto parece ocorrer em El Tomillar, na Fossa 1 e na Fossa 13, onde apareceram enterramentos coletivos compostos por indivíduos de ambos os géneros e de todas as idades (adultos e não adultos), incluindo um conjunto de cinco não adultos com poucos meses de vida associados a duas mulheres adultas e um homem adulto (García, 1995; 2009).

Nos enterramentos estudados há predominância do sentido oeste/este, apesar de várias orientações, como nordeste/sudeste, norte/sul e sul/norte parece revelar **conhecimento e**

relevância dos ciclos solares e a sua aplicação às práticas funerárias. São maioritariamente femininos os enterramentos oeste/este e nordeste/sudeste, curiosamente as orientações que obedecem à deslocação do ciclo solar entre o solstício de inverno e o de verão, respetivamente. Morreriam mais mulheres durante estes períodos ou teriam estes enterramentos associado, no plano simbólico, a capacidade feminina da gestação com os ciclos do nascimento e ocaso solar?

O aparecimento de ossários indica **grande manipulação e circulação dos ossos humanos**, tal como já haviam sugerido Valera *et al.* (no prelo a) a propósito de Monte Cardim 6 e do Monte do Carrascal, embora tal pareça ser uma característica geral das comunidades calcolíticas do Baixo Alentejo interior. A circulação de ossos entre diversos contextos indicia **a vinculação física e simbólica entre os diferentes lugares** que constituiriam a paisagem calcolítica (Inocêncio & Bettencourt, no prelo) e por onde circulariam as populações nas suas mais diversas atividades.

Estas práticas são também comuns no Alto Alentejo, como no recinto dos Perdigões, onde foi realizada uma deposição secundária de restos humanos cremados em fossa (Valera e Silva, 2011) e na Meseta Norte, como em El Tomillar onde foi detectada uma fossa com, pelo menos, 11 indivíduos sem conexões anatómicas revelando deposição secundária para todos os casos (García, 2005).

No *tholos* de Cardim 6, onde o esqueleto de uma criança era a única inumação primária num contexto no qual se identificaram pelo menos 9 indivíduos entre não-adultos e adultos (Valera *et al.*, no prelo a), podemos questionar se o *status* seria já hereditário sendo alguns detentores de uma importância social distinta desde a infância ou seriam todas as crianças portadoras da mesma importância e simbologia social ao morrer? Talvez estes esqueletos não fossem suscetíveis de ser manipulados ou os seus restos não tivessem para a comunidade as mesmas propriedades ou, devido à sua tenra idade (cerca de 2/3 anos).

Parece não existir diferenciação social baseada no género e na idade noutros contextos, principalmente nos de inumações múltiplas onde ambos os géneros e todas as idades aparecem como em La Pijotilla (Odriozola *et al.*, 2008) ou em El Tomillar (García, 1995, 2009).

Dada a falta de comportamento padrão na deposição de oferendas cabe perguntar se elas poderiam corresponder a elementos indicadores do papel social do defunto em vida, do seu modo de vida ou se seriam dádivas dos familiares?

Neste âmbito cabe referir a inumações primária de um indivíduo do género feminino idoso associado a um osso de macro-fauna. Os restos de fauna associados a enterramentos primários sugerem **oferendas cárneas e a prática de ritos de comensalidade**, aspetos que integrariam as cerimónias fúnebres de alguns elementos da sociedade. Esta prática é curiosa e rara no Calcolítico mas começa a revelar-se comum na Idade do Bronze da região, onde alguns contextos funerários em hipogeu e fossa têm vindo a ser relacionados com a prática de ritos de comensalidade, nomeadamente na Torre Velha 3 (Porfírio e Serra, 2010), em Belmeque (Soares, 1994), em Montinhos 6 (Baptista *et al.*, no prelo) e no recinto do Outeiro Alto 2 onde os restos de fauna associados a enterramentos apareceram em dois hipogeus e três fossas (Valera e Filipe, 2010).

Por fim, mas não menos importante, é a associação de uma mulher de meia-idade a idosa, a um esqueleto de canídeo⁴ [UE 481] que se encontrava num conjunto de calhaus de granito, dispostos numa planta parcialmente circular interpretada como a sua “estrutura sepulcral”

⁴ Por ainda se encontrar em fase de estudo arqueozoológico, não temos informação da espécie exata do animal que estava representado neste contexto.

(Alves *et al.* 2010). São poucos os casos conhecidos para o território português de enterramentos humanos associados a canídeos (Monte das Covas 3, Beja; Anta 3 da Santa Margarida, Requengos de Monsaraz; Alcalar 7, Portimão; gruta de Goldra, Faro e Casa da Moura, Óbidos) (Valera *et al.*, 2010). Destes, apenas o monumento de Alcalar 7 pode ser integrado no calcolítico e a Anta 3 da Santa Margarida tem uma cronologia Neo-Calcolítica.

Esta prática poderá revelar paridade entre homem-animal em termos da perceção do mundo. A inexistência de uma dualidade entre o homem e a natureza pode ter levado as populações a concederem o mesmo tratamento que davam aos seus membros a estes animais. Por outro lado, estes animais podem ter tido grande importância para estas comunidades, auxiliando na prática da pastorícia e na caça motivo pelo qual poderiam merecer um tratamento funerário idêntico ao dos humanos. As verdadeiras causas para este tratamento permanecerão desconhecidas, restando-nos analisar estes contextos da forma mais cuidada possível tendo em vista o melhor conhecimento destas práticas, no futuro. Para isso, como é dito em Valera *et al.* (2010) no estudo destes contextos devem ser utilizados os mesmos critérios que se utilizam para os enterramentos de humanos, atentando não só às características arquitetónicas mas também às características do enterramento do animal (posição, orientação, partes representadas, género, idade, patologias).

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atentando ao número e às características dos casos de estudo, apenas com 18 enterramentos, e às próprias particularidades da atividade arqueológica, os resultados e interpretações apresentados neste trabalho devem considerar-se apenas como um contributo para o conhecimento dos contextos e das práticas funerárias das comunidades que ocuparam o Baixo Alentejo interior durante o Calcolítico.

Nestes últimos anos o panorama funerário do Calcolítico tem vindo a mudar para o Alentejo. A descoberta de contextos funerários é cada vez mais recorrente e os trabalhos que sobre eles têm incidido vieram acrescentar importante informação ao que se conhecia para o mundo funerário desta área.

Cada vez se tornam mais claras as evidências de uma pluralidade de contextos e de práticas funerárias praticadas pelas comunidades do Calcolítico do Alentejo e do Baixo Alentejo, com enterramentos primários ou secundários, individuais ou múltiplos, a serem realizados em diferentes tipos de estruturas (fossas, hipogeus, *tholos*), que se localizam, quer fora de povoados e recintos, quer no seu interior.

Ao longo do trabalho estudámos apenas contextos de fossa no interior de dois povoados e de um recinto a saber: Alto de Brinches 3, Torre Vellha 3 e Porto Torrão.

Através da análise dos dados foi possível verificar que os vivos e os mortos parecem ter partilhado um mesmo espaço não existindo uma separação física e simbólica entre os dois mundos. A deposição dos corpos foi totalmente efetuada em fossas tendo sido registadas inumações individuais e duplas. As deposições primárias apareceram em maior número e as secundárias correspondiam a ossários, reduções e a ossos soltos. As deposições secundárias evidenciam grande manipulação dos ossos e a circulação dos mesmos entre os diferentes sítios de passagem e/ou comunhão das comunidades. Este aspeto pode revelar, uma vez mais, a vinculação entre os dois mundos através da perpetuação da memória e da integração dos antepassados no quotidiano da comunidade, ou seja, um verdadeiro culto aos ancestrais. A maior parte dos corpos foi depositado no sentido oeste/este e em decúbito lateral. A escolha das orientações parece mostrar que estas comunidades conheciam e valorizavam os ciclos solares. As oferendas eram raras e muito diversificadas. Neste âmbito destacamos um caso em que surgiram associados, na mesma fossa, os enterramentos de uma mulher e de um canídeo, o que pode evidenciar igualdade de tratamento e paridade na relação homem-animal.

O género mais representado nos enterramentos é o feminino, porém este dado deve ser encarado com relatividade pois não foi possível apurar este parâmetro para todos os esqueletos estudados. As paleopatologias encontradas não revelaram a causa da morte de nenhum dos indivíduos, estando essencialmente relacionadas com a dieta e atividades desenvolvidas ao longo da vida.

Destacamos alguns aspetos que parecem poder generalizar-se, ainda que com a devida cautela, à região em estudo: o tratamento diferencial dos mortos no interior dos povoados e dos recintos, revelado pela fraca ocorrência de contextos funerários e na desigualdade dos géneros e idades representados nos enterramentos; a diversidade de ritos e práticas funerárias manifestada na pluralidade das arquiteturas e dos modos de enterrar; a manipulação e circulação dos ossos humanos entre os diferentes lugares ocupados pelas comunidades; a prática de ritos de comensalidade e de oferendas cárneas sugeridas pelos restos de fauna encontrados associados

a enterramentos primários.

Neste percurso, deparámo-nos com algumas dificuldades, nomeadamente no que toca ao tratamento dos materiais. Inicialmente, estipulámos a análise da componente material dos contextos funerários dos três sítios arqueológicos que serviram de base a este trabalho, porém, não nos foi possível estudar os materiais de Porto Torrão por uma questão de tempo e de meios.

No estudo destas materialidades as dimensões e características dos fragmentos dificultaram a classificação e a atribuição das formas de grande parte do conjunto. Do mesmo modo, foi difícil e para alguns casos impossível, encontrar paralelos.

No início deste trabalho tínhamos a pretensão de analisar as características da fauna mamalógica e malacológica encontrada. Contudo, alguns destes materiais estão ainda em fase de estudo por parte de outros investigadores, motivo pelo qual não conseguimos responder a alguns dos aspetos aos quais nos propusemos inicialmente.

Atendendo aos dados com que nos foi possível trabalhar, colocámos várias hipóteses, algumas delas de trabalho e muitas perguntas sem resposta que aqui deixamos em aberto para que se abracem em futuros projetos.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia geral

- ARAÚJO, M.A. (1995). Relatório e Programa de Geografia Física de Portugal. Porto, FLUP. (entregue aquando do concurso para Prof. Associado).
- BAPTISTA, L., GOMES, S., COSTA, C. (no prelo) As dinâmicas de deposição e construção no sítio pré-histórico de Horta de Jacinto (Beringel, Beja), *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular, Almodôvar, 2010*.
- BINFORD, L.R. (1971). Mortuary Practices: their study and their potential. *Approaches to the social dimensions of mortuary practices*. Memoirs of the Society for American Archaeology 25. Washington DC, p. 6-29.
- BLASCO, F. & ORTIZ, M. (1992). Trabajos arqueológicos en Huerta Montero, Almendralejo (Badajoz), *Actas de las I Jornadas de Prehistoria y Arqueología en Extremadura (1986-1990)*. *Extremadura Arqueológica II*, Mérida, Junta de Extremadura, p. 129-138.
- BRÜCK, J. (2006). Death, Exchange and Reproduction in the British Bronze Age. *European Journal of Archaeology* 9, p. 73-101.
- BRUDENELL, M. & COOPER, A. (2008). Post-middenism: depositional histories on Later Bronze Age settlements at broom, Bedfordshire. *Oxford Journal of Archaeology* 27 (1), p. 15-36.
- BUDJA M. (2010). The archaeology of death: from 'social personae' to 'relational personhood'. *Documenta Praehistorica* 37, p. 43-54.
- CALADO, M. (2006). *Alentejo - Territórios da Pré-História em Portugal*, Vol. 8. Tomar, ARKEOS.
- CARDOSO, J. L. (2002). *Pré-História de Portugal*. Lisboa, Verbo.
- CHAPMAN J. (2000). *Fragmentation in Archeology, People, places and broken objects in the prehistory of southeastern Europe*. London & New York, Routledge.
- COSTEIRA, C. (no prelo). Os componentes de tear do sítio arqueológico Alto de Brinches 3, Serpa (Baixo Alentejo, Portugal), *Actas do VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular. Villafranca de los Barros (Badajoz), Octubre de 2012*.
- FERREIRA, A. (2000). *Caracterização de Portugal Continental, Dados Geoquímicos de Base de Sedimentos Fluviais de Amostragem de Baixa Densidade de Portugal Continental: Estudo de Factores de Variação Regional*.
- FERREIRA, N. A. (2005). *Paleobiologia de grupos populacionais do Neolítico Final/Calcolítico do Poço Velho (Cascais)*. Trabalhos de Arqueologia 40. Lisboa, Instituto Português de Arqueologia.
- GALLARDO, A. P. & CUENCA, E.C. (2004). Hallazgo de un enterramiento en fosa de la transición Calcolítico-Edad de Bronce en Valencia del Ventoso (Badajoz). *Revista de Estudios Extremeños* 60 (2), p. 451-474.
- GARCÍA, J.F.F. (1995). *El aspecto funerario durante el calcolítico y los inicios de la edad del bronce en la Meseta Norte fosa de El Tomillar (Bercial de Zapardiel, Ávila)*. Universidad de Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca.

- GARCÍA, J.F.F. (2005). *Hace 4.600 Años, en El Tomillar (Bercial de Zapardiel, Ávila)*. Ávila, Institución "Gran Duque de Alba".
- GARROW, D.; BEADSMOORE, E. & KNIGHT, M. (2005). Pit Clusters and the Temporality of Occupation: an Earlier Neolithic Site at Kilverstone. Thetford, Norfolk. *Proceedings of the Prehistoric Society* 71, p. 139-157.
- GONÇALVES, V.S. (2003). *Sítios, «Horizontes» e Artefactos. Leituras Críticas de realidades perdidas. Estudos sobre o 3º milénio no Centro e Sul de Portugal*. 2ª Edição, Câmara Municipal de Cascais.
- HENRIQUES, F.J.R.; SOARES A.M.M.; ANTÓNIO, T.F.A.; CURATE, F.; VALÉRIO, P. & ROSA, S.P. (no prelo). O Tholos Centirã 2 (Brinches, Serpa) – construtores e utilizadores; práticas funerárias e cronologias, *Actas do VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular. Villafranca de los Barros (Badajoz), Octubre de 2012*.
- HERTZ R. (1960). *Death and The Right Hand*. Cohen and West, London.
- HERTZ, R. (2004). A contribution to the study of the collective representation of death. In A. Robben (ed.) *Death, Mourning and Burial. A Cross-Cultural Reader*. Blackwell, Oxford, p. 213-223.
- HODDER, I. (1982). *The Present Past: an introduction to Anthropology for Archaeologists*. Batsford, London.
- HODDER, I. (1984). "Burial, houses, women na man in the European Neolithic." In D. Miller & C. Tilley (eds.), *Ideology, poower and prehistory*. Cambridge, Cambridge University Press, p. 51-68.
- INOCÊNCIO, J.R. & BETTENCOURT, A.M.S. (no prelo). Contextos e Práticas Funerárias Calcolíticas do Baixo Alentejo Interior (Portugal), *Actas do VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular. Villafranca de los Barros (Badajoz), Octubre de 2012*.
- LAGO, M.; DUARTE, C.; VALERA, A.C.; ALBERGARIA, J.; ALMEIDA, F. & CARVALHO, A.F. (1998). Povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 1, p. 45-149.
- ODRIOZOLA, C. P., HURTADO, V., DIAS, M.I., PRUDÊNCIO, M. I. (2008). Datación por técnicas luminiscentes de la tumba 3 y el conjunto campaniforme de La Pijotilla (Badajoz, España), In Rovira S, S.; García-Heras, M Gener, M. e Montero, I. (eds.), *Actas del VII Congreso Ibérico de Arqueometría*, Madrid, p. 211-225.
- OLIVEIRA, J.T. (Coord.), ANDRADE, A.S., ANTUNES, M.T., ARAÚJO, A., CASTRO, P., CARVALHO, D., CARVALHOSA, A., DIAS, R., FEIO, M., FONSECA, O., MARTINS, L.T., MANUPPELLA, G., MARQUES, B., MUNHÁ, J., OLIVEIRA, V., PAIS, J., PIÇARRA, J.M., RAMALHO, M., ROCHA, R., SANTOS, J.F., SILVA, J.B., SILVEIRA, A.B., ZBYSZEWSKI, G. (1992). *Carta Geológica de Portugal – escala 1:200 000, Notícia explicativa da folha 8*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- PEARSON, M.P. (1982). Mortuary practices, society and ideology: An etnoarchaeological study. In Ian Hodder (ed.), *Symbolic and structural archaeology*, Cambridge, Cambridge Uniiversity Press, p. 99-114.
- PEARSON, M.P. (1999). *The Archaeology of Death and Burial*. Gloucestershire. Sutton Publishing Ltd.

- PORFÍRIO, E. & SERRA, M. (2010). Rituais Funerários e Comensalidade no Bronze do Sudoeste da Península Ibérica: novos dados a partir de uma intervenção arqueológica no sítio da Torre Velha 3 (Serpa). *Estudos do Quaternário* 6, p. 49-66.
- REBELO, F. & CUNHA, L. (1992). O relevo de Portugal. *Enciclopédia Temática Portugal Moderno – Geografia*, Lisboa, POMO – Edições Portugal Moderno, Lda, p. 13-28.
- ROCHA, M., REBELO, P., SANTOS, R., NETO, N. (2011). Contextos e objetos simbólico - religiosos do Porto Torrão: os ídolos e as placas de xisto, *Actas das IV Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica*, Promontoria Monográfica 16, Faro, Universidade do Algarve, p. 399-406.
- RODRIGUES, A. & MARTINS, A. (2005). O povoado neo-calcolítico de Casa Branca 7 (Serpa): Resultados preliminares, *Actas del III Congreso del Neolítico en la Península Ibérica*, Santander, 5 a 8 de Outubro de 2003, eds.: Pablo Árias Cabal, Roberto Ontanón Peredo e Cristina Garcia-Moncó Pineiro, Monografías del Instituto Internacional de Investigaciones Prehistóricas de Cantábrica, 1, Santander, pp. 957-964.
- RODRIGUEZ, Z., ESTRELA, S., ALVES, C., PORFÍRIO, E. & SERRA, M. (2012). Os contextos funerários do sítio de Alto de Brinches 3 (Serpa): dados antropológicos preliminares. *V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular, Almodôvar*, Câmara Municipal de Almodôvar, p. 73-83.
- SILVA, C.T. & SOARES, J. (2006). *Setúbal e Alentejo Litoral* - Territórios da Pré-História em Portugal Vol.7, Tomar, ARKEOS.
- SILVA, C.T. e SOARES, J. (1976/1977). Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve, *Setúbal Arqueológica* 2-3, p. 179-272.
- SOARES, A.M. (1994). O Bronze do Sudoeste na margem esquerda do Guadiana. As necrópoles do concelho de Serpa, *Actas das V Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Vol. 2, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, p.179-197.
- TEIXEIRA, C. (1981). *Geologia de Portugal. Vol. I – Precâmbrico, Paleozóico*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- THOMAS, J. (2002). Archaeology's humanism and the materiality of the body." In Y. Hamilakis, M. Pluciennik & S. Tarlow (eds.) *Thinking Through the Body. Archaeologies of corporeality*. New York, Kluwer Academic/Plenum Publishers, p. 29-45.
- TOMÉ, T., SILVA, A. & VALERA, A.C. (no prelo). Práticas funerárias na Pré-História Recente do Baixo Alentejo – Dados preliminares de um conjunto de inumações na região de Brinches, Serpa, *Actas do VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular, Villafranca de los Barros (Badajoz), Octubre de 2012*.
- VALERA, A.C., (2008). Mapeando o cosmos. Uma abordagem cognitiva aos recintos da Pré-História Recente, *Era-Arqueologia* 8, p.112-127.
- VALERA, A.C. (2010). Gestão da Morte no 3º milénio AC no Porto Torrão (Ferreira Do Alentejo): um primeiro contributo para a sua espacialidade, *Apointamentos de Arqueologia e Património* 5, p. 57-62.
- VALERA, A.C. (2012a). Ditches, Pits And Hypogea: New Data And New Problems In South Portugal Late Neolithic And Chalcolithic Practice, In Juan F. Gibaja, António F. Carvalho & Philippe Chambon (eds.) *Funerary Practices in the Iberian Peninsula from the Mesolithic to the Chalcolithic*, Oxford, Archaeopress, p. 103-112.

- VALERA, A.C. (2012b). Mind the Gap: Neolithic and Chalcolithic Enclosures of South Portugal, *In* Alex Gibson (ed.) *Enclosing the Neolithic Recent studies in Britain and Europe*, Oxford, Archaeopress, p. 165-183.
- VALERA, A.C. & FILIPE, I. (2004). O povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): novos dados e novas problemáticas no contexto da Calcolitização do Sudoeste peninsular. *Era-Arqueologia* 6, p. 28 – 61.
- VALERA, A.C. & GODINHO, R. (2009). A gestão da morte nos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): novos dados, novos problemas, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 17, 371-387.
- VALERA, A.C. & FILIPE, V. (2010). Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa): nota preliminar sobre um espaço funerário e de socialização do Neolítico Final à Idade do Bronze, *Apontamentos de Arqueologia e Património* 5, p.49-56.
- VALERA, A.C. & REBUGE, J. (2011). O Campaniforme no Alentejo: contextos e circulação. Um breve balanço, *Arqueologia do Norte Alentejano. Comunicações das 3.^{as} Jornadas*, Lisboa, Edições Colibri/ C. M. Fronteira, p. 111-121.
- VALERA, A.C. e SILVA, A.M. (2011). Datações de radiocarbono para os Perdigões (1): contextos com restos humanos nos Sectores I e Q, *Apontamentos de Arqueologia e Património* 7, p.7-14.
- VALERA, A.C. & FILIPE, V. (2012). A Necrópole de Hipogeus do Neolítico Final do Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa), *Apontamentos de Arqueologia e Património* 8, p. 29-41
- VALERA, A.C., SOARES, A.M., COELHO, M.D. (2008). Primeiras datas de radiocarbono para a necrópole de hipogeus da Sobreira de Cima (Vidigueira, Beja). *Apontamentos de Arqueologia e Património* 2, p. 27-30.
- VALERA, A.C., NUNES, T. e COSTA, C. (2010). Enterramentos de canídeos no Neolítico: a fossa 5 de Corça 1 (Brinches, Serpa), *Apontamentos de Arqueologia e Património* 5, p. 7-17.
- VALERA, A.C., SANTOS, H., FIGUEIREDO, M. & GRANJA, R. (no prelo a). Contextos funerários na periferia do Porto Torrão: Cardim 6 e Carrascal 2, *Actas do 4º Colóquio Arqueológico de Alqueva, Beja, 2010*.
- VALERA, A.C., GODINHO, R., CALVO, E., MORO BERRAQUERO, J., FILIPE, V. & SANTOS, H. (no prelo b), Um mundo em negativo: fossos, fossas e hipogeus entre o Neolítico Final e a Idade do Bronze na margem esquerda do Guadiana (Brinches, Serpa), *Actas do 4º Colóquio Arqueológico de Alqueva, Beja, 2010*.
- VAN GENNEP, A. (1960). *The Rites of Passage*. London, Routledge & Kegan Paul.
- VIANA, A. (1959). Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*, 16, p. 14.
- VIANA, A., ANDRADE, R.F., ZBYSZEWSKI, G., SERRALHEIRO, A.S.C & FERREIRA, O.V. (1959). “Contribuição para o conhecimento da arqueologia megalítica do Baixo Alentejo”. *Actas e Memórias do 1º Congresso Nacional de Arqueologia, Lisboa, 1958*, Vol. 1. Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1, p. 197-213.
- WHITLEY, J. (2002). Too many ancestors. *Antiquity* 76, p. 119-126.

Relatórios de escavação

ALVES, C; COSTEIRA, C; PORFÍRIO, E; SERRA, M. & ESTRELA, S. (2009). *Torre Velha 3. Relatório Final (2ª Fase). Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da Construção da Barragem da Laje (Serpa)*. Coimbra, Palimpsesto.

ALVES, C; PORFÍRIO, E; SERRA, M; ESTRELA, S. (2010). *Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da Construção do Reservatório de Serpa Norte (Serpa) – Alto de Brinches 3 – Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos*. Coimbra, Palimpsesto.

FERREIRA, M.T. (2009). *Torre Velha 3 (Barragem da Laje, Serpa). Relatório dos trabalhos de Antropologia biológica desenvolvidos no âmbito da minimização de impactes no sítio da Torre Velha 3*. Coimbra, Palimpsesto

GRANJA, R. A. (2009). *Relatório Antropológico da intervenção no Povoado de Porto Torrão, Ferreira do Alentejo*. Lisboa, Neoépica.

GRANJA, R. A. (2011). *Relatório Antropológico da intervenção no Povoado de Porto Torrão, 2ª Fase, Ferreira do Alentejo*. Lisboa, Neoépica.

REBELO, P., SANTOS, R. & NETO, N. (2009). *Relatório Final da intervenção arqueológica no Povoado de Porto Torrão, Ferreira do Alentejo*. Lisboa, Neoépica.

REBUGE, J; SÁ, A.P; CHENEY, A. & ABRANCHES, P. B. (2010). *Intervenção arqueológica em Porto Torrão (Sector 3 – Oeste). Relatório Final*. Seixezelo, Archeo'Estudos, Investigação Arqueológica, Lda.

RODRIGUES, Z. (2010). *Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da Construção do Reservatório de Serpa Norte (Serpa) – Alto de Brinches 3 – Relatório Final dos Trabalhos Antropológicos*. Coimbra, Palimpsesto.

SANTOS, R., REBELO, P. e NETO, N. (2011). *Relatório Final da 2ª Fase de Intervenção arqueológica em Porto Torrão*. Lisboa, Neoépica.

UMBELINO, C. & AMORIM, A. (2010). *Intervenção arqueológica em Porto Torrão (Sector 3 – Oeste). Relatório Antropológico*. Seixezelo, Archeo'Estudos, Investigação Arqueológica Lda.

Cartografia

CARTA MILITAR DE PORTUGAL, Folha 509, Instituto Cartográfico do Exército, escala 1:25 000, Lisboa.

CARTA MILITAR DE PORTUGAL, Folha 522, Instituto Cartográfico do Exército, escala 1:25 000, Lisboa

CARTA MILITAR DE PORTUGAL, Folha 523, Instituto Cartográfico do Exército, escala 1:25 000, Lisboa

CARTA MILITAR DE PORTUGAL, Folha 532, Instituto Cartográfico do Exército, escala 1:25 000, Lisboa.

CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL, Folha 8, Direcção Geral de Geologia e Minas – Serviços Geológicos de Portugal, escala 1:200 000, Lisboa.

Webgrafia

- <http://www.dryas.pt/Styx/Noticias/carrascal.html> [consultado a 13 de Julho de 2013].
- <http://styx.pt/intervencao/horta-do-joao-da-moura-1/> [consultado a 13 de Julho de 2013].
- http://egeo.ineti.pt/edicoes_online/teses/antonio_ferreira/volume1/cap2.pdf [consultado a 17 de Junho de 2013].

ANEXOS

ANEXO I. Inventário de contextos funerários

Neste ponto procurámos sistematizar, de uma forma breve e sem intenções de exaustividade, a informação relativa a contextos funerários encontrados em sítios arqueológicos do Alentejo, Algarve, Meseta Norte e Estremadura Espanhola. Correspondem a alguns casos de estudo que utilizámos no nosso trabalho, com o objetivo de proceder a comparações que nos permitissem, para além de um melhor conhecimento dos contextos e das práticas funerárias calcolíticas, fazer algumas interpretações.

O inventário, realizado a partir de fichas de leitura, foi dividido por critérios. No ponto 1 encontra-se a identificação do sítio, com o nome, a cronologia, o concelho e a freguesia; no ponto 2, procurámos destacar aspetos do contexto físico onde se insere o sítio; no ponto 3, fizemos uma breve descrição das intervenções assim como o âmbito em que decorreram e procedemos à descrição das características arqueológicas do sítio, com destaque para os contextos funerários encontrados; o ponto 4 diz respeito ao depositário do espólio e, por último, o ponto 5 refere a bibliografia e webgrafia consultada.

Para alguns sítios, não nos foi possível preencher todos os pontos.

Necrópole de hipogeus do Monte do Carrascal 2

1. Neolítico Final até ao Calcolítico Pleno.

Ferreira do Alentejo, Ferreira do Alentejo

2. O sítio do Monte do Carrascal 2 implanta-se numa zona de suave declive, próximo da Ribeira do Vale do Ouro (Valera *et al.*, no prelo a).

Geologicamente, esta área caracteriza-se por caliços, com presença de substrato argiloso em algumas zonas (*idem*).

3. As estruturas do Monte do Carrascal 2 foram identificadas durante os trabalhos de acompanhamento arqueológico da abertura da conduta de rega C3 de Ferreira do Alentejo. Foi posto a descoberto um conjunto diversificado de estruturas, nomeadamente, “*um complexo de hipogeus, uma vala, um possível corredor de estrutura funerária, uma fossa/câmara revestida de ossadas humanas*” e ainda cerca de 20 estruturas negativas do tipo fossa (Valera *et al.*, no prelo a).

A entrada para o hipogeu 1 era feita através de um fosso/átrio. Arquitetonicamente, o monumento era composto por uma câmara circular subterrânea na qual se realizaram um conjunto de deposições sucessivas (Valera *et al.*, no prelo a) distinguindo-se seis momentos de utilização. A grande quantidade de enterramentos realizados acabaram por inviabilizar o acesso ao monumento, tendo sido realizada uma abertura por cima (*idem*). Esta nova abertura permitiu a continuação da sua utilização funerária.

Para além dos restos ósseos humanos, ao longo da escavação foi também registado o aparecimento de restos de fauna, representada por ossos longos e curtos. Os restos ósseos correspondiam a deposições primárias e secundárias, na forma de ossos soltos, com grande representatividade dos crânios e de algumas deposições em conexão anatómica (*idem*).

Segundo informação consultada online, terão sido exumados 71 indivíduos estando representados sub-adultos e adultos dos dois géneros

Quanto à componente artefactual, foram encontrados materiais líticos, cerâmicas manuais, cerâmica campaniforme, materiais metálicos, fauna malacológica (búzios e conchas), também apareceram objetos em osso e elementos em calcário.

A intervenção no hipogeu 2 permitiu concluir a existência de três momentos de utilização tendo sido identificados ossos soltos, sem conexão anatômica e a deposição de 42 indivíduos em conexão. O monumento parece ter sofrido vários momentos de remodelação do espaço.

Junto à estrutura de condenação da entrada de cada um dos monumentos, foi depositado um búzio (Valera *et al.*, no prelo a).

4. Câmara Municipal de Ferreira do Alentejo

5. Valera, 2010); Valera *et al.*, no prelo a.

- <http://www.dryas.pt/Styx/Noticias/carrascal.html> (consultado a 13 de Julho de 2013)

Tholos do Monte do Cardim 6

1. Calcolítico

Ferreira do Alentejo, Ferreira do Alentejo

2. –

3. O sítio do Monte Cardim 6 foi intervencionado pela ERA Arqueologia S.A. no âmbito das obras de implementação da rede de rega de Alqueva, em Ferreira do Alentejo. Durante a intervenção foi descoberto um monumento do tipo *tholos*, de câmara circular “com diâmetro médio de 3.80 m” (Valera *et al.*, no prelo a: 4), com corredor sub-rectangular e átrio. Na extremidade Oeste do átrio apareceu “um semicírculo com cerca de 7 m de diâmetro” e “no seu limite Sul surgem três nichos e vestígios de esteios, associados a pelo menos duas fossas com material osteológico” (Valera *et al.*, no prelo a: 5).

Na câmara foram identificados “alguns depósitos remexidos, com presença ocasional de restos osteológicos, muito fragmentados e em “cutelo”, artefactos votivos inteiros e fragmentados” (Valera *et al.*, no prelo a: 6). Foi registada a associação de restos de fauna, nomeadamente uma deposição primária de um ovicaprimo juvenil, a restos osteológicos humanos (Valera *et al.*, no prelo a).

O conjunto de elementos ósseos recuperados permitiu estimar um “NMI de 9 indivíduos” (Valera *et al.*, no prelo a:6), apenas um enterramento estava em conexão anatômica e correspondia a uma criança, as restantes deposições estavam representadas maioritariamente por calotes cranianas e por ossos longos (Valera *et al.*, no prelo a). A análise de género e idade permitiu perceber a existência de adultos e sub-adultos, assumindo os indivíduos do género feminino uma maior representatividade, ainda que pouco significativa (*idem*).

A componente artefactual recuperada era extensa, estando presentes objetos líticos; cerâmicos, incluindo a cerâmica campaniforme nos três grupos estilísticos; um peso/cossoiro em cerâmica e um punção metálico (*idem*).

4. Câmara Municipal de Ferreira do Alentejo.

5. Valera, 2010; Valera *et al.*, no prelo a.

Tholoi 1 e 2 da Horta do João da Moura

1. Calcolítico Pleno

Ferreira do Alentejo, Ferreira do Alentejo

2. O sítio da Horta do João da Moura 1 localiza-se nas proximidades dos limites propostos para Porto Torrão, implantando-se numa área perto da Ribeira de Vale do Ouro.

3. Foi intervencionado no âmbito da obra de implantação do Bloco de Rega de Ferreira, Figueirinha e Valbom.

Durante a intervenção foram detetados dois monumentos do tipo *tholoi* e algumas estruturas negativas. Arquitetonicamente, as câmaras destes monumentos encontravam-se parcialmente escavadas no substrato e as suas paredes eram compostas por fiadas de alvenaria de xisto. A câmara do *Tholos* 1 apresentava planta circular com cerca de 4 m de diâmetro e corredor curto. A utilização funerária do monumento estava representada por ossos humanos deslocados e por alguns conjuntos de ossos em conexão (Valera, 2010). Em associação aos restos ósseos humanos apareceram materiais arqueológicos fragmentados.

O *Tholos* 2 diferenciava-se um pouco do primeiro tanto ao nível da sua arquitetura como no que à sua utilização funerária diz respeito. Para além da sua câmara circular, que media cerca de 2 m de diâmetro, este monumento também possuía um corredor e átrio. Do seu interior foram exumados mais de duas dezenas de indivíduos e recuperaram-se materiais arqueológicos cerâmicos e líticos que apareciam, nalguns casos, associados aos esqueletos (Valera, 2010).

Uma das estruturas apresentava um enterramento humano no topo, correspondendo a um indivíduo adulto, do sexo feminino, depositado em decúbito dorsal. Esta mulher possuía um feto com cerca de 9 meses de gestação. Para este último enterramento não se conhece uma cronologia absoluta sabendo-se apenas que se enquadra na Pré-história (Valera, 2010).

4. Câmara Municipal de Ferreira do Alentejo e NEOÉPICA – Arqueologia e Património.

5. Valera, 2010.

- <http://styx.pt/intervencao/horta-do-joao-da-moura-1/> (consultado a 13 de Julho de 2013).

Tholos do Monte do Pombal 1

1. Calcolítico

Ferreira do Alentejo, Ferreira do Alentejo

2. O sítio do Monte do Pombal 1 situa-se a cerca de 1900 m a Este dos limites aproximados do Porto Torrão, junto à Ribeira de Vale do Ouro (Valera, 2010).

3. Durante a intervenção foi detetada uma estrutura funerária, aparentemente do tipo *tholos*, do qual se preservou apenas parte da câmara de planta circular. A base, um pouco escavada na rocha base, era forrada com xisto e as paredes com blocos de pedra que se sobrepunham em fiadas. Da sua câmara foram recuperados fragmentados de recipientes cerâmicos assim como restos ósseos humanos (Valera, 2010).

4. Câmara Municipal de Ferreira do Alentejo.

5. Valera, 2010.

Hipogeu do Monte de Cortes 2

1. 3º milénio AC (4050±30 – 2830-2490 cal BC a 2σ) (Tomé *et al.* no prelo).

Serpa, Brinches

2. O Monte de Cortes, dividido em dois núcleos (Cortes 1 e Cortes 2) ocupa duas colinas aplanadas, com boas condições de visibilidade sobre a envolvente, cuja altitude ultrapassa os 140 metros (Valera e Filipe, 2012). Integra, portanto, a paisagem típica da região, onde os relevos são, genericamente, suaves. Para além da proximidade com linhas de água, nomeadamente a Sul, a Norte e a Oeste onde se encontra com a margem direita do rio Guadiana, do sítio são visíveis também alguns relevos importantes da região, como a Serra do Portel a Norte e a Serra de Ficalho a Este (Calvo *et al.*, 2010; Valera e Filipe, 2012).

Ao nível litológico, as elevações onde se implantam estes sítios são caracterizadas por margas calcárias do Mioceno. Nesta zona afloram os “*substratos paleogénicos, granito e conglomerados*” (Calvo *et al.*, 2010:86).

3. A intervenção decorreu no âmbito da minimização de impactos sobre o património cultural resultantes da construção do Bloco de Rega de Brinches (Calvo *et al.*, 2010).

O Monte de Cortes 2 situa-se próximo ao pequeno recinto de Monte de Cortes 1. Os trabalhos efetuados permitiram a identificação de um conjunto de estruturas negativas, fossas e um hipogeu, que ocupam essencialmente a vertente Este (Calvo *et al.*, 2010; Valera e Filipe, 2012).

O hipogeu fazia parte de um “*possível conjunto de quatro estruturas*” (Calvo *et al.*, 2010:92), composto pelo hipogeu, por 3 fossas e por 1 fragmento de menir. O hipogeu possuía uma planta circular, paredes ligeiramente convergentes na zona superior e retas na inferior. Quanto às dimensões media cerca de 4 metros de diâmetro e 1,40 metros de profundidade (*idem*).

Nesta estrutura foram identificadas duas fases de enterramento, uma referente a um momento do Neolítico Final e outra já de um momento Calcolítico, que correspondiam a um indivíduo que se encontrava depositado em posição fetal, sobre o lado esquerdo do corpo, possivelmente um adulto do género feminino; um crânio de sub-adulto e um conjunto de ossos que poderão corresponder a um único indivíduo (*idem*).

A análise da componente artefactual permitiu aferir para este sítio uma ocupação do Neolítico Final e do Calcolítico.

4. –

5. Calvo *et al.*, 2010; Valera *et al.* no prelo b; Valera e Filipe, 2012.

Tholos de Centirã 2

1. Construído nos finais do IV Milénio inícios do III Milénio a.C. vai ter uma forte utilização funerária no terceiro quartel do III Milénio a.C.

Serpa, Brinches

2.-

3. Identificado em 2006, durante o acompanhamento arqueológico da obra de construção do Parque Fotovoltaico HERCULES, em Brinches (Serpa), o *Tholos* Centirã 2 foi intervencionado em duas campanhas de trabalho que tiveram lugar em 2007 e 2011.

O *Tholos* Centirã 2 é um monumento de falsa cúpula, construído em xisto, constituído por câmara, corredor curto e átrio. A câmara estava parcialmente escavada na rocha base, estando revestida por lajes de xisto.

No seu interior registaram-se quatro enterramentos primários, ossários e ossos soltos, estes últimos dispersos pelos enchimentos. Os enterramentos estavam no chão da câmara e os ossários dividiam-se pela câmara e pelo corredor. O total de elementos ósseos recuperados permitiu identificar um NMI de 12 indivíduos, onze adultos e um não-adulto.

As datas de radiocarbono permitiram obter a cronologia para dois dos enterramentos primários e três dos ossários da câmara, datando-os do terceiro quartel do III Milénio a.C.

Os vasos campaniformes lisos, um deles associado ao ossário depositado no chão da câmara, os braçais de arqueiro, um botão em osso com perfuração em V e uma ponta tipo Palmela apontavam para uma utilização do monumento por gentes do designado Horizonte de Ferradeira, que as datações pelo radiocarbono vieram confirma.

O corredor deverá ter tido também uma utilização funerária mais tardia, no último quartel do II Milénio a.C., tendo-se recuperado desta zona uma “*ponta de seta de liga de cobre, com aletas desenvolvidas, e uma pequena taça carenada*” (Henriques *et al.*, no prelo:31).

4. EMERITA – Empresa Portuguesa de Arqueologia, Uni. Lda

5. Henriques *et al.*, 2012.

Necrópole de Hipogeus da Sobreira de Cima

1. IV Milénio, reutilizado no III Milénio
Vidigueira, Pedrógão

2. Localizada na margem direita do rio Guadiana, implanta-se no topo de uma elevação, a partir da qual se tem uma ampla visibilidade da envolvente. Geologicamente, situa-se numa “*zona de contacto entre os micaxistos e as rochas verdes*” (Valera *et al.*, 2008:27).

3. Foi identificada pela empresa ERA Arqueologia S.A., no âmbito do processo de minimização de impactes decorrentes da construção da Subestação de Alqueva da REN, tendo sido parcialmente escavada pela mesma empresa.

É composta por, pelo menos, 5 hipogeus mas ,possivelmente, serão 7 de acordo com as prospeções geofísicas (Valera *et al.* 2008). Os monumentos funerários foram construídos através da sua escavação artificial no substrato rochoso. Os enterramentos encontrados correspondiam a deposições coletivas.

O espólio recolhido era composto por objetos líticos e artefactos em osso estando ausentes as cerâmicas. Misturados com ossos humanos foram detetados ossos de fauna, nomeadamente, várias de dezenas de falanges de ovicaprino (Valera, 2012a).

4. –

5. Valera *et al.* 2008; Valera 2012a.

Fossa da Ribeira de S. Domingos 1

1. Final do IV milénio/III milénio
Serpa, Brinches

2. –

3. Fossa com utilização funerária na qual foi identificada a deposição de 6 indivíduos, 3 completos e 3 apenas representados por partes em conexão anatómica.

O espólio recolhido correspondia a objetos líticos e cerâmicas. Foram ainda recuperados ossos de fauna (Valera, 2012a).

4. –

5. Valera, 2012a.

Fossa e hipogeu do Monte de Covas 3

1. Pré-História

Beja, S. Matias

2. Localiza-se na margem direita da Ribeira de Barreiros, no topo de uma suave elevação sem grande destaque na paisagem mas com boa visibilidade sobre a área circundante (Miguel e Godinho, 2009).

3. A intervenção, levada a cabo pela empresa ERA - Arqueologia S.A., foi realizada no âmbito da minimização de impactes decorrentes da obra da rede viária e rede de drenagem do Aproveitamento Hidroagrícola de Alvito-Pisão (Miguel e Godinho, 2009)

Foram escavados um hipogeu e uma fossa com utilização funerária. O primeiro tinha, na câmara restos ósseos sem conexão anatómica, de um NMI de 2 indivíduos, correspondendo a 1 adulto e a 1 não adulto.

Na fossa foram encontrados um NMI de 16 indivíduos, entre não adultos e adultos. Apenas um estava intacto. Os outros estavam representados apenas por partes, algumas em conexão.

Foi encontrada a deposição de parte de um animal, possivelmente um canídeo, e de restos de fauna de animais de pequeno porte.

4. -

5. Miguel e Godinho, 2009.

Recinto do Outeiro Alto 2

1. Neolítico Final/Calcolítico/Idade do Bronze

Serpa, Brinches

2. -

3. A intervenção, realizada pela empresa Era Arqueologia. S.A., decorreu no âmbito da minimização de impactes sobre o património decorrentes da construção do Bloco de Rega de Brinches (Valera e Filipe, 2010).

O recinto do Outeiro Alto 2, ocupa uma suave elevação, sem grande destaque em relação à envolvente mas com uma boa visibilidade da paisagem circundante. Trata-se de um *“local de origem de várias pequenas linhas de água que lhe cortam as vertentes”* (Valera e Filipe, 2010:49)

É delimitado por um fosso de planta sinuosa, cuja entrada está orientada ao Solstício de Inverno, e que está datado do Calcolítico (Valera, 2012b). Foram intervencionados vários conjuntos de fossas que se distribuíam por dentro e por fora do recinto, algumas com materiais que permitiram a sua integração no Neolítico Final e outras do Calcolítico (*idem*). Foram identificados dois núcleos de hipogeus, um deles do Neolítico Final e outro da Idade do Bronze.

O espólio recolhido correspondia a objetos líticos e cerâmicos.

4. –

5. Valera e Filipe, 2010; Valera 2012a; 2012b.

Recinto dos Perdigões

1. Calcolítico

Reguengos de Monsaraz, Reguengos de Monzaraz

2. Implanta-se numa plataforma alongada, sem grande destaque em relação à restante paisagem, numa área onde abundam os recursos hídricos subterrâneos. A sua dupla linha de fossos delimita um espaço em anfiteatro.

3. Foi identificado em 1983 por Francisco Serpa, no âmbito dos trabalhos realizados no recinto megalítico que se encontra nas proximidades (Lago *et al.* 1998).

Em 1997, decorreram trabalhos arqueológicos realizados pela empresa *Era-Arqueologia S.A.*, no âmbito do acompanhamento de “*trabalhos agrícolas, realizados numa propriedade da FINAGRA, S.A.*” (Lago *et al.* 1998:2).

Entre 1997 e 2006 foram realizadas intervenções neste recinto que permitiram a escavação integral do Sepulcro 1 e do Sepulcro 2, e foi escavado parcialmente um outro (Valera e Godinho, 2009). Nos trabalhos efetuados em 2007 e 2008 foram identificados troços de dois fossos delimitadores e 12 fossas das quais foram escavadas 11, das quais 2 tinham enterramentos primários (*idem*). Estes últimos trabalhos foram realizados no “*âmbito de projecto orientado para a identificação de contextos metalúrgicos*” (Valera e Godinho, 2009:371).

Os sepulcros, obtidos através de escavação parcial na rocha, tinham câmaras circulares, corredor e átrio, não tendo sido encontrados vestígios de cobertura. Estes monumentos parecem ter sido utilizados para deposições secundárias. Para o sepulcro 1 foi calculado, ainda que com precaução, um NMI de 99 a 101 indivíduos. As duas fossas com utilização funerária foram escavadas na rocha. Uma delas (Fossa 7) apenas tinha partes de esqueletos humanos em conexão e a Fossa 11 tinha 3 deposições humanas primárias.

No Sepulcro 1 apareceram “*recipientes cerâmicos, contas de colar, ídolos, lâminas e pontas de seta*”, “*um punhal de sílex e um conjunto de 5 recipientes de calcário*” (Valera e Godinho, 2009:374).

No Sepulcro 2 as cerâmicas eram raras, tendo sido encontrados muitos artefactos em osso polido e marfim e “*contas de colar em calço*” (*idem*).

Em ambas as fossas foram encontradas patas de suídeo, uma em cada, associadas aos restos humanos e uma concha de berbigão na Fossa 11. Para além da fauna, apareceram cerâmicas fragmentadas.

4. Torre do Esporão

5. Lago *et al.* (1998); Valera e Godinho (2009).

ALGARVE

Tholos de Alcalar 7

1. Calcolítico

Portimão, Mexilhoeira Grande

2. Localiza-se na margem direita da Ribeira de Barreiros, no topo de uma suave elevação sem grande destaque na paisagem mas com boa visibilidade sobre a área circundante (Miguel e Godinho, 2009).

3. A intervenção foi realizada, inicialmente por Estácio da Veiga no ano de 1882 e, depois, pela equipa do IPPC/IPPAR em 1987/2000.

Este *tholos* integra-se num conjunto monumental composto por povoado e necrópole, esta última constituída por vários monumentos funerários deste tipo. Era composto por um *cairn* que envolveria a construção em alvenaria de xisto e calcário. A mamoa tinha uma planta circular com um diâmetro de aproximadamente 27 metros.

Foram encontrados enterramentos primários coletivos assim como deposições secundárias na forma de ossários.

O espólio era composto por objetos cerâmicos e líticos.

4. Fortaleza de Sagres

5. Morán e Parreira, 2004.

ESTREMADURA ESPANHOLA

La Pijotilla

1. Calcolítico

Badajoz, Solana de los Barros

2. –

3. Este sítio, composto por povoado e necrópole ocupa uma área de cerca de 80 hectares. A necrópole é composta por “*tholoi semihipogeos*” (Odriozola *et al.*, 2008:213) utilizados para enterramentos coletivos, tendo sido identificados, no monumento T1, 34 indivíduos, no T2, cerca de 80 e no T3 cerca de 300.

O espólio mais rico foi encontrado no monumento T3 e era composto por vasos cerâmicos, objetos em osso, artefactos líticos, ídolos falange, figuras antropomórficas, conchas, um punhal de cobre, entre outros.

4. –

5. Odriozola *et al.* 2008.

MESETA NORTE

El Tomillar

1. Calcolítico

Ávila, Bercial de Zapardiel

2. Ocupa a parte superior de uma colina paralela ao rio Zapardiel, com uma ampla visibilidade sobre a área envolvente.

3. Trata-se de um povoado onde se identificaram duas fossas com enterramentos coletivos. As fossas foram escavadas no substrato rochoso e detinham uma planta circular. No seu interior foram encontradas deposições de vários indivíduos de ambos os géneros e de todas as idades.

Nenhum dos contextos funerários apresentava espólio.



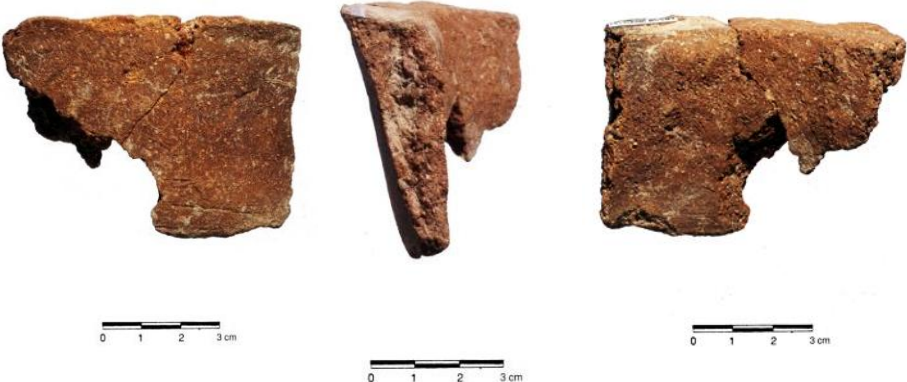
4. –




5. García 1995; 2009.

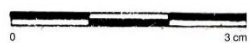
ANEXO II. Registo fotográfico de materiais cerâmicos e líticos

Este anexo é composto pelo registo fotográfico dos materiais arqueológicos, cerâmicos e líticos, que considerámos mais relevantes e exemplificativos do total da amostra analisada. Todas as fotografias são da autoria de Manuel Santos, do Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa.

Tabela 1 - Material cerâmico e lítico de Alto de Brinches 3

  	<p>a) AB3 [UE 54] Mamilo alongado Nº Inv. 557</p> <p>b) AB3 [UE 54] Movente em granito Nº Inv. 2351</p> <p>c) AB3 [UE 628] Vaso-suporte Nº Inv. 2152</p>
---	--

	<p>d) AB3 UE [628] Peso-placa Nº Inv. 2151 e 2145</p>
	<p>e) AB3 UE [638] Taça com bordo espessado e perfuração Nº Inv. 2156</p>
	<p>f) AB3 UE [690] Prato de bordo espessado Nº Inv. 2177</p>



g) AB3 UE [690]

Pote

Nº Inv. 2182



h) AB3 UE [690]

Peso-placa

Nº Inv. 2178



i) AB3 UE [690]

Peso-placa





Nº Inv. 2203



j) AB3 UE [690]

Peso-placa

Nº Inv. 2210

	<p>l) AB3 UE [690] Taça Nº Inv. 2181</p>
	<p>m) AB3 UE [690] Pote com perfuração Nº Inv. 2217</p>
	<p>n) AB3 UE [687] Pote de bordo simples Nº Inv. 2170</p>
	<p>o) AB3 UE [687] Peso-placa Nº Inv. 2171</p>



0 1 2 3 cm



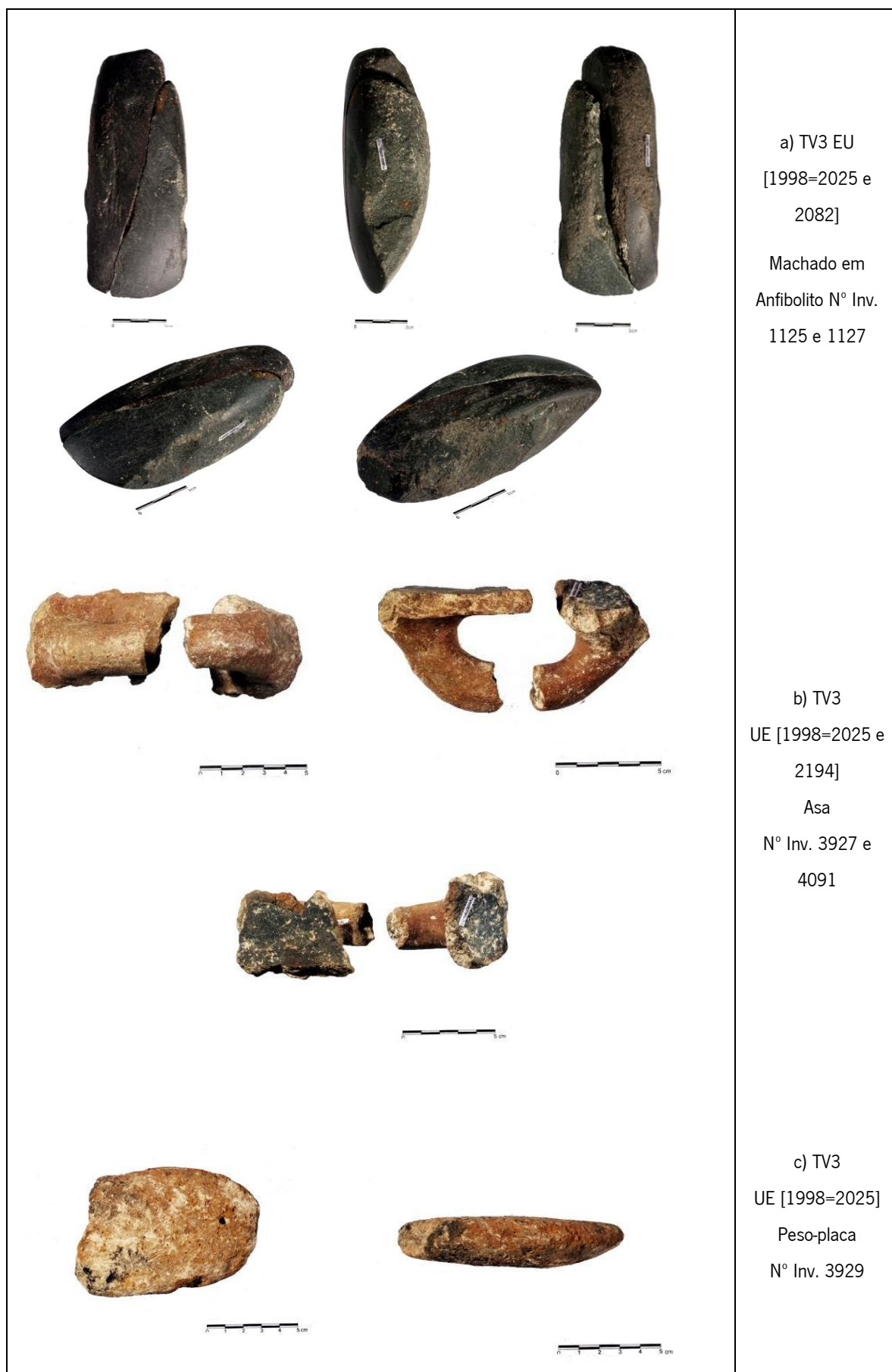
0 1 2 3 cm



0 1 2 3 cm

p) AB3 UE [690]
Ídolo-fálico em
cerâmica
Nº Inv. 2180

Tabela 2 - Material cerâmico e lítico de Torre Velha 3





d) TV3 UE [2194]
Percutor em
quartzito
Suporte: seixo
rolado
Nº Inv. 1134

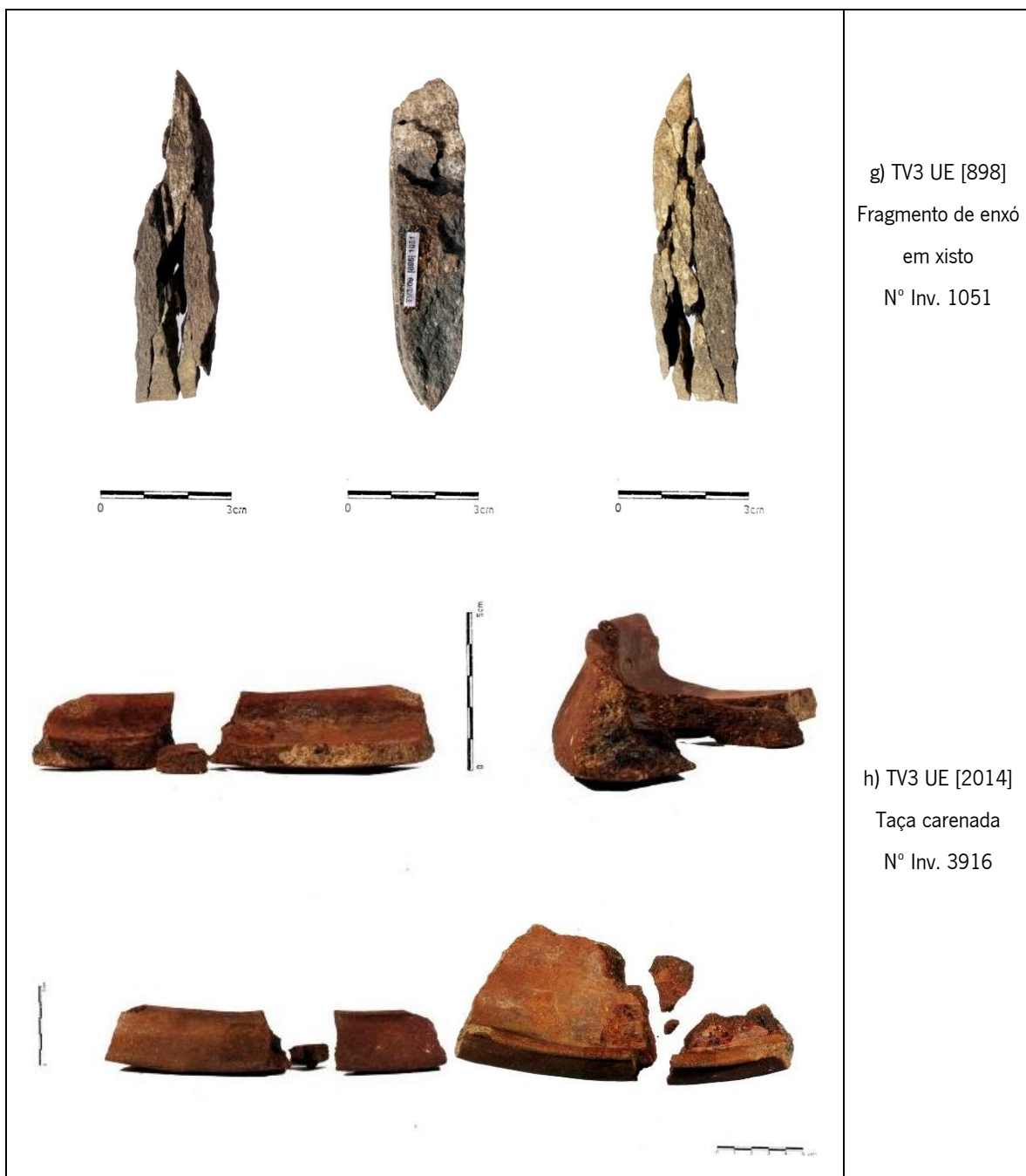


e) TV3 UE [2194]
Peso-placa com
perfurações
Nº Inv. 4095



f) TV3 UE [898]
Martelo em
anfíbrito
Nº Inv. 1050



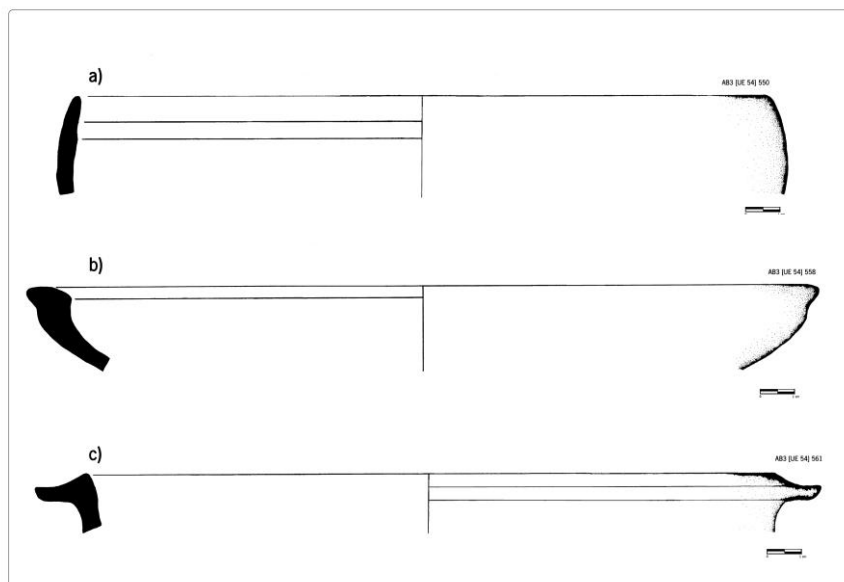


g) TV3 UE [898]
 Fragmento de enxó
 em xisto
 N° Inv. 1051

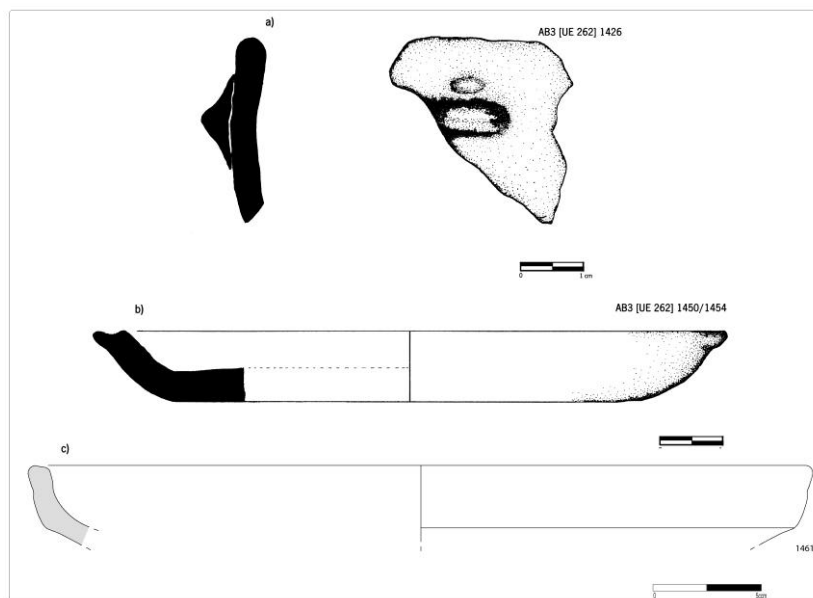
h) TV3 UE [2014]
 Taça carenada
 N° Inv. 3916

ANEXO III. Desenho arqueológico dos materiais cerâmicos

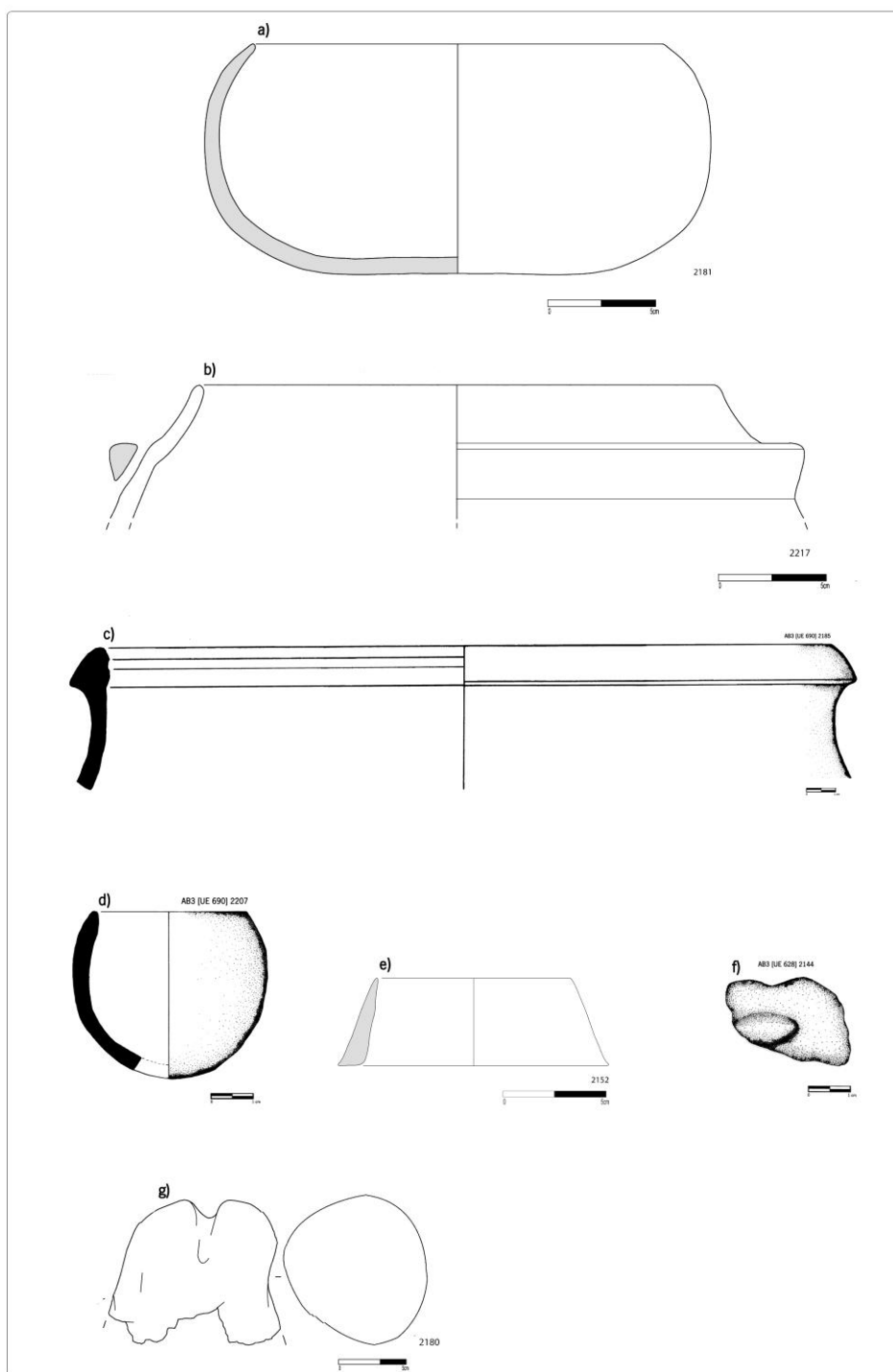
Deste anexo constam os desenhos dos materiais arqueológicos que considerámos mais relevantes e exemplificativos do total da amostra analisada. Todos os desenhos são da autoria de Carla Martins com exceção daqueles que foram fornecidos pela empresa de arqueologia *Palimpsesto* e cujos autores estão identificados na legenda.



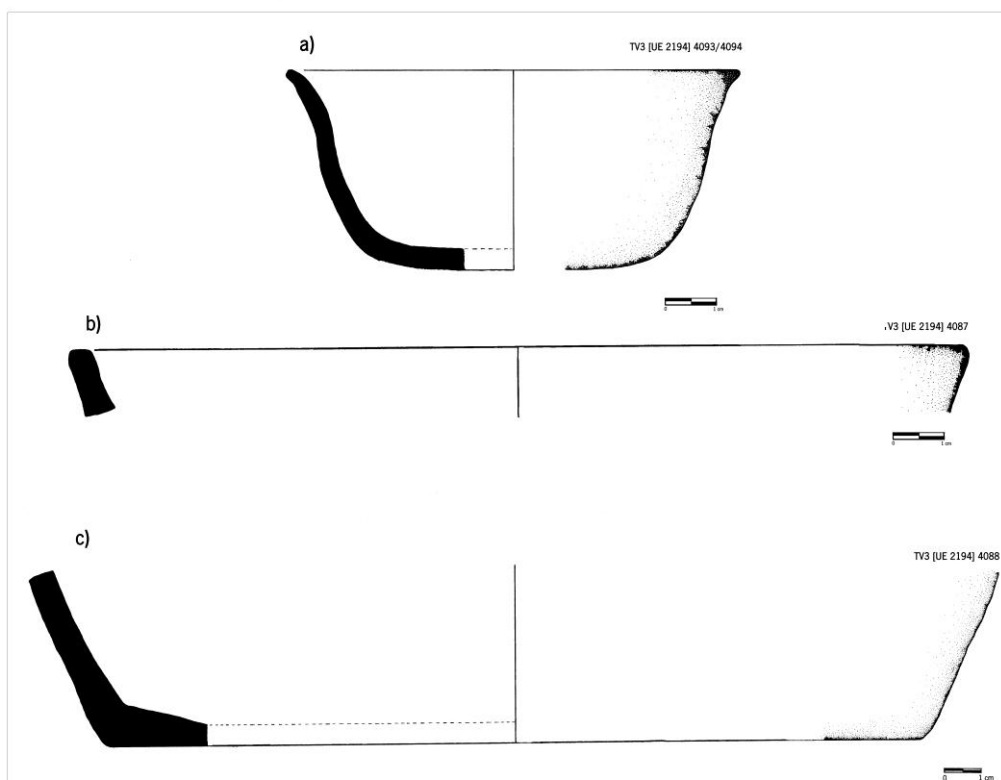
Estampa 1. Cerâmicas da UE 54 de Alto de Brinches 3 a) tigela (Forma 4 seg. Lago *et al.*, 1998); b) prato de bordo biespessado (Forma 1.3 e seg. Lago *et al.*, 1998); c) taça carenada (Forma 3.3 c seg. Lago *et al.*, 1998) (os objetos foram desenhados por Carla Martins e tratados graficamente por Joana Inocência).



Estampa 2. Cerâmicas da UE 262 de Alto de Brinches 3. a) fragmento de pote com mamilo (Forma 6 seg. Lago *et al.*, 1998); b) prato de bordo espessado externamente (Forma 1.4 seg. Lago *et al.*, 1998); c) taça carenada (Forma 3 seg. Lago *et al.*, 1998). Os desenhos a) e b) foram efetuados por Carla Martins e tratados graficamente por Joana Inocência; o c) foi desenhado por Edgar Lopes /Palimpsesto).



Estampa 3. Cerâmicas da UE 628 e 690 de Alto de Brinches 3 a) taça da UE 690 (Forma 3 seg. Lago *et al.*, 1998); b) pote da UE 690 (Forma 6 seg. Lago *et al.*, 1998); c) pote (?) UE 690 (Forma 3 seg. Lago *et al.*, 1998); d) esférico simples da UE 690 (Forma 5.1 a seg. Lago *et al.*, 1998); e) suporte da UE 628; f) fragmento de bojo com arranque de asa da UE 628; g) ídolo da UE 690. Desenhos c), d) e f) por Carla Martins e tratamento gráfico por Joana Inocêncio; desenhos a), b), e) e g) por Edgar Lopes/Palimpsesto.



Estampa 4. Cerâmicas da UE 2194 de Torre Velha 3 a) taça (Forma 2 seg. Lago *et al.*, 1998); b) vaso (Forma 6 seg. Silva e Soares, 1976/1977); c) vaso (Forma 6 seg. Silva e Soares (1976/1977) (?)) (os objetos foram desenhados por Carla Martins e tratados graficamente por Joana Inocência).

ANEXO IV. Tabelas de descrição dos materiais cerâmicos

Este anexo corresponde às fichas de estudo dos materiais cerâmicos relativos aos contextos funerários estudados para Alto de Brinches 3 e Torre Velha 3.

Tabela 1 – Tabela descritiva dos materiais cerâmicos classificáveis de AB3

U.E	Nº Inv.	Frag.	Descrição	Esp.	Tamanho	Diâmetro aproximado	Tipo de Cozedura	Trat. de superfície	Forma
690	2173	Bordo	Lábio aplanado	Sim	Médio	34 cm	Redutora. Paredes e cerne castanho-avermelhado	Rugosa	Forma 4.3. Tigela fechada.
690	2191	Bordo	Bordo adelgado, lábio arredondado	Não	Médio	-	Redutora. Paredes e cerne castanho-avermelhado	Rugosa	Possivelmente uma taça ou tigela
690	2186	Bordo	Bordo direito, lábio aplanado	Não	Médio	24 cm	Cozedura redutora. Paredes e cerne castanho-avermelhado	Alisada	Forma 2.1. Taça de bordo direito
690	2181 - 2197	Bordo	Bordo adelgado, lábio arredondado	Não	Peça	16 cm de diâmetro por 10 cm de profundidade	Redutora. Paredes vermelhas e cinzentas, cerne cinzento-escuro.	Rugosa	Forma 2.4. Taça ligeiramente fechada, com base convexa
690	2180	Peça	Ídolo-fálico em cerâmica	-	Peça	7 cm de altura máxima por 7,5 cm de largura máxima	Redutora. Paredes cinzentas e bege. Cerne bege.	Rugosa	Ídolo – Fálico
690	2193	Bojo carenado	Bojo com carena Baixa	-	Médio	26 cm	Redutora. Paredes cinzentas e bege. Cerne bege.	Rugosa	Forma 3.3. Taça-carenada
690	2213	Bojo carenado	Bojo com carena média/baixa	Não	Médio	-	Redutora. Paredes e cerne cinzento e bege.	Alisada	Forma 3. Taça-carenada
690	2207	Perfil	Peça	Não	3 médios e 1 pequeno	-	Redutora. Paredes vermelhas e cinzentas. Cerne cinzento-escuro.	Alisada	Forma 5.1. Esférico simples
690	2194	Bordo	Lábio aplanado	Sim	Médio	28 cm	Redutora. Paredes e cerne bege-alaranjado.	Rugosa	Forma 1.2. Prato de bordo espessado internamente
690	2195	Bordo	Lábio aplanado	Sim	Grande	20,5 cm	Redutora. Paredes e cerne bege-alaranjado	Rugosa	Forma 1.2. Prato de bordo espessado internamente
690	2172	Bordo	Arredondado	Não	Grande	20 cm	Redutora. Paredes e cerne	Rugosa	Forma 1.1. Pratos de bordo sem

							castanho com manchas bege.		espessamento.
690	2200	Bordo	Simple	Não	Médio	28 cm	Redutora. Parede externa laranja, parede interna castanha, cerne laranja.	Alisada	Forma 1.1 Prato de bordo sem espessamento .
690	2202	Bordo	Biespessado, lábio arredondado	Sim	Médio	24 cm de diâmetro	Redutora. Paredes castanhas, cerne negro.	Rugosa	Forma 1. Prato
690	2211	Bordo	Lábio aplanado	Sim	Médio	-	Redutora. Parede externa bege, parede interna cinzenta. Cerne bege acinzentado	Alisada	Forma 1. Prato
690	2196	Bordo	Lábio arredondado	Sim	Médio	26 cm	Redutora. Parede externa bege, parede interna cinzenta. Cerne bege-acinzentado	Rugosa	Forma 1.2. Prato de bordo espessado internamente.
690	2209	Bordo	Biespessado; Lábio arredondado	Sim	Médio	32 cm	Redutora. Paredes e cerne castanho alaranjado.	Alisada	Forma 1. Prato
690	2184	Bordo	Biespessado; Lábio arredondado	Sim	Médio	34 cm	Redutora. Parede externa cinzenta, parede interna castanho – avermelhado , cerne bege – avermelhado	Rugosa	Forma 1.3 Prato de bordo biespessado
690	2185 e 2198	Bordo	Lábio aplanado	Não	1 grande, 1 médio e 1 pequeno	30 cm	Redutora. Paredes castanhas e cerne castanho alaranjado.	Alisada	Forma 1.3 Prato com bordo sem espessamento
690	2177	Bordo	Lábio aplanado	Sim	1 grande e 1 pequeno	28 cm	Oxidante	Rugosa	Forma 1.1 Prato de bordo sem espessamento .
690	2189	Bordo	Lábio aplanado	Sim	Grande	32 cm	Redutora. Paredes e cerne cinzento.	Rugosa	Forma 4.3. Tigela fechada, com bordo ligeiramente espessado.
690	2206	Bordo	Arredondado , lábio aplanado.	Não	Médio	-	Redutora. Paredes castanhas acinzentadas , cerne	Cepillado	Forma 2. Taça.

							castanho		
690	2212	Bordo	Biespessado, lábio arredondado	Sim	Médio	20 cm de diâmetro.	Redutora. Paredes e cerne entre o castanho e o bege.	Alisada	Forma 2. Taça (?)
690	2174	Bordo	Direito; Lábio aplanado	Não	Grande	20 cm	Redutora. Paredes bege alaranjado, cerne cinzento.	Alisada	Forma 6. Pote
690	2176	Bordo	Direito; Lábio aplanado	Não	Grande	-	Redutora. Paredes castanhas avermelhadas, cerne cinzento.	Rugosa	Forma 6. Pote
690	2201	Bordo	Bordo simples, com lábio aplanado	Não	Médio	-	Redutora. Paredes e cerne cinzento.	Alisada	Forma 6. Pote
690	2204	Bordo	Lábio aplanado	Não	Médio	-	Redutora. Paredes e cerne cinzento.	Rugosa	Forma 6. Pote
690	2192	Bordo	Direito, Lábio aplanado	Não	Médio	-	Redutora. Paredes e cerne cinzento.	Rugosa	Forma 6. Pote
690	2215	Bordo	Direito, Lábio aplanado	Não	Pequeno	-	Redutora. Paredes e cerne cinzento.	Alisada	Forma 6. Pote
690	2175	Bordo	Lábio aplanado	Sim	Pequeno	-	Redutora. Paredes castanha avermelhada, cerne negro.	Alisada	Forma 4.3. (?) Tigela fechada, com bordo ligeiramente espessado para o exterior.
690	2178	Bordo e Bojo	Com uma perfuração	-	Médio	-	Redutora. Paredes laranja e cerne cinzento.	Rugosa	Peso – Placa
690	2203	Bordo e Bojo	Com duas perfurações paralelas	-	Médio	-	Redutora. Paredes e cerne castanhas e cinzentas.	Rugosa	Peso – Placa
690	2210	Bordo e Bojo	Com uma perfuração	-	Médio	-	Redutora. Paredes castanhas e cerne cinzento-escuro.	Rugosa	Peso – Placa
690	2179	Bordo e Bojo	Com uma perfuração	-	Pequeno	-	Redutora. Paredes e cerne castanho e cinzento	Rugosa	Peso – Placa
690	2214	Bordo e Bojo	Com uma perfuração	-	Pequeno	-	Redutora. Paredes e cerne castanho	Alisada	Peso – Placa
690	2217-2182	Bojo carenado	Carena alta e perfuração vertical	Não	1 grande + 2 médios e 1 pequeno	-	Redutora. Paredes beges e cerne acastanhado	Alisada	Forma 14. (?) Pote carenado de colo troncocónico

690	2208	Bojo carenado	Bordo adelgado, lábio arredondado e carena alta, pouco vincada	Não	Médio	22 cm	Redutora. Paredes cinzentas e beges. Cerne bege.	Alisada	Forma 3. Taça-carenada
628	2138	Bordo	Adelgado; lábio aplanado	Não	Médio	20 cm	Redutora. Paredes e cerne castanho-alaranjado.	Alisada	Forma 8. (?) Vasos de corpo superior troncocónico (paredes reentrantes).
628	2119	Bordo	Lábio aplanado	Não	Médio	28 cm	Redutora. Paredes castanhas-avermelhadas. Cerne castanho-escuro.	Rugosa	Forma 2. Taça.
628	2139	Bordo carenado	Lábio arredondado ; Carena baixa	Sim	Médio	21 cm	Redutora. Parede externa cinzenta. Parede interna castanha-avermelhada . Cerne castanho-avermelhado .	Rugosa	Forma 3.3. Taça-carenadas
628	2125	Bordo	Ligeiramente esvasado; Lábio arredondado	Não	Médio	-	Redutora. Parede externa cinzenta. Parede interna bege. Cerne cinzento.	Rugosa	Forma 6. Pote.
628	2141	Bordo carenado	Lábio arredondado	Sim	Médio	24 cm	Redutora. Parede externa laranja. Parede interna cinzenta. Cerne cinzento claro.	Rugosa	Forma 3. Taça-carenada
628	2147	Bordo	Lábio direito	Sim	Médio	-	Redutora. Paredes cinzentas. Cerne bege.	Rugosa	Forma 1.2. Prato de bordo espessado internamente
628	2142	Bordo	Lábio redondo	Sim	Médio	28 cm	Redutora. Paredes castanhas-avermelhadas. Cerne laranja.	Alisada	Forma 1.2.c Prato de bordo espessado internamente
628	2144	Bordo	Lábio aplanado	Sim	Médio	26 cm	Oxidante	Alisada	Forma 2. Taça.
628	2123	Bordo carenado	Lábio redondo; Carena baixa	Sim	Médio	16 cm	Redutora. Parede externa cinzenta escura. Parede interna castanha. Cerne castanho.	Rugosa	Forma 3.2.a Taça-carenada

628	2118	Bordo carenado	Lábio redondo; Carena média	Sim	Médio	-	Redutora. Parede externa e parede interna cinzenta. Cerne bege.	Alisada	Forma 3. Taça-carenada
628	2114	Bordo	Direito; lábio plano	Não	Médio	-	Redutora. Paredes castanhas. Cerne castanho.	Rugosa	Forma 6. Pote
628	2135	Bordo	Direito, lábio arredondado	Não	Médio	-	Redutora. Paredes beges. Cerne cinzento claro.	Rugosa	Forma 6. Pote
628	2111	Bordo	Lábio arredondado	Sim	Médio	18 cm	Redutora. Paredes beges. Cerne bege.	Alisada	Forma 2. Taça
628	2143	Bojo mamilado	Mamilo alongado e vertical	Não	Médio	-	Redutora. Paredes castanhas. Cerne cinzento-escuro.	Rugosa	Forma 7. Globular
628	2152	Perfil	Peça	-	Médio	-	Redutora. Paredes castanhas-alaranjadas. Cerne castanho-alaranjado.	Alisada	Forma 18. Vaso-suporte
628	2116	Bordo	Lábio plano	Sim	Pequeno	-	Redutora. Paredes cinzentas. Cerne castanho.	Alisada	Forma 2. Taça
628	2120	Bordo	Direito; lábio arredondado	Não	Médio	20 cm	Oxidante	Alisada	Forma 7.3. Globular com colo.
628	2112	Bordo	Lábio redondo	Não	Médio	.	Redutora. Paredes e cerne bege.	Alisada	Forma 6. Pote
628	2128	Bordo	Lábio aplanado.	Não	Pequeno	-	Redutora. Parede externa cinzenta. Parede interna avermelhada. Cerne cinzento-escuro.	Alisada	Ind.
628	2126	Bordo	Adelgado, lábio arredondado	Não	Pequeno	-	Redutora. Paredes castanhas. Cerne avermelhado.	Rugosa	Forma indeterminada
628	2140	Bordo	Lábio arredondado	Não	Pequeno	-	Redutora. Parede externa cinzenta. Parede interna castanha-alaranjada. Cerne cinzento.	Alisada	Forma 6. Pote

628	2136	Bordo	Lábio aplanado	Sim	Pequeno	-	Redutora. Parede interna castanha avermelhada. Parede externa castanha. Cerne cinzento.	Alisada	Forma 2. Taça
628	2122	Bordo	Adelgaçado, lábio redondo	Não	Pequeno	-	Redutora. Paredes cinzentas escuras. Cerne cinzento-escuro.	Alisada	Forma 6. Pote
628	2110	Bordo	Direito; Lábio plano	Não	Pequeno	-	Oxidante.	Rugosa	Forma indeterminada
628	2150	Fundo	Plano	-	Pequeno	-	Redutora. Paredes cinzentas. Cerne bege.	Rugosa	Forma indeterminada
628	2121	Bordo	Lábio arredondado	Não	Pequeno	-	Redutora. Paredes cinzentas. Cerne cinzento.	Alisada	Forma indeterminada
628	2133	Bordo	Adelgaçado; lábio arredondado	Não	Pequeno	-	Redutora. Parede externa bege. Parede interna cinzenta. Cerne cinzento-escuro.	Alisada	Forma 6. Pote
628	2148	Bordo	Lábio arredondado	Não	Pequeno	-	Redutora. Paredes beges. Cerne bege.	Rugosa	Forma 6. Pote
628	2132	Bordo	Adelgaçado; lábio arredondado	Não	Pequeno	-	Redutora. Parede externa cinzenta-escura. Parede interna castanha. Cerne cinzento.	Alisada	Forma indeterminada
628	2127	Bojo carenado	Bordo esvasado; lábio plano; Carena média	Não	Médio	36 cm	Redutora. Parede externa cinzenta clara. Parede interna castanha. Cerne castanho-avermelhado.	Rugosa	Forma 3. Taça-carenada
628	2146	Bojo	Uma perfuração	-	Médio	-	Redutora. Paredes castanhas com manchas vermelhas. Cerne castanho e cinzento.	Rugosa	Peso-placa
628	2149	Bojo	Uma	-	Médio	-	Redutora.	Rugosa	Peso-placa

			perfuração				Paredes castanhas com manchas vermelhas. Cerne castanho e cinzento.		
628	2145	Bojo	-	-	Médio	-	Redutora. Paredes castanhas com manchas vermelhas. Cerne castanho e cinzento.	Rugosa	Peso-placa
628	2151	Bordo-Bojo	Uma perfuração	-	Médio	-	Redutora. Paredes castanhas com manchas vermelhas. Cerne castanho e cinzento.	Rugosa	Peso-placa
628	2157	Bojo	-	-	Médio	-	Redutora. Paredes castanhas com manchas vermelhas. Cerne castanho e cinzento.	Rugosa	Peso-placa
628	2134	Bojo	-	-	Médio	-	Redutora. Paredes castanhas com manchas vermelhas. Cerne castanho e cinzento.	Rugosa	Peso-placa
638	2171	Bojo	-	-	Médio	-	Redutora. Paredes castanhas com manchas vermelhas. Cerne castanho e cinzento.	Rugosa	Peso-placa
638	2156	Bordo	Espessamento para o interior com uma perfuração circular. Lábio arredondado.	Sim	Grande	-	Oxidante	Alisada	Forma 2. Taça
577	2047	Bojo carenado	Bordo aplanado. Carena alta.	Não	Pequeno	22 cm	Redutora. Paredes bege com manchas cinzentas. Cerne cinzento-escuro.	Alisada	Forma 3.1.c Taça-carenada de corpo troncocônico, com carena alta.
577	125	Bordo	Bordo adelgado,	Não	Médio	-	Redutora. Parede	Rugosa	Forma 6. Pote

			lábio arredondado				externa laranja. Parede interna bege. Cerne cinzento.		
577	140	Bordo	Bordo simples, lábio arredondado	Não	Pequeno	-	Redutora. Parede externa laranja. Parede interna bege. Cerne cinzento-escuro.	Alisada	Forma indeterminada
577	119-106	Bordo	Bordo simples, lábio redondo.	Não	Pequeno	-	Redutora. Paredes e cerne cinzento-escuro.	Rugosa	Forma 6. Pote
577	121	Bordo	Bordo adelgado, lábio arredondado	Não	Pequeno	-	Redutora. Paredes e cerne bege.	Rugosa	Forma indeterminada
577	2046	Bojo carenado	-	Não	Grande	-	Redutora. Parede externa castanha alaranjada. Parede interna castanha escura. Cerne castanho e laranja.	Rugosa	Forma 3.2.c Taça-carenada de corpo troncocónico, com alta
577	144	Bordo	Bordo simples, lábio arredondado	Não	Grande	-	Redutora. Parede interna laranja. Parede externa laranja e castanha. Cerne castanho.	Rugosa.	Forma 6. Pote
577	2045	Bordo	Espessamento para o interior, lábio arredondado	Sim	Médio	28 cm	Redutora. Parede externa bege acinzentada. Parede interna bege acinzentada. Cerne laranja.	Rugosa	Forma 1.2. Prato de bordo espessado internamente
577	2044	Bojo	Duas perfurações paralelas no bordo	Não	Médio	-	Redutora. Parede externa castanha alaranjada. Parede interna castanho alaranjado. Cerne cinzento-claro.	Rugosa	Peso-placa
262	1431	Bordo	Bordo arredondado, lábio arredondado	Não	Médio	26 cm	Redutora. Parede externa castanha-	Rugosa	Forma 2.1. Taça de bordo direito ou arredondado.

							alaranjada. Parede interna castanho-alaranjado. Cerne cinzento-claro.		
262	1422		Bordo arredondado, ligeiramente adelgado; lábio arredondado		Médio	-	Redutora. Parede externa castanha e cinzenta. Parede interna castanha-vermelhada. Cerne castanho-vermelhado.	Alisada	Forma 2. Taça
262	1440	Fundo	Fundo plano	-	Médio	-	Redutora. Paredes e cerne castanho-vermelhado.	Rugosa	Forma indeterminada
262	1455	Bordo	Bordo arredondado; lábio arredondado	Não	Médio	27 cm	Redutora. Paredes e cerne castanho.	Alisada	Forma 6. Pote (?)
262	1462	Bordo	Biespessado; lábio aplanado	Sim	Médio	26 cm	Redutora. Paredes castanhas. Cerne avermelhado.	Rugosa	Forma 2.2.d. Taça
262	1424	Bordo	Espessado; lábio arredondado	Sim	Médio	20 cm	Redutora. Paredes castanhas com manchas cinzentas. Cerne castanho-escuro.	Alisada	Forma 1.2.d Prato de bordo espessado internamente
262	1420	Bordo	Biespessado; lábio plano	Sim	Médio	24 cm	Redutora. Paredes castanhas. Cerne cinzento. Aguada nas superfícies.	Alisada	Forma 2.2. (e?) Taça
262	1427	Bojo carenado	Bordo direito; lábio plano	Não	Pequeno	-	Redutora. Paredes castanhas. Cerne cinzento. Aguada nas superfícies.	Alisada	Forma 3. Taça-carenada
262	1454-1450	Bordo	Espessamento para o interior; lábio adelgado-convexo	Sim	Médio	-	Redutora. Paredes castanhas avermelhadas. Cerne cinzento-escuro.	Alisada	Forma 1.2. Prato de bordo espessado internamente.
262	1438	Bordo	Espessado; lábio aplanado	Sim	Pequeno	18 cm	Redutora. Paredes vermelhas. Cerne cinzento-	Alisada	Forma 2. Taça

							escuro.		
262	1416	Bordo	Bordo direito; lábio circular	Não	Pequeno	-	Redutora. Paredes castanhas-escuras. Cerne castanho-alaranjado.	Alisada	Forma 2. Taça
262	1461	Bojo carenado	Bordo direito; lábio biselado	Não	Médio	-	Redutora. Paredes castanhas-avermelhadas. Cerne castanho e cinzento.	Alisada	Forma 3.2. Taça-carenada
262	1457	Bordo	Bordo direito; lábio arredondado	Não	Médio	20 cm	Redutora. Paredes castanhas-avermelhadas. Cerne castanho e cinzento.	Alisada	Forma 2. Taça
262	1460	Bordo	Bordo arredondado ; lábio arredondado	Não	Pequeno	-	Redutora. Paredes cinzentas-claras. Cerne cinzento.	Alisada	Forma 6. Pote
262	1453	Bordo	Espessamento para o interior; lábio arredondado	Sim	Médio	26 cm	Redutora. Paredes castanhas-avermelhadas. Cerne castanho.	Alisada	Forma 1.2. Prato com bordo espessado internamente
262	1447	Bordo	Bordo direito; lábio arredondado	Não	Médio	-	Redutora. Paredes cinzentas-claras. Cerne vermelho.	Alisada	Forma 6. Pote
262	1426	Bordo	Bordo direito com aplicação de mamilo; lábio aplanado	Não	Médio	-	Redutora. Paredes cinzentas. Cerne castanho-avermelhado	Alisada	Forma 7. Globular
262	1442	Bordo	Bordo direito, ligeiramente adelgado; lábio arredondado	Não	Médio	-	Redutora. Paredes e cerne cinzento-escuro.	Alisada	Forma 6. Pote
262	1448	Bordo	Bordo direito, ligeiramente adelgado; lábio arredondado	Não	Médio	-	Redutora. Paredes beges com manchas cor-de-rosa e cinzentas. Cerne cinzento-claro.	Rugosa	Forma 6. Pote
262	1419	Bordo	Bordo direito; lábio arredondado	Não	Médio	-	Redutora. Paredes cinzentas. Cerne castanho.	Rugosa	Forma 6. Pote
262	1446=1445	Bordo	Bordo direito; lábio arredondado	Não	Pequeno	-	Redutora. Paredes cinzentas e castanhas. Cerne cinzento.	Rugosa	Forma 6. Pote
262	1451	Bordo	Bordo	Não	Pequeno	-	Redutora.	Rugosa	Forma 6. Pote

			direito; lábio arredondado				Paredes cinzentas. Cerne cinzento.		
262	1449	Bordo	Bordo direito; lábio arredondado	Não	Médio	-	Redutora. Paredes castanhas. Cerne castanho-alaranjado	Alisada	Forma 6. Pote
262	1423	Bordo	Bordo arredondado ; lábio adelgado-convexo.	Não	Pequeno	-	Redutora. Paredes e cerne castanho-alaranjado.	Alisada	Forma 2. Taça (?)
262	1441	Fundo	Plano	-	Médio	-	Redutora. Paredes castanhas. Cerne cinzento-escuro.	Alisada	Forma indeterminada
262	1458	Bordo	Bordo simples	Não	Pequeno	-	Redutora. Paredes castanhas. Cerne castanho-alaranjado.	Alisada	Forma indeterminada
262	1432	Bordo	Bordo direito; lábio boleado	Não	Pequeno	-	Redutora. Paredes e cerne castanho.	Alisada	Forma 6. Pote (?)
262	1429	Bordo	Bordo direito; lábio arredondado	Não	Pequeno	-	Redutora. Paredes castanhas. Cerne cinzento-escuro.	Alisada	Forma 6. Pote (?)
262	1489	Bordo	Bordo direito; lábio arredondado	Não	Pequeno	-	Redutora. Paredes castanhas. Cerne castanho e bege.	Alisada	Forma 6. Pote (?)
262	1444	Bordo	Bordo direito; lábio arredondado	Não	Pequeno	-	Redutora. Paredes castanhas. Cerne castanho-avermelhado	Alisada	Forma 6. Pote (?)
262	1417	Arranque de mamilo	Mamilo	Não	Médio	-	Redutora. Paredes castanhas-alaranjadas. Cerne castanho-alaranjado.	Rugosa	Forma indeterminada
262	1425	Bojo	-	Não	Médio	-	Redutora. Paredes castanhas-avermelhadas. Cerne castanho.	Alisada	Peso-placa
262	1418	Bojo	Bordo com uma perfuração	-	Médio	-	Redutora. Paredes castanhas-avermelhadas. Cerne castanho.	Alisada	Peso-placa
262	1421	Bojo	Bordo com uma perfuração	-	Médio	-	Redutora. Paredes castanhas-	Alisada	Peso-placa

							avermelhada s. Cerne castanho.		
262	1433	Bordo	Bojo com uma perfuração	-	Médio	-	Redutora. Paredes castanhas- avermelhada s. Cerne castanho.	Alisada	Peso-placa.
262	1452	Bojo	Bojo	-	Médio	-	Redutora. Paredes castanhas- avermelhada s. Cerne castanho.	Alisada	Peso-placa
Fossa 586									
54	557	Bojo	Aplicação de um mamilo alongado, horizontal	Não	Médio	-	Redutora. Paredes castanhas- avermelhada s. Cerne avermelhado	Rugosa	Forma 7. Globular sem colo.
54	548	Bojo	Bordo espessado para o interior	Sim	Médio	-	Redutora. Paredes castanhas. Cerne castanho- avermelhado	Rugosa	Forma indeterminada
54	556	Fundo	Plano	-	Médio	-	Redutora. Parede interna cinzenta- escura. Parede externa bege e cinzenta. Cerne cinzento- escuro.	Alisada	Forma indeterminada
54	558	Bordo	Espessado para o interior; lábio arredondado	Sim	Grande	-	Redutora. Paredes beges. Cerne castanho.	Alisada	Forma 1.2. Prato com bordo espessado internamente
54	561	Bojo carenado	Bordo direito; lábio aplanado; Carena baixa	Não	Médio	-	Redutora. Paredes beges. Cerne bege.	Alisada	Forma 3.3.a. Taça-carenada
54	550	Bordo	Bordo direito; lábio adelgado- convexo	Não	Médio	-	Redutora. Paredes castanhas. Cerne vermelho.	Alisada	Forma 6. Pote
54	549	Bordo	Bordo espessado; lábio aplanado	Sim	Pequeno	-	Redutora. Paredes beges. Cerne avermelhado	Alisada	Forma 3. Taça (?)
54	555	Bordo	Bordo direito; lábio aplanado	Não	Médio	-	Redutora. Parede externa cinzenta. Parede interna castanha. Cerne cinzento- escuro.	Alisada	Forma 6. Pote (?)
54	560	Bordo	Bordo arredondado		Médio	-	Redutora. Paredes e	Alisada	Forma 2. Taça (?)

			; lábio biselado.	Não			cerne cor-de-laranja. Cozedura oxidante.		
54	543	Bordo	Bordo sem espessamento	Não	Médio	-	Paredes beges com manchas cinzentas. Cerne bege.	Alisada	Colher (?) Pasta com e.n.p's muito pequenos. Pasta fina.
54	542	Bordo	Bordo direito; lábio arredondado	Não	Pequeno	-	Redutora. Parede externa castanha. Parede interna cinzenta-clara. Cerne bege.	Alisada	Forma indeterminada Pasta com e.n.p's muito pequenos. Pasta fina.
54	559	Bordo	Bordo sem espessamento	Não	Pequeno	-	Redutora. Paredes castanhas. Cerne castanho.	Alisada	Forma indeterminada
54	547	Bordo	Bordo sem espessamento; lábio biselado	Não	Pequeno	-	Oxidante	Rugosa	Forma indeterminada
54	554	Bordo	Bordo sem espessamento; lábio biselado	Não	Pequeno	-	Redutora. Paredes castanhas-avermelhadas. Cerne castanho-avermelhado.	Alisada	Forma indeterminada
54	546	Bordo	Bordo sem espessamento; lábio biselado	Não	Pequeno	-	Redutora. Paredes cor-de-laranja. Cerne cinzento.	Alisada	Forma indeterminada
54	541	Bordo	Bordo direito; lábio aplanado	Não	Médio	-	Redutora. Paredes e cerne cinzentos-escuros.	Rugosa	Forma 6. Pote
54	539	Bojo	Bordo com uma perfuração	-	Médio	-	Redutora. Paredes castanhas-avermelhadas. Cerne castanho-avermelhado.	Alisada	Peso-placa
54	540	Bojo	Bordo com uma perfuração	-	Médio	-	Redutora. Paredes castanhas-avermelhadas. Cerne castanho-avermelhado.	Alisada	Peso-placa
54	552	Bojo	Bojo com uma perfuração	-	Médio	-	Redutora. Paredes castanhas-avermelhadas. Cerne castanho-avermelhado.	Rugosa	Peso-placa
547	1963	Bordo	Bordo sem espessamento; lábio	Não	Pequeno	-	Redutora. Paredes e cerne	Alisada	Forma indeterminada

			aplanado				cinzentos-escuros.		
Sepultura plana 689									
687	2170	Bordo	Bordo direito; lábio arredondado	Não	Médio	-	Paredes castanhas. Cerne castanho.	Rugosa	Forma 6. Pote
687	2169	Bordo	Bordo direito; lábio aplanado	Não	Médio	32 cm	Paredes castanhas-avermelhadas. Cerne cinzento.	Rugosa	Forma 3. Taça
687	2171	Bojo	Bojo	Não	Médio	-	Paredes castanhas-avermelhadas. Cerne cinzento.	Rugosa	Peso-placa

Tabela 2 – Tabela descritiva dos materiais cerâmicos inclassificáveis de AB3

Número	Descrição do fragmento	Tratamento de superfície	Tipo de cozedura
Nº1	1 fragmento grande	Superfície alisada.	Cozedura redutora. Paredes e cerne castanho avermelhado.
Nº2	1 fragmento grande	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes cinzentas, cerne cinzento e vermelho.
Nº3	1 fragmento grande	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes cinzentas, cerne cinzento e vermelho.
Nº4	1 fragmento grande	Superfície alisada.	Cozedura oxidante. Paredes e cerne laranja.
Nº5	1 fragmento grande	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes e cerne castanho avermelhado.
Nº6	1 fragmento grande	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes e cerne castanho avermelhado.
Nº7	1 fragmento grande	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Parede externa cinzenta, parede interna laranja. Cerne cinzento.
Nº8	1 fragmento grande	Superfície alisada.	Cozedura redutora. Paredes e cerne castanho.
Nº9	1 fragmento grande	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes cinzentas e cerne castanho.
Nº10	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Cozedura redutora. Paredes e cerne cinzento escuro.
Nº11	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes cinzentas e cerne castanho.
Nº12	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Cozedura redutora. Paredes e cerne castanho avermelhado.
Nº13	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Cozedura redutora. Paredes e cerne castanho avermelhado.
Nº14	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Cozedura oxidante paredes bege, cerne laranja.
Nº15	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Cozedura oxidante paredes bege, cerne laranja.
Nº16	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes castanhas e cinzentas. Cerne castanho.
Nº17	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes e cerne cinzento.

Nº18	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Parede externa laranja, parede interna cinzenta. Cerne cinzento.
Nº19	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura oxidante. Paredes e cerne laranja.
Nº20	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes e cerne castanho avermelhado
Nº21	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes cinzentas, cerne castanho avermelhado
Nº22	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes beges, cerne castanho.
Nº23	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes beges e cinzentas. Cerne castanho.
Nº24	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes cinzentas, cerne castanho.
Nº25	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes cinzentas, cerne castanho.
Nº26	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Parede externa cinzenta, parede interna laranja. Cerne cinzento claro.
Nº27	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Cozedura redutora. Parede externa bege, parede interna cinzenta. Cerne cinzento e vermelho.
Nº28	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Parede externa bege, parede interna cinzenta. Cerne cinzento e vermelho.
Nº29	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes castanhas. Cerne castanho acinzentado.
Nº30	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes castanhas, cerne laranja e cinzento.
Nº31	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes e cerne castanho.
Nº32	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Cozedura redutora. Paredes cinzentas, cerne vermelho e castanho.
Nº33	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes cinzentas, cerne vermelho e castanho.
Nº34	2 fragmentos médios que colam	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes bege e cinzentas, cerne alaranjado.
Nº35	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes castanhas e cerne cinzento escuro.
Nº36	3 fragmentos médios que colam	Superfície rugosa.	Cozedura oxidante. Paredes beges e cerne laranja.
Nº37	2 fragmentos médios que colam	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes Castanhas e cinzentas. Cerne bege.
Nº38	2 fragmentos médios que colam	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes e cerne castanho.
Nº39	3 fragmentos médios que colam	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes e cerne castanho.
Nº40	2 fragmentos médios que	Superfície rugosa.	Cozedura oxidante. Paredes e

	colam		cerne laranja e bege.
Nº41	2 fragmentos médios que colam	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes e cerne castanhas.
Nº41	2 fragmentos médios que colam	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes beges e cerne cinzento escuro.
Nº42	3 fragmentos médios que colam	Superfície rugosa.	Cozedura oxidante. Paredes e cerne laranja.
Nº43	2 fragmentos médios que colam	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes e cerne castanho alaranjado.
Nº44	3 fragmentos médios que colam	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Parede externa cinzenta, parede interna castanha avermelhada. Cerne castanho.
Nº45	2 fragmentos médios e 1 pequeno que colam	Superfície rugosa.	Cozedura redutora, paredes e cerne castanho avermelhado.
Nº46	1 fragmento pequeno	Superfície rugosa.	Cozedura redutora, paredes e cerne castanho avermelhado.
Nº47	1 fragmento pequeno	Superfície rugosa.	Cozedura redutora, paredes e cerne castanho avermelhado.
Nº48	2 fragmentos médios que colam	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes cinzentas e cerne castanho avermelhado
Nº49	1 fragmento grande e 1 fragmento pequeno que colam	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes cinzentas e cerne castanho.
Nº50	1 fragmento pequeno e 2 fragmentos médio que colam	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes e cerne castanho avermelhado.
Nº51	2 fragmentos pequenos e 1 fragmento médio que colam	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes e cerne cinzento.
Nº52	1 fragmento médio e 1 fragmento médio que colam	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes e cerne cinzento.
Nº53	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Cozedura oxidante. Paredes e cerne laranja
Nº54	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes e cerne castanho alaranjado e cinzentas.
Nº55	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Parede interna cinzenta e parede externa castanho avermelhado. Cerne castanho avermelhado
Nº56	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Parede interna cinzenta e parede externa castanho avermelhado. Cerne castanho avermelhado
Nº57	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes castanho acinzentado. Cerne castanho avermelhado.
Nº58	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Cozedura redutora. Paredes castanho acinzentado. Cerne castanho avermelhado.
Nº59	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Cozedura redutora. Paredes bege, cerne cinzento.
Nº60	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes castanhas avermelhadas. Cerne castanho.
Nº61	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Cozedura oxidante. Paredes e cerne laranja e bege.
Nº62	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Cozedura oxidante. Paredes e

			cerne laranja e bege.
Nº63	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Cozedura redutora. Paredes bege e cerne cinzento.
Nº64	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes castanhas, cerne castanho.
Nº65	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes laranja e bege, cerne cinzento.
Nº66	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Cozedura redutora. Paredes laranja e bege, cerne cinzento
Nº67	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Cozedura redutora. Paredes e cerne cinzento.
Nº68	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Cozedura redutora. Paredes e cerne cinzento.
Nº69	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Cozedura redutora. Paredes e cerne cinzento.
Nº70	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes e cerne cinzento.
Nº71	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Parede externa cinzenta, parede interna laranja. Cerne bege.
Nº72	1 fragmento médio	Vassourado	Cozedura redutora. Paredes castanhas acinzentadas. Cerne castanho.
Nº73	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes castanhas acinzentadas. Cerne vermelho.
Nº74	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes castanhas acinzentadas. Cerne vermelho.
Nº75	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Cozedura redutora. Paredes castanhas acinzentadas. Cerne vermelho.
Nº76	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes castanhas acinzentadas. Cerne vermelho.
Nº77	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes e cerne cinzentas.
Nº78	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Parede externa cinzenta e bege, parede interna laranja. Cerne cinzento.
Nº79	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Parede externa cinzenta e bege, parede interna laranja. Cerne cinzento.
Nº80	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Parede externa e interna cinzenta. Cerne laranja.
Nº81	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Parede externa laranja. Parede interna castanha e cerne cinzento.
Nº82	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Cozedura oxidante. Paredes e cerne laranja e bege.
Nº83	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes castanhas avermelhadas. Cerne vermelho.
Nº84	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura oxidante. Paredes e cerne laranja e cinzento.

Nº85	1 fragmento pequeno	Vassourado	Cozedura redutora. Paredes castanhas avermelhadas. Cerne cinzento.
Nº86	1 fragmento pequeno	Superfície alisada.	Cozedura redutora. Paredes e cerne castanho avermelhado.
Nº87	1 fragmento pequeno	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes laranja e cerne cinzento escuro.

Tabela 3 – Tabela descritiva dos materiais cerâmicos classificáveis de TV3

U.E	Nº Inv.	Frag.	Descrição	Esp.	Tamanho	Diâmetro aproximado	Tipo de Cozedura	Trat. de superfície	Forma
Fossa 2205									
2025	3928	Bordo	Bordo direito; lábio aplanado	Não	Médio	-	Redutora. Paredes laranjas com cerne cinzento-claro.	Alisada	Forma 2. Taça
2025	3930	Bordo	Bordo direito; lábio arredondado	Não	Pequeno	-	Redutora. Parede externa castanha. Parede interna avermelhada. Cerne castanho.	Alisada	Forma 6. Pote
2025	3929	Perfil	Uma perfuração na extremidade	-	Grande	-	Redutora. Paredes beges. Cerne negro.	Rugosa	Peso-placa de planta ovalada.
2025	3927 (cola com o fragmento 4091)	Arranque de asa	Asa tubular	-	Médio	-	Redutora. Parede externa avermelhada. Parede interna cinzento-escuro. Cerne cinzento e castanho.	Alisada	Forma indeterminada
2082	3973	Bojo	Apresenta uma perfuração	-	Médio	-	Redutora. Parede externa castanha, parede interna e cerne cinzenta escura	Alisada	Forma Queijeira (?)
2082	3974	Bojo carenado	Carena baixa vincada	-	Médio	-	Oxidante	Alisada	Forma 3.2. Taça-carenada
2082	3973	Bojo	Apresenta uma perfuração	-	Médio	-	Redutora. Parede externa castanha, parede interna e cerne cinzenta escura	Alisada	Forma Queijeira (?)
2194	4093 – 4094	Perfil	Bordo arredondado, lábio arredondado	Não	10 médios e 3 pequenos.	-	Redutora. Parede externa rosa avermelhada. Parede interna rosa, cinzento. Cerne cinzento.	Alisada	Forma 11. Taça de perfil em S
2194	4088	Bojo	-	-	Grande	-	Redutora. Paredes vermelhas e cerne castanho avermelhado.	Alisada	Forma 2. Taça

2194	4089	Bojo carenado/fundo	Carena baixa	-	Médio	-	Oxidante	Polimento	Forma 3.2. Taça-carenada
2194	4092	Bojo carenado/fundo	Carena baixa	-	Grande	-	Redutora. Paredes laranja, cerne cinzento.	Rugosa	Forma 2. Taça
2194	4084	Bordo	Bordo direito; lábio aplanado	Não	Grande	-	Redutora. Paredes laranja e cerne cinzento.	Alisada	Forma 13. Vasos de paredes rectas (?)
2194	4091 cola com 3927	Asa	Asa tubular	-	Médio	-	Redutora. Paredes laranja e cerne cinzento.	Alisada	Tubular, secção oval
2194	4086	Bordo	Bordo ligeiramente espessado para o exterior; lábio arredondado	Sim	1 pequeno + 1 médio	-	Redutora. Paredes e cerne castanho	Rugosa	Forma 4.3. Tigela fechada
2194	4095	Perfil	Apresenta uma perfuração central em cada extremidade	-	Médio	-	Redutora. Paredes e cerne vermelho.	Rugosa	Peso-placa de planta ovalada.
Fossa 2273									
898	2470	Bojo	-	-	Médio	-	Oxidante	Alisada	Ind.
898	2471	Bojo carenado	Carena média	-	Médio	-	Oxidante	Alisada	Forma 3.2. Taça-carenada
898	2472	Bojo carenado	Carena média	-	Médio	-	Oxidante	Alisada	Forma 3.2. Taça-carenada
898	2473	Bordo	Bordo simples	Não	Médio	-	Redutora. Paredes castanhas e cerne cinzento.	Alisada	Forma 2. Taça
898	2474	Fundo	Fundo plano	-	Médio	-	Redutora. Paredes castanhas com manchas cinzentas e cerne bege.	Alisada	Ind.
898	2475	Bordo	Bordo sem espessamento	Não	Médio	-	Redutora. Paredes castanhas-avermelhadas e cerne bege.	Alisada	Forma 3.2. Taça-carenada
898	2476	Fundo	-	-	Médio	-	Redutora. Paredes beges e cinzentas e cerne cinzento escuro.	Alisada	Ind.
898	2477	Bordo	-	Não	Médio	-	Oxidante	Alisada	Forma 3.2. Taça-carenada
898	2478	Bojo carenado	Carena baixa	Não	Médio	-	Oxidante	Alisada	Forma 3.2. Taça-carenada
2014	3916	Bojo carenado e fundo	Carena baixa bem vincada	-	Médio	-	Oxidante	Alisada	Forma 3.2. Taça-carenadas
2014	3917	Bordo	Bordo simples, ligeiramente exvertido	Não	Médio	-	Oxidante	Alisada	Forma 13. Vaso de paredes rectas (?)
2199	4103	Bojo carenado	Carena marcada	-	Grande	-	Redutora. Paredes beges com manchas cinzentas. Cerne bege	Alisada	Forma 3.2.a) Taça-carenada

2199	4101	Bojo carenado	Carena baixa	-	Médio	-	Redutora. Paredes castanhas avermelhadas. Cerne castanho-avermelhado.	Alisada	Forma 3. Taça-carenada
2199	4104	Bordo	Bordo arredondado; lábio adelgaçado convexo	Não	Médio	-	Redutora. Parede externa castanha. Parede interna cinzento-escuro. Cerne cinzento e castanho.	Alisada	Forma 6. Pote
2199	4102	Arranque de asa	Bordo direito; lábio arredondado	Não	Pequeno	-	Redutora. Paredes castanhas. Cerne vermelho.	Rugosa. Pasta com e.n.p's abundantes e de grandes dimensões	Forma 6. Pote(?)

Tabela 4 – Tabela descritiva dos materiais cerâmicos inclassificáveis de TV3

UE	Número	Descrição	Tratamento de superfície	Tipo de cozedura
2082	Nº 1	1 fragmento pequeno	Superfície alisada	Cozedura redutora/oxidante parede externa castanha avermelhada, parede interna negra e cerne castanho.
2082	Nº 2	1 fragmento médio	Superfície alisada	Cozedura redutora. Paredes castanhas e cinzentas e cerne cinzento escuro
2082	Nº 3	1 fragmento médio	Superfície alisada	Cozedura redutora/oxidante parede externa castanha avermelhada, parede interna negra e cerne castanho.
2082	Nº 4	2 fragmentos médios que colam	Superfície alisada	Cozedura oxidante. Paredes laranja e cerne laranja e bege
2082	Nº 5	4 fragmentos pequenos que colam	Superfície alisada.	Cozedura redutora e oxidante. Paredes castanhas, cerne laranja.
2082	Nº 6	2 fragmentos médios que colam	Superfície rugosa.	Cozedura oxidante e redutora, paredes laranja e cerne cinzento-escuro.
2082	Nº 7	1 fragmento grande	Superfície alisada.	Cozedura oxidante e redutora, parede vermelha com manchas cinzentas. Cerne cinzento.
2082	Nº 8	1 fragmento grande	Superfície alisada.	Cozedura oxidante. Paredes e cerne laranja.
2082	Nº 9	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora, oxidante. Paredes cinzentas alaranjadas. Cerne cinzento.
2082	Nº 10	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Cozedura redutora, oxidante. Parede externa laranja, parede interna cinzenta escura.
2082	Nº 11	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Cozedura redutora, oxidante. Parede externa laranja, parede interna cinzenta escura.
2082	Nº 12	1 fragmento médio	Superfície alisada. Presença de muita mica.	Cozedura oxidante. Paredes e cerne laranja
2082	Nº 13	1 médio fragmento médio e 1 pequeno que colam	Superfície alisada.	Cozedura oxidante. Paredes e cerne laranja
2082	Nº 14	2 fragmentos pequenos colados	Superfície alisada.	Cozedura redutora e oxidante. Parede externa castanha acinzentada e parede interna laranja. Cerne cinzento.
2082	Nº 15	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura oxidante. Paredes e cerne laranja.
2014	Nº 1	1 fragmento pequeno	Superfície alisada.	Cozedura redutora. Parede externa castanha escura, parede interna e cerne negro.
2014	Nº 2	1 fragmento pequeno	Superfície alisada.	Cozedura redutora. Parede externa castanha escura, parede interna e cerne negro.
2014	Nº 3	1 fragmento médio	Superfície alisada. Presença de muita mica e quartzo.	Cozedura redutora. Parede externa castanha avermelhada. Parede interna bege. Cerne castanho.
2194	Nº4083	1 fragmento grande de bojo	Superfície alisada.	Cozedura redutora/oxidante. Parede externa vermelha. Parede interna castanha. Cerne cinzento escuro.
2194	Nº1	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Cozedura redutora. Parede externa castanha avermelhada. Parede interna cinzenta escura. Cerne castanho acinzentado.
2194	Nº2	2 fragmentos médios e 1 pequeno que colam	Superfície alisada.	Cozedura redutora/oxidante. Parede externa laranja. Parede interna castanha. Cerne cinzento escuro.

2194	Nº3	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Cozedura redutora. Paredes cinzentas escuras. Cerne cinzento escuro.
2194	Nº4	1 fragmento médio	Superfície rugosa. Presença de muitos e.n.p's pequenos e médios.	Cozedura oxidante. Paredes laranja. Cerne bege.
2194	Nº5	1 fragmento médio	Superfície alisada. Pouca micácea.	Cozedura redutora. Paredes cinzentas escuras. Cerne cinzento escuro.
2194	Nº6.	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Cozedura redutora e oxidante. Parede externa vermelha. Parede interna cinzenta. Cerne bege.
2194	Nº7	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora. Paredes cinzentas e beges. Cerne castanho.
2194	Nº8	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Cozedura redutora. Parede externa castanha. Parede interna cinzenta escura. Cerne cinzento escuro.
2194	Nº4090	2 fragmentos médios que colam	Superfície com aguada superficial. Decoração com linhas vermelhas na diagonal. Presença de uma perfuração cónica na parede.	Cozedura redutora. Parede externa bege. Parede interna cinzenta escura. Cerne cinzento escuro.
2194	Nº9	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Cozedura oxidante. Paredes laranja. Cerne bege.
2194	Nº10	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Cozedura redutora/oxidante. Parede externa laranja. Parede interna cinzenta. Cerne cinzento e bege.
2194	Nº11	3 fragmentos médios que colam	Superfície rugosa. Pasta muito arenosa.	Cozedura oxidante. Parede externa laranja. Parede interna bege. Cerne laranja.
2194	Nº12	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura oxidante. Paredes vermelhas. Cerne vermelho.
2194	Nº13	1 fragmento médio	Superfície rugosa. Abundância de e.n.p's pequenos e médios.	Cozedura redutora. Paredes castanhas. Cerne castanho.
2194	Nº14	1 fragmento médio	Superfície rugosa. Abundância de e.n.p's.	Cozedura oxidante. Paredes laranja. Cerne laranja.
2194	Nº15	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora/oxidante. Parede externa vermelha. Parede interna cinzenta. Cerne castanho.
2194	Nº16	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Cozedura redutora/oxidante. Parede externa vermelha. Parede interna cinzenta. Cerne castanho.
2194	Nº17.	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Cozedura redutora e oxidante. Parede externa castanha avermelhada. Parede interna bege. Cerne bege.
2194	Nº18	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Cozedura redutora. Parede externa castanha. Parede interna cinzenta. Cerne cinzento.
2194	Nº19	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Cozedura redutora, parede externa cinzenta. Parede interna cinzenta acastanhada. Cerne cinzento.
2194	Nº20	1 fragmento pequeno	Superfície alisada.	Cozedura redutora. Parede externa castanha. Parede interna castanha. Cerne cinzento.
2194	Nº21	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Cozedura redutora. Parede externa cinzenta e castanha. Parede interna (desgastada). Cerne bege.
2194	Nº 4085	1 fragmento médio	Superfície rugosa	Cozedura redutora, paredes castanhas e cerne cinzento.
2194	Nº 4087	1 fragmento médio	Superfície rugosa	Cozedura redutora, paredes castanho alaranjado. Cerne cinzento. Abundância de e.n.p's.
2264	Nº 4178	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Redutora e oxidante. Parede externa vermelha. Parede interna e cerne cinzento-escuro.
2264	Nº 4177	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Redutora e oxidante. Parede externa vermelha. Parede interna e cerne cinzento-escuro.
2264	Nº 4179	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Cozedura redutora. Parede externa castanha acinzentada. Parede interna e cerne cinzento-escuro
2227	N. 4126	1 fragmento pequeno	Superfície alisada.	Cozedura redutora. Parede interna cinzenta. Parede externa castanha e cinzenta. Cerne cinzento.
2227	N. 4124	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Cozedura redutora. Parede interna cinzenta. Parede externa cinzenta. Cerne castanho acinzentado.
2227	Nº 4123.	1 fragmento grande	Superfície alisada.	Cozedura redutora e oxidante. Parede interna cinzenta. Parede externa vermelha. Cerne cinzento-escuro.
2199	Nº 1	1 fragmento grande	Superfície externa alisada.	Paredes cinzentas. Parede externa com manchas castanhas. Cerne cinzento-escuro.
2199	Nº 2	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Paredes beges com manchas cinzentas. Cerne cinzento e castanho.
2199	Nº 3	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Paredes cinzentas. Cerne cinzento-escuro.
2199	Nº 3	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Paredes castanhas escuras. Cerne negro.
2199	Nº 4.	1 fragmento pequeno	Superfície alisada.	Paredes cinzentas e beges. Cerne cinzento-escuro.
2199	Nº 5	1 fragmento pequeno	Superfície rugosa.	Paredes beges. Cerne cinzento-escuro.
2199	Nº 6	1 fragmento pequeno	Superfície alisada.	Parede e cerne cinzento-escuro.
2199	Nº 7	1 fragmento pequeno	Superfície alisada.	Parede externa laranja. Parede interna cinzenta-escura. Cerne castanho.

2199	Nº 8	1 fragmento pequeno	Superfície alisada.	Cozedura oxidante. Paredes cor-de-laranja. Cerne cor-de-laranja e bege.
2199	Nº 9	1 fragmento pequeno	Superfície alisada.	Cozedura oxidante. Paredes cor-de-laranja. Cerne cor-de-laranja e bege.
2199	Nº 10	1 fragmento pequeno	Superfície alisada.	Cozedura oxidante. Paredes cor-de-laranja. Cerne cor-de-laranja e bege.
898	Nº 1	1 fragmento pequeno	Superfície rugosa.	Parede externa cor-de-laranja escura. Parede interna cinzenta – escura. Cerne bege.
898	Nº 2	1 fragmento pequeno	Superfície alisada.	Paredes beges. Cerne cinzento.
898	Nº 3	3 fragmentos médios	Superfície alisada.	Parede externa cor-de-laranja e bege. Parede interna cinzenta-clara. Cerne bege.
898	Nº 4	2 Fragmentos médios	Superfície alisada.	Parede externa cor-de-laranja e bege. Parede interna cinzenta-clara. Cerne cinzento.
898	Nº 5	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Paredes castanhas-avermelhadas. Cerne cinzento.
898	Nº 6	1 fragmento pequeno	Superfície rugosa.	Parede externa bege. Parede interna cinzenta-escura. Cerne bege.
898	Nº 7	1 fragmento pequeno	Superfície alisada.	Paredes castanhas. Cerne cinzento-claro.
898	Nº 8	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Paredes castanhas. Cerne castanho-alaranjado.
898	Nº 9	1 fragmento pequeno	Superfície alisada.	Parede externa castanha-escura. Parede interna cinzenta. Cerne cinzento.
898	Nº 10	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Paredes cinzentas. Cerne cinzento.
898	Nº 11	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Paredes beges. Cerne laranja.
898	Nº 12	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Parede externa cor-de-laranja. Parede interna cinzenta. Cerne cinzento-claro.
898	Nº 13	1 fragmento médio	Superfície rugosa.	Paredes cinzentas. Cerne castanho.
898	Nº 14	1 fragmento pequeno	Superfície alisada.	Parede externa castanha escura. Parede interna cinzenta. Cerne castanho.
898	Nº 15	1 fragmento pequeno	Superfície alisada.	Paredes e cerne cinzento-escuro.
898	Nº 16	3 fragmentos pequenos	Superfície rugosa.	Parede externa bege com manchas cinzentas. Parede interna bege. Cerne bege.
898	Nº 17	1 fragmento pequeno	Superfície alisada.	Paredes cor-de-laranja. Cerne cor-de-laranja. Cozedura oxidante.
898	Nº 18	1 fragmento pequeno	Superfície alisada.	Parede externa bege. Parede interna cor-de-laranja. Cerne cinzento.
898	Nº 19	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Parede externa bege com manchas cinzentas. Parede interna bege. Cerne bege.
898	Nº 20	1 fragmento médio	Superfície alisada.	Parede externa bege com manchas cinzentas. Parede interna bege. Cerne bege.
898	Nº 21	3 fragmentos médios	Superfície alisada.	Parede externa bege com manchas cinzentas. Parede interna bege. Cerne bege.
898	Nº 22	1 fragmento pequeno	Superfície alisada.	Paredes cor-de-laranja. Cerne cor-de-laranja.
898	Nº 23	1 fragmento pequeno	Superfície alisada.	Paredes cor-de-laranja. Cerne cor-de-laranja.
898	Nº 24	1 fragmento pequeno	Superfície alisada.	Paredes cor-de-laranja. Cerne cor-de-laranja.
898	Nº 25	1 fragmento pequeno	Superfície alisada.	Paredes cor-de-laranja. Cerne cor-de-laranja.